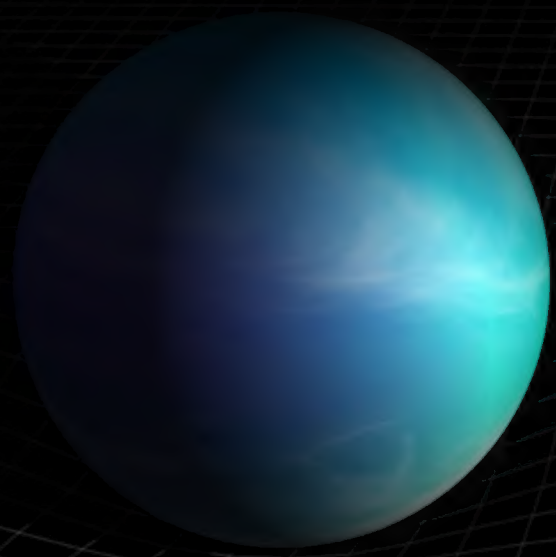
REVISTA
Criacionista
Publicação da Sociedade Criacionista Brasileira. Ano 41 – Nº 86 – 1º semestre/2012

A ORIGEM DO UNIVERSO
REVISÃO DA TEORIA DA RELATIVIDADE?



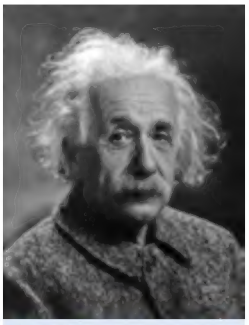
A ORIGEM DO HOMEM – 155 ANOS PERDIDOS

A ORIGEM DAS ESPÉCIES – RUPTURAS À VISTA?

Sociedade Criacionista Brasileira

Nossa capa

Apresentamos em "Nossa Capa" uma ilustração da "curvatura espaço-tempo" nas imediações de um planeta como nossa Terra, mostrando uma "malha" cuja deformação é representativa do efeito da massa do planeta sobre o campo gravitacional em suas proximidades.



Albert Einstein em 1947

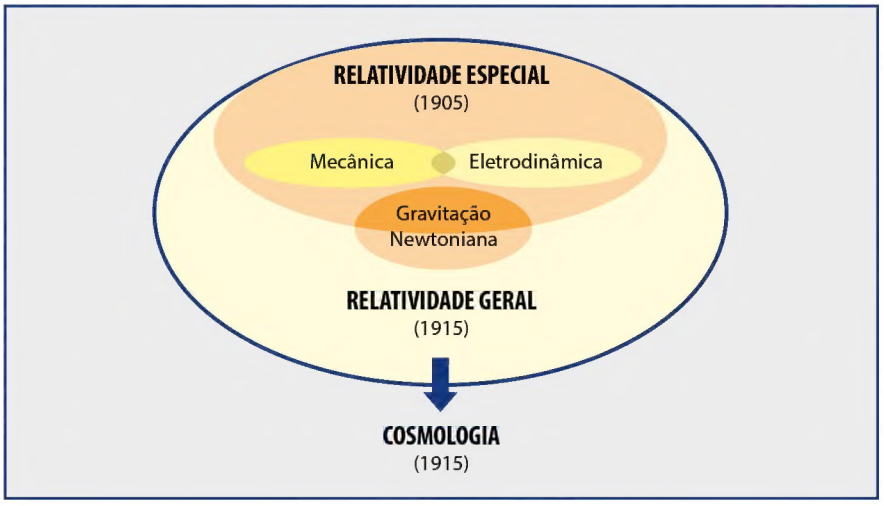
O conceito de "espaço-tempo" decorre da Teoria da Relatividade Geral elaborada por Albert Einstein em 1915, após a elaboração da Teoria da Relatividade Especial em 1905, e tem sido utilizado com sucesso nas aplicações da Teoria em escala cósmica.

A Teoria da Relatividade substituiu os conceitos independentes de espaço e tempo da Mecânica de Newton pela ideia de espaço-tempo como uma entidade geométrica unificada. O espaço-tempo na Teoria da Relatividade Especial (que precedeu em 1905 a Teoria da Relatividade Geral) consiste de uma variedade diferenciável de 4 dimensões, três espaciais e uma temporal (a quarta dimensão), munida de uma métrica pseudo-riemanniana, o que permite que noções de geometria possam ser utilizadas. É nessa teoria, também, que surge a ideia de velocidade da luz invariante.

A Teoria da Relatividade Especial tornou-se um caso particular da Teoria da Relatividade Geral em que são ignorados os efeitos da gravidade. Na Teoria da Relatividade Geral os efeitos da gravitação são integrados, surgindo daí a noção de espaço-tempo curvo.

Apesar de numerosos fenômenos terem sido estudados satisfatoriamente mediante a aplicação da Teoria da Relatividade Geral, permanecem algumas discrepâncias na interpretação de alguns fenômenos que têm sido estudados experimentalmente, motivo pelo qual têm sido propostas alterações a serem feitas na Teoria. Neste número da Revista Criacionista, destaca-se a notícia intitulada "Está na hora de começar a rever a Teoria da Relatividade", em que é apresentada entrevista do físico brasileiro Mario Novello ao Jornal da Ciência (versão eletrônica) tecendo interessantes considerações em torno de aspectos cosmológicos relacionados com a Teoria da Relatividade Geral.

Mário Novello é pesquisador internacionalmente reconhecido, e trabalha no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. O título da notícia que transcrevemos neste número da Revista Criacionista aponta para a afirmação feita por ele em sua entrevista ao Jornal da Ciência: "O momento é de começar a pensar em alterar um pouco a Teoria da Relatividade Geral de Einstein, o que vai mudar nossa visão da Cosmologia".



COSMOLOGIA MODERNA - CRONOLOGIA		
Einstein	1917 - Universo Estático	Idade Antiga
Friedmann	1922 - Modelos de Big-Bang	
Hublle	1929 - Expansão do Universo	Idade Média
Penzias & Wilson	1965 - Radiação de 3K	
Freeman & Rubin	1970 - Matéria Escura	Idade Moderna
Mather & Smoot	1990 - Anisotropias da RCF	
Alan Guth	1981 - Inflação	
Riess & Perlmutter Energia Escura	1998 - Aceleração (SNe Ia)	Conteporânea
Gravidade Alternativa?	2017 - ?!	

Editorial

NOTA EDITORIAL ACRESCENTADA À REEDIÇÃO DESTE NÚMERO DA FOLHA CRIACIONISTA

A reedição deste número e dos demais números dos periódicos da Sociedade Criacionista Brasileira faz parte de um projeto que visa facilitar aos interessados o acesso à literatura referente à controvérsia entre o Criacionismo e o Evolucionismo.

Ao se terminar a série de reedições dos números dos periódicos da SCB e com a manutenção do acervo todo em forma informatizada, ficará fácil também o acesso a artigos versando sobre os mesmos assuntos específicos, dentro da estrutura do Compêndio "Ciência e Religião" que está sendo preparado pela SCB para publicação em futuro próximo.

Os Editores responsáveis da Folha Criacionista

Ruy Carlos de Camargo Vieira e Rui Corrêa Vieira

Brasília, Janeiro de 2017

É com satisfação que a Sociedade Criacionista Brasileira traz à luz este número 86 de seu periódico "Revista Criacionista", referente ao primeiro semestre de 2012. Sim, porque dentre numerosos outros fatores, ressalta especificamente o de ter sido completado em abril deste ano o quadragésimo ano de vida da Sociedade.

Já em números anteriores da Revista Criacionista ressaltamos as comemorações que foram programadas para a comemoração desses 40 anos de vida, cabendo agora apenas mencionarmos que no primeiro semestre deste ano tivemos a oportunidade de comemorar essa efeméride com chave de ouro em nosso XII Seminário "A Filosofia das Origens" (o primeiro a ser realizado no exterior), em Cochabamba, Bolívia.

Neste número da Revista Criacionista, trazemos informações sobre a realização desse XII Seminário em maio, e também sobre o XIII Seminário programado para ser realizado no Rio de Janeiro em agosto, ambos neste ano de 2012.

Este número 86 da Revista Criacionista está sendo publicado em CD juntamente com os demais números que passaram a ser publicados somente em edição eletrônica, a partir do número 73, do segundo semestre de 2005. Desta forma, passam a estar disponíveis em edição eletrônica 14 números desse nosso periódico. Em breve esperamos também ter a reedição dos números 1 a 23 da Folha Criacionista, que já há algum tempo estão esgotados, e que assim passarão também a estar disponíveis em edição eletrônica.

Alegramo-nos, também, porque, ao encerrarmos este quadragésimo ano de existência da SCB, pudemos terminar a edição dos 7 vídeos que faltavam para completar a série "As Maravilhas da Criação" e também os 2 que faltavam para completar a série "Do Ararate ao Araripe". Da mesma forma, pudemos terminar a reedição dos 4 vídeos da série "De Olho nas Origens", de maneira que hoje temos disponíveis 19 vídeos para vários tipos de público que possa se interessar por assuntos criacionistas, que usualmente não são de fácil acesso.

Desejamos destacar, ainda, a publicação do livro "A Semana da Criação", que certamente constituirá uma leitura de bastante interesse para aqueles que apreciem estudos bíblicos sobre o tema da Criação. Recomendamos, particularmente, a leitura desse livro como estudo adicional para os que estudarão sistematicamente no primeiro trimestre de 2013 as lições da Bíblia sobre a Criação, no âmbito das classes de estudo da chamada "Escola Sabatina", na Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ao encerrar-se, neste semestre, o quadragésimo ano da SCB, expressamos a Deus nosso agradecimento pelas numerosas bênçãos concedidas para a consecução dos objetivos da Sociedade, na proclamação da mensagem angélica de Apocalipse 14:6-7. Que Deus seja sempre louvado, é nosso desejo!

Os Editores

Sumário

05 - 155 ANOS PERDIDOS
Roberto César de Azevedo

23 - A REAÇÃO DA NOMENKLATURA CIENTÍFICA CONTRA OS DISSIDENTES DE DARWIN
Enézio E. de Almeida Filho

Notícias

34 - A REAÇÃO DA NOMENKLATURA CIENTÍFICA CONTRA BEN CARSON

37 - UM UNIVERSO SIMPLES

39 - 'ESTÁ NA HORA DE COMEÇAR A REVER A TEORIA DA RELATIVIDADE

43 - CONFERÊNCIA ANALISA CONTINUIDADE E RUPTURAS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO

45 - A ESSÊNCIA ESPIRITUAL DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES

47 - ECOS DO VELHO TESTAMENTO

48 - XII SEMINÁRIO SOBRE "A FILOSOFIA DAS ORIGENS" E "I ENCUENTRO DE CREACIONISMO"

52 - XIII SEMINÁRIO "A FILOSOFIA DAS ORIGENS"

REVISTA Criacionista

Publicação periódica da Sociedade Criacionista Brasileira (SCB)

Telefone: (61)3468-3892

Sites: www.scb.org.br e www.revistacriacionista.org.br

E-mail: scb@scb.org.br

Edição Eletrônica da SCB

Editores:
Ruy Carlos de Camargo Vieira
Rui Corrêa Vieira

Projeto gráfico:
Eduardo Olszewski
Michelson Borges

Adaptação e atualização do projeto gráfico:
Renovacio Criação

Diagramação e tratamento de imagens:
Roosevelt S. de Castro

Ilustrações:
Victor Hugo Araujo de Castro

Os artigos publicados nesta revista não refletem necessariamente o pensamento oficial da Sociedade Criacionista Brasileira. A reprodução total ou parcial dos textos publicados na Folha Criacionista poderá ser feita apenas com a autorização expressa da Sociedade Criacionista Brasileira, que detém permissão de tradução das sociedades congêneres, e direitos autorais das matérias de autoria de seus editores.

Sociedade Criacionista Brasileira

Revista Criacionista / Sociedade Criacionista Brasileira
v. 41, n. 86 (Março, 2012) – Brasília: A Sociedade, 1972-.
Semestral
ISSN impresso 2526-3948
ISSN online 2525-3956
1. Gênese. 2. Origem. 3. Criação
EAN Nº 977-2526-39400-0

ANCESTRALIDADE HUMANA

Na Revista Criacionista nº 75, do segundo semestre de 2006, foi publicado artigo do mesmo Autor intitulado "150 Anos Perdidos", onde foi feita uma síntese crítica dessas idas e vindas que têm caracterizado a visão evolucionista da ancestralidade humana, dividindo didaticamente os 150 anos "perdidos" em três períodos de 50 anos. Neste artigo, enviado à Comissão Editorial da Revista Criacionista em 9/9/2011, o Autor complementa, amplia e atualiza seus comentários anteriores, abrangendo adicionalmente os últimos cinco anos da busca do "elo perdido".

Roberto César de Azevedo

Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela USP, Mestre em Ciências da Comunicação pela USP.

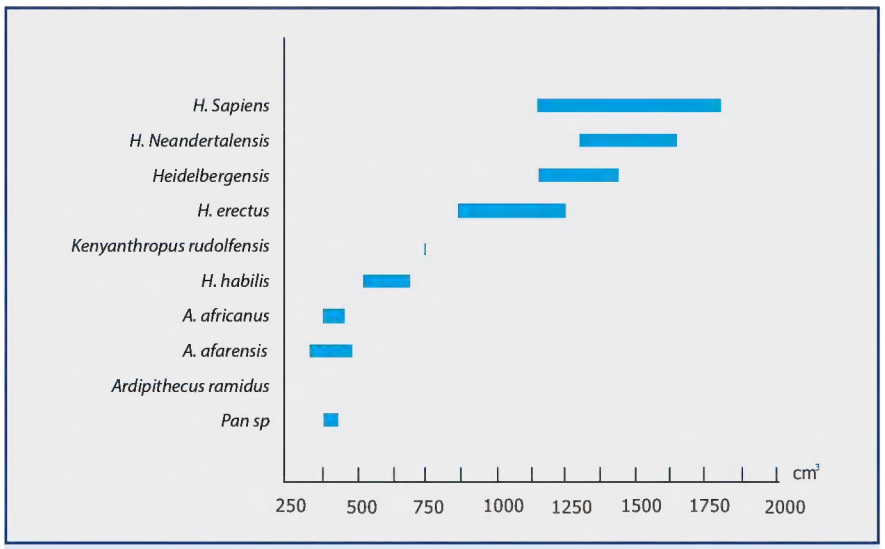
155 ANOS PERDIDOS!

Depois de décadas de estudo, Darwin apresentou em seu livro *A Origem das Espécies* a proposta da "Árvore da Vida", com um tronco de onde surgiram todas as espécies atuais. Um dos últimos ramos abrangeria os macacos, onde estariam incluídos os seres humanos. Partindo do homem atual e retrocedendo no tempo, os seres humanos anteriores a nós seriam menos inteligentes, abrutalhados e simiescos. Sua estatura seria pequena, assim como sua capacidade craniana muito menor do que os 1.450 cm³ do homem atual.

A mesma IDEIA aparece nos mais renomados autores atuais, como Zimmer, Stringer, Hickman, Audesirk, Gould, Carrol, Tudge, Dawkins, Cremo, D'Amaro,[1] onde a regra é a diminuição progressiva do tamanho cerebral, a partir dos atuais humanos. Dito de outro modo, quanto maior for o volume cerebral dos primatas, maiores seriam as chances de serem inteligentes e humanos.

Dawkins imagina que foi somente a partir de 750 cm³ que os primeiros indícios de inteligência poderiam surgir, e isto teria ocorrido com o *Homo habilis*. Recuando ainda mais no tempo, chegaríamos a um ancestral comum, um fóssil que teria originado de um lado os chimpanzés, com capacidade craniana de aproximadamente 400 cm³, e outro ramo do qual teriam surgido os seres humanos. Antes disto, passaríamos pelo *Australopithecus* (capacidade craniana com pouco mais de 400 cm³) e então, na base deste ramo, teríamos o *Ardipithecus ramidus* (capacidade craniana de 410 cm³).

Este segmento da "Árvore da Vida" sugerida por Darwin é o mais estudado dentre todos os demais, exatamente por envolver os seres humanos. Apenas como exemplo, Richard Dawkins reserva 1/3 de seu livro *A Grande História da Evolução* [2],



Capacidades cranianas dos símios ao homem

para explicar o ramo de nossos antepassados com características de pequenos primatas. Há abundante literatura sobre estes estudos, sempre procurando formas simiescas, cérebros cada vez mais reduzidos.

Não apenas Darwin afirma sobre nossa ancestralidade a partir de seres simiescos, mas logo após o lançamento de seu livro em 1859, no ano seguinte, na Universidade de Oxford ocorreu uma célebre discussão entre Thomas Henry Huxley e Samuel Wilberforce, o qual lhe perguntou se foi através da sua avó ou seu avô que ele alegava a descendência de um macaco. Huxley respondeu que não hesitaria em afirmar a sua preferência pelo macaco, em vez de um homem que possuía grande capacidade de influência, mas que introduzia o ridículo em uma discussão científica séria. Foi ovacionado. Thomas Huxley, por sua grande argumentação em defesa de Darwin, ficou conhecido como o "buldogue de Darwin".

Nessa ocasião, Darwin e Huxley tinham certeza absoluta da verdade de suas ideias, pois *sabiam* que encontrariam centenas de elos intermediários simiescos em pouco tempo. Para Darwin, o número desses elos era "inconcebivelmente grande", "incontável"[3]. Seria uma tarefa muito fácil encontrá-los. Essa afirmação, entretanto, teria que passar pelo crivo da evidência fóssil, pois era uma suposição e não um fato demonstrado, e esse processo se iniciaria em poucos anos.

Durante muito tempo, para "dourar a pílula", a afirmação era de que não viemos de um macaco, mas na realidade de um longínquo ancestral que parecia com um macaco. Como o *Neandertal* era o fóssil disponível, e tinha que ser simiesco, assim foi ele descrito.

Dobzhansky menciona que, no início do século 20, havia alguns evolucionistas que pensavam que a *raça* branca teria surgido de um ancestral semelhante ao chimpanzé, a negra, de um fóssil de gorila, e a *raça* amarela, de um fóssil parecido com um orangotango[4]. Após a descoberta do número de cromossomos, notaram que os chimpanzés, gorilas e orangotangos tinham 48 cromossomos, o que reforçou a ideia, pois inicialmente, a contagem dos cromossomos humanos também era de 48. Portanto, os seres humanos seriam da mesma espécie que os chimpanzés, gorilas e orangotangos.

Estudos mais detalhados mostraram que os seres humanos tinham apenas 46 cromossomos, o que apontava para uma semelhança de 95,8% ou uma diferença de apenas 4,2% em relação às três espécies mencionadas. Como a batata possui 46 cromossomos, poderíamos imaginar que seria também uma espécie muito semelhante aos seres humanos...

Nos anos seguintes, o chimpanzé foi eleito como o mais próximo dos seres humanos. Em maio de 2005 a revista "Ciência Hoje", de forma destacada, para provar que ocorreu a evolução humana a partir de símios, apresentou uma ilustração em que uma macaca, prestes a dar à luz, tem em seu ventre um bebê humano. Esta seria uma evidência de que macacas ancestrais nos teriam originado[5]. Na página seguinte, um estudioso macaco analisa os céus usando uma luneta...

Divulgou-se amplamente nos livros e na mídia que somos 99,4% chimpanzés e apenas 0,6% humanos, a partir da comparação de apenas 1% dos genes respectivos. Posteriormente, essa diferença foi ampliada para 6,4%, ou 10 vezes mais! As semelhanças seriam de 93,6%, e análises mais cuidadosas poderão ampliar as diferenças.[6]

A ideia dada por Darwin e Huxley tornou-se tão forte, que na mídia escrita e em filmes e no linguajar afirma-se que nossos ancestrais humanos eram realmente simiescos, abrutalhados e os chamam de *Trogloditas*. Porque Trogloditas? Se observarmos o nome científico do chimpanzé entenderemos: *Pan troglodytes*. O significado de *troglodytes* é "morador das cavernas".

Durante as comemorações dos 150 anos de Darwin, em 2009, foi publicado em português o livro de Richard Dawkins "A Grande História da Evolução", onde ele faz uma comparação enganosa, tomando duas variedades de salamandras, uma com manchas amarelas e negras e outra sem. Então as compara com duas espécies diferentes (chimpanzés e seres humanos) e afirma: "**suponhamos** que nós, humanos e os chimpanzés sejamos uma espécie entrelaçada"[7]. Depois, imagina que a suposição é um fato científico demonstrado, e passa a acreditar nela! Dawkins dá um passo mais ousado ainda. Ele imagina que os chimpanzés e

os seres humanos são da mesma espécie[8].

Há um movimento, na Inglaterra, para que os chimpanzés tenham os mesmos direitos humanos, que sejam libertados das prisões dos zoológicos, tenham carteira de identidade, de habilitação para dirigir e, evidentemente, poderiam também se casar com seres humanos.

Para Jared Diamond, há três espécies de chimpanzés:

- *Pan troglodytes,* o chimpanzé comum, cujo nome significa "morador de cavernas";
- *Pan paniscus,* conhecido como "bonobo", um chimpanzé menor (o significado de *paniscus* é "pequeno");
- *-Pan sapiens,* chimpanzé chamado de "ser humano" *(sapiens),* pois Jared Diamond considera arrogância chamar de *Homo sapiens* o ser humano.[9]

Vamos analisar cuidadosamente o que ocorreu nestes últimos 155 anos de profundas e custosas pesquisas acerca de nossos ancestrais. Este artigo foi publicado anteriormente e estamos aqui atualizando os dados apresentados na sua versão original[10].

O nosso foco é verificar as evidências fósseis de nossos supostos ancestrais, a partir do homem moderno, chegando aos mais próximos, e então aos mais distantes, dos quais teríamos surgido, na base deste ramo da árvore evolutiva.

O grande esforço é demonstrar solidamente que os macacos realmente são nossos ancestrais, através de elos de espécies fósseis interligando as mesmas de forma contínua, durante este período.

O Que Chamamos de Gênero *Homo* ou "Ser Humano"? Para uma espécie fóssil estar incluída como "ser humano" ela deve satisfazer alguns critérios mínimos:

- Crânio muito superior ao dos macacos, com volume cerebral acima de 1.000 cm^3;
- Estrutura facial humana;
- Pés humanos (exclusivos dos seres humanos), para o andar bípede e ereto;
- Mãos humanas (exclusivas dos seres humanos), aptas para fabricação de utensílios;
- Dentes molares menores do que os dos *Australopithecus;*
- Estrutura adequada para a fala.

De 1856 a 1906

Três anos antes de Darwin publicar o seu livro "A Origem das Espécies" em 1859, foi encontrado na Alemanha o primeiro exemplar do "Homem de Neandertal".

A nova teoria necessitava de evidências que a comprovassem, e havia sido iniciada uma grande maratona em busca dos ancestrais humanos simiescos, os elos de interligação entre antropoides e humanos. Na mente de Darwin seriam encontradas milhões de formas intermediárias. O fóssil que existia então era apenas o do Neandertal, o qual sofreu o impacto da ideia Darwiniana, defendida ardorosamente por Huxley como "verdade científica", tornando-se o elo do passado entre símios e homem. Para tanto, contudo, era preciso que saísse de sua posição humana e se tornasse abrutalhado, bestial e simiesco. Foi o que aconteceu!

De fato, Marcelin Boule, auxiliado por Teilhard de Chardin, idealizou o que seria este elo de transição, influenciado por Darwin, tornando o Neandertal o elo necessário. Descuidaram, entretanto, de observar que a capacidade craniana do Neandertal era de aproximadamente 1.600 cm^3, maior do que a do homem atual (1.450 cm^3), ao contrário do que dizia Darwin, que deveria ser menor.

Ainda no ano de 1856, foram descobertos dois outros fósseis, o *Dryopithecus*, macaco arbóreo, parecido com um orangotango, e o *Oreopithecus*, semelhante ao anterior. Foram colocados ambos na base deste ramo ancestral dos humanos atuais. Deste modo a árvore evolutiva humana estava começando a tomar forma.

Em 1868 foram encontrados três crânios de fósseis de homens anatomicamente modernos em cavernas da França, os *Cro-Magnon*, com mais de 1,80 m de altura e capacidade craniana entre 1.600 cm^3 e 1.700 cm^3, contrariando novamente a ideia de Darwin de um ser humano simiesco e abrutalhado e com cérebro pequeno.

Contra toda a evidência do volume cerebral superior do Neandertal (1.500 a 1.600 cm^3) e Cro-Magnon (1.600 a 1.700 cm^3) comparados com os 1.450 cm^3 do homem atual, não perceberam o óbvio: os seres humanos pré-históricos poderiam ser superiores, e não inferiores aos atuais.

Em 1891, Eugene Dubois encontrou em Java uma calota craniana aparentemente humana, dentes de primatas e um fêmur aparentemente humano a 14 metros de distância. Ele achou que pertenciam a um chimpanzé. Mas ao se corresponder com Ernst Haeckel, mudou de ideia e imaginou que o elo perdido tinha sido encontrado. Foi chamado de *Pithecanthropus erectus* ("macaco/homem ereto") e depois *Homo erectus*. Este Haeckel foi o mesmo que, em 1868, fraudou os desenhos de embriões para que se tornassem semelhantes entre si, como "prova" da evolução, argumento que permaneceu durante quase um século e meio nos livros didáticos.

De 1906 a 1956

Deste modo, desde a publicação do livro "A Origem das Espécies" até 1906, ou seja, durante meio século, os elos macaco/homem eram muito débeis. O "Homem de Neandertal" era um ser humano que propositadamente foi transformado em um ser abrutalhado parecido com macaco, o "Homem de Java" era uma composição frágil entre ossos dispersos, e os dois fósseis colocados na base eram nitidamente de macacos.

Em 1907, foi encontrado na localidade de Mauer, perto da cidade de Heidelberg, na Alemanha, uma mandíbula e alguns ossos de um fóssil aparentemente humano, com uma capacidade craniana de aproximadamente 1.200 cm^3, o qual foi denominado *Homo heidelbergensis*. Em 1921, em uma mina da Rodésia (hoje Zâmbia), foi descoberto outro fóssil, chamado inicialmente de *Homo rodhesiensis*, muito parecido com o da Alemanha, o qual hoje é considerado como sendo da mesma espécie que o fóssil de Heidelberg. Em 1909 foi descoberto, o *Proconsul*, que vivia em árvores, sendo, portanto, fóssil de macaco. No ano seguinte, foi descoberta uma mandíbula em Fayum, no Egito, semelhante a um fóssil de chimpanzé, que foi chamado de *Parapithecus*. Note o risco de imaginar um fóssil constituir um "elo" intermediário a partir de uma mandíbula!

Era, portanto, urgente conseguir provas mais poderosas. E uma suposta prova surgiu em 1912, sendo encontrada por Charles Dawson, com ajuda de Teilhard de Chardin, na região de Piltdown, Inglaterra. Era uma parte de ossos cranianos humanos e uma mandíbula simiesca,[11] exatamente como previram Darwin e Huxley! A descoberta foi considerada um dos maiores achados do século que se iniciava, e proclamada como a prova fundamental da evolução da espécie humana. E lhe deram o nome de *Eoanthropus* ("Homem da aurora"), ou *Homo dawsoniensis*. Sua idade foi calculada entre 400 mil a 1 milhão de anos, e sua capacidade craniana em 1.400 cm^3.

A partir de 1954, entretanto, constatou-se que era possivelmente uma das maiores fraudes da ciência moderna. Havia sido fabricada para ser o elo de ligação conforme imaginavam os evolucionistas. Os dentes da mandíbula de macaco foram limados para parecerem humanos, e os ossos humanos, "envelhecidos" com substâncias químicas.[12]

Outra tentativa de encontrar o "elo" perdido humano ocorreu em 1922, com o "Homem de Nebraska" ou *Hesperopithecus haroldcookii*, que foi datado com aproximadamente 6 milhões de anos, a partir de apenas um dente molar – que posteriormente constatou-se que era de um porco selvagem americano ("pecari"). Foi uma observação mal feita e uma dedução precipitada. Quando os dados são incompletos, é preciso prudência quanto à sua interpretação!

Entre 1924 e 1925, Raymond Dart, da África do Sul, recebeu duas caixas de ossos fossilizados, de uma pedreira de calcário

RESUMO DE 1856 A 1906

Nesses primeiros 50 anos, cinco prováveis "elos" foram encontrados (um a cada 10 anos, em média).

Com base nas ideias de Darwin e Huxley, foi transformado um ser humano com capacidade craniana superior ao homem moderno (1.600 cm^3) em um ser abrutalhado e simiesco.

Como provável "elo" transicional foi colocado o *Homo erectus*, e na base deste "ramo evolutivo" estariam o *Dryopithecus* e o *Oreopithecus*, fósseis parecidos com macacos arbóreos, e tidos como o início, ou o tronco da "Árvore *Hominidae*".

Onde estariam as centenas de elos transicionais sugeridas por Darwin?

em Buxton, perto da cidade de Taung, distante 320 quilômetros de Johannesburg. Entre eles havia um crânio que Dart, professor de anatomia, considerou que era uma raça extinta de símios, intermediária entre antropoides vivos e o homem. No mesmo ano (1925), foi contestado por Grafton Elliot Smith: "o crânio de Taung (*Australopithecus*) ... era essencialmente idêntico às características próprias de infantes de gorila e chimpanzés". Dart ficou consternado e se afastou das pesquisas. Mas seu amigo, Robert Broom assumiu a batalha. Dart conta que Broom, logo que o crânio de Taung apareceu, correu até o laboratório e ajoelhou-se "em adoração a nosso ancestral".[13] O *Australopithecus* era um macaco fóssil pleno e não um elo de ligação com os seres humanos, mas apesar da advertência de Smith, foi aceito como elo transicional.

Em 1927, Davison Black descobriu três dentes, próximo a Beijing, China, e sugeriu que pertenciam ao "Homem da China", o *Sinanthropus*. Em 1928 foi encontrado um crânio completo. Eles foram considerados como *Homo erectus*.

Em 1932 foi encontrada uma mandíbula de um fóssil que foi chamado de *Ramapithecus*, o qual posteriormente foi considerado um orangotango fóssil.

Em 1935, Gustav von Koeningswald encontrou em uma farmácia de Hong Kong alguns dentes muito grandes e supôs que se tratava de dentes fósseis. Posteriormente outros pesquisadores encontraram muitos dentes de grande porte, e inclusive algumas mandíbulas. Estes fósseis receberam o nome de *Gigantopithecus blacki*. Eram do maior primata fóssil conhecido, provável ancestral de gorila.

Teilhard de Chardin, certamente preocupado com seu envolvimento na desonesta desfiguração do Neandertal e na possível participação da fraude de Piltdown, procurou alicerçar-se melhor no duvidoso "elo" de Java (*Pithecanthropus erectus*), e sugeriu a von Koenigswald, em 1936, que procurasse a Instituição Carnegie dos EUA, onde conseguiu recursos avultados para prosseguir as buscas do "Homem de Java". Tendo conseguido tais recursos, prosseguiu nas buscas. Apesar de morar em Bandung (Java), cerca de 320 km de distância de onde havia indícios de fósseis, pagou um bom preço por cada pedaço adicional de ossos do crânio ou dentes, mas não tinha controle de onde vinham os dentes e ossos. Apesar disso, reconstruiu um crânio, o *Pitecanthropus II*, e o enviou a Eugene Dubois, que acusou Koenigswald de falsificação, embora mais tarde tendo se retratado.

A partir de 1936, Broom encontrou fósseis aos quais denominou *Paranthropus* (cujo significado é "quase homem"), considerando-o um possível elo

RESUMODE 1906 A 1956

Nos seguintes 50 anos, mais 12 possíveis elos foram encontrados (média de 1 a cada 4,2 anos). Nesse período, os evolucionistas supostamente conseguiram encontrar o "elo" entre o homem e o macaco. O "Homem de Piltdown" foi considerado a maior descoberta do século XX. Depois de quarenta anos, veio a decepção: era uma monumental fraude.

Outro "elo", o "Homem de Nebraska", foi o resultado de uma observação mal feita, confundindo um fóssil de porco com um ser humano.

Na China, descobriram mais um possível "elo" transicional, o *Homo erectus* de Pequim.

No ramo intermediário foi colocado o *Australopithecus* (possível fóssil de chimpanzé) e o *Paranthropus*, com crista sagital, portanto macaco.

Na base desse ramo evolutivo colocaram o *Proconsul*, o *Parapithecus* baseado em uma mandíbula, o *Ramapithecus* (possível orangotango fóssil), junto com o *Dryopithecus* e o *Oreopithecus*. O *Gigantopithecus* seria um possível fóssil de gorila.

Deste modo, durante um século, as evidências sobre a "verdade científica" de Darwin/Huxley manteve-se em crise, pois baseava-se em "elos" duvidosos e incompletos, interpretações precipitadas, além de uma devastadora fraude. A árvore evolutiva humana estava fragilizada. Afinal, onde estavam as centenas e milhares de formas intermediárias sugeridas por Darwin?

intermediário entre macaco e homem. Ocorre que o *Paranthropus boisei* (500 cm^3) possui uma crista óssea mais saliente na calota craniana, que é característica de gorilas machos. O *Paranthropus robustus* (530 cm^3) descoberto na África do Sul em 1950, não possui essa crista óssea, o que significa que pode ser uma fêmea. Ao invés de serem espécies diferentes, outra interpretação é que seriam o macho e a fêmea da mesma espécie. Seu nome original era *Australopithecus robustus*. Em outras palavras, o *Paranthropus* é um antropoide, símio, um macaco! Não é "elo" de ligação.

De 1956 a 2006

A situação estava difícil. Foi somente em 1959, ou seja, um século depois da publicação de Darwin, que foi encontrado o *Zinjanthropus boisei* por Mary Leakey, mas este não era elo, e sim um símio macho, pois tinha a crista sagital no crânio. Entretanto, durante todo este período, todos os livros de ciências e biologia apresentaram para os estudantes estes exemplos como provas "cientificamente sólidas" da evolução, como evidências comprovadas.

Os esforços evolucionistas foram renovados a partir da década de 1960. Várias equipes se espalharam pelo mundo procurando com afinco e dedicação, apoiados por fundações poderosas, dispondo de polpudas verbas em dólares, para encontrar o "elo" ou "elos" de ligação daquelas milhões de formas de transição.

A cadeia evolutiva humana é a mais estudada dentre todos os "elos" da famosa "Árvore da Vida". O resultado desta corrida frenética, iniciada após a repercussão da fraude de Piltdown em 1954, produziu alguns achados novos considerados fundamentais nesta "evolução da espécie humana", que aparece nos livros atuais. Foi um trabalho gigantesco.

No dia 17 de julho de 1959, Mary Leakey encontrou um crânio despedaçado no desfiladeiro de Olduvai, ao qual denominou de *Zinjanthropus boisei*, depois chamado de *Australopithecus boisei*, e posteriormente *Paranthropus boisei*. O problema é que possuía no crânio uma crista óssea bem distinta, o que o colocava como símio pleno.

No ano seguinte, em 1960, foi descoberto um fóssil denominado de *Kenyapithecus*, o qual seria um possível ancestral dos orangotangos atuais.

Voltemos agora nossa atenção para o *Homo habilis*, também descoberto em 1960 pela equipe do Dr. Leakey. Em 1987, Tim White e Don Johanson, encontraram no desfiladeiro de Olduvai o primeiro indivíduo *Homo habilis* (OH62) com os ossos do corpo nitidamente vinculados ao crânio.

Para grande surpresa dos evolucionistas, a criatura tinha apenas 1 metro e cinco centímetros de altura e braços relativamente compridos. Os alertas não faltaram. Por exemplo, no caso do *H. habilis*, Frota Pessoa declarava em 1973, há quase quatro décadas que "podem ser apenas populações de *Australopithecus africanus*"[14]. J. Lewis, anatomista do "Hospital Universitário St Bartholomew" de Londres, demonstrou que o pé do *Homo habilis* era arbóreo, adaptado à vida nas árvores e a mão era bem simiesca, própria para se pendurar em galhos de árvores.[15] O golpe final veio em 1999, pois o *Homo habilis* não preenchia os critérios mínimos da definição morfológica do gênero *Homo*.[16] Passou então a ser denominado *Australopithecus habilis*. Mais recentemente Tudge afirmava: "O *Homo habilis* não é suficientemente diferente do *Australopithecus*, para justificar que seja do gênero *Homo*"[17].

O *Ardipithecus ramidus* foi descoberto na Etiópia em 1994 e teria 4,4 milhões de anos. Somente foram encontrados alguns dentes e fragmentos ósseos de um braço, o que torna a evidência frágil e duvidosa. Apesar disto, foi colocado na base do ramo que originou os *Australopithecus*, os *Paranthropus*, o *Homo habilis*, o *Homo erectus* e o *Homo sapiens*, repetindo o erro de basear-se em dados incompletos e duvidosos. Uma temeridade!

Conforme já observamos antes, o *Australopithecus* encontrado por Dart em 1924 era um macaco fóssil. Já a partir de 1971, Mary Leakey sugeriu a "possibilidade de que o *A. robustus* e o *A. africanus* representassem o macho e a fêmea de uma mesma espécie".[18] Assim sendo, os *Australopithecus* são essencialmente macacos e a possível variabilidade entre eles resulta da diferença entre machos (com crista sagital) e fêmeas (sem crista sagital) da mesma espécie de antropoides, e não são elos de ligação ou ancestrais humanos. Até podemos

imaginar o resultado deste dimorfismo sexual, se existissem três ou quatro espécies de símios fósseis, cujos machos tivessem a crista sagital e as fêmeas não. Os machos seriam classificados como mais macacos e as fêmeas mais humanas, surgindo 6 a 8 opções.

Em 1972 foi descoberta uma mandíbula fóssil por Richard Leakey, junto ao lago Rudolf, depois conhecido como lago Turkana. Apesar de ter sido encontrada apenas uma mandíbula, deram-lhe o nome de *Homo rudolfensis*, cuja capacidade craniana seria de 700 cm^3 . Os dados eram escassos e incompletos, mesmo assim, manteve-se o fóssil como um elo humano. Uma aposta arriscada!

Em 1974 foi descoberto o fóssil da famosa "Lucy", ou *Australopithecus afarensis*, logo tida como ancestral humano. Mas posteriormente descobriram que seu cérebro era diminuto. Para Carrol, as fêmeas do *A. afarensis* são 50% menores que os machos.[19] Ou seja, é um macaco fóssil e não um "elo" intermediário, e não é um ancestral direto de ser humano.

Em 1984 foi anunciada outra descoberta de outro possível fóssil humano, o *Homo ergaster*, no Quênia, com capacidade craniana de 850 cm^3 . No ano seguinte, também no mesmo país, foi descoberta mais uma espécie de símio, o *Paranthropus aethiopicus*, com um crânio com capacidade de 510 cm^3, considerado o mais primitivo deles.

Em 1996 mais um *Australopithecus* foi descoberto, o *A. garhi*, na Etiópia, pela equipe de Tim White, e do etíope Berhane Asfaw. A capacidade craniana deste fóssil era de 450 cm^3, porém os ossos eram insuficientes para uma interpretação sólida.

No ano seguinte, foi encontrado o *Homo antecessor*, na serra de Atapuerca, Espanha. *Antecessor* significa "pioneiro", pois a partir dele teriam se originado os Neandertais, e então o homem moderno. Sua capacidade craniana seria de aproximadamente 1.000 cm^3, e sua idade, calculada em 800 mil anos.

A partir de 1997, começaram a se avolumar as evidências do grave erro de Darwin, Huxley e Boule, sobre os Neandertais. Depois de quase um século e meio de estudos, perceberam que eram atarracados, fortes, e sua capacidade craniana superior à do homem moderno. Os Neandertais cuidavam das crianças, sepultavam seus mortos, apreciavam as flores, cultivavam plantas medicinais, fabricavam tecidos e até tocavam flauta, pois evidências posteriores assim o indicaram. Veja o resultado da perigosa ideia imaginária de Darwin e dos evolucionistas!

"Provavelmente influenciados por ideias pré-concebidas (leia-se *evolucionistas* de Darwin), ... Boule ... sugeriu que o 'Homem de Neandertal' era bestial e simiesco, não podia estender as pernas, possuía cabeça inclinada para frente porque sua espinha evitava uma postura ereta. ... Esta imagem simiesca persistiu por muito tempo."[20] Foram perdidos aqui quase 140 anos!

Logo no início do século XXI, no ano de 2001, foi descoberto outro possível fóssil humano, o *Homo georgicus*, que seria uma espécie intermediária entre o *H. habilis* e o *H. erectus*. Sua capacidade craniana seria de 680 cm^3 e sua possível idade, de 1,8 milhões de anos.

O *Sahelanthropus tchadensis* ("Toumai"), descoberto em junho de 2002 pelo Dr. Michael Brunet, foi contestado menos de 48 horas após a descoberta. Não era um "elo" intermediário, mas um provável crânio de uma jovem gorila. [21]

No mesmo ano, foi descoberto no Quênia, pela equipe de Brigitte Senut, e Martin Pickford, o *Orrorin tugenensis*, a partir de alguns ossos de uma possível fêmea, e fragmentos de uma mandíbula. Sua capacidade craniana foi estimada em 395 cm^3 e teria uma provável idade de 6 milhões de anos. Observe que os ossos são fragmentados e incompletos. É uma evidência muito frágil, e é preciso muito cuidado antes de imaginar as características do ser ao qual pertenceram. No dialeto tugenense, significa "homem original", ou um elo fundamental da origem humana.

Em 2003, foram encontrados três crânios humanos, na aldeia de Herto, Etiópia, por Tim White, da Universidade da Califórnia em Berkeley (EUA). Foi considerado o "homem moderno mais antigo", recebendo o nome de *Homo sapiens idaltu*, ou "Homem de Herto". Sua estrutura é maior que o homem atual, e sua capacidade craniana ligeiramente superior ao homem moderno. Esta descoberta ocorreu 135 anos depois do *Cro-magnon*.[22]

Em 2004, na Ilha de Flores (a 400 Km de Java, Indonésia), descobriram um esqueleto de um possível homem pequeno, com 1 metro de altura e um crânio de apenas 417 cm^3, aproximadamente do tamanho de um chimpanzé. Teria sido um pigmeu ou sofrido de alguma doença. Alguns acham que não seria humano. Há possibilidade de análise de DNA, desde que os ossos não estejam mineralizados. Sua "idade" seria de 18.000 a 95.000 anos.

Neste mesmo ano, foi descoberto na Etiópia um fóssil, o *Ardipithecus kadabba*, que seria o predecessor do *Ardipithecus ramidus*, mas uma comparação mais cuidadosa indicou que seriam da mesma espécie, cuja capacidade craniana era a mesma (410 cm^3). A idade proposta foi de 5,8 milhões de anos.

Em 2005, Carl Zimmer apresentou em seu livro *Smithsonian Intimate Guide to Human Origins* uma foto comparando o *Neandertal* com o homem moderno, nas páginas 2 e 125. Nela fica evidente que a capacidade craniana do *Neandertal* (1.600 cm^3) é maior do que a dos seres humanos modernos, é perfeitamente humana, e contradiz toda a proposta evolutiva do aumento progressivo da capacidade craniana e da inteligência.

Zimmer, depois de usar o tamanho do cérebro como prova da cadeia evolutiva crescente, insiste que o cérebro do *Neandertal* era inferior (apesar de ser maior), contradizendo toda sua argumentação anterior. Sem saída para explicar, Carl Zimmer declara: "O crânio do *Neandertal* é maior do que o dos seres humanos atuais. Os paleoantropologistas suspeitam que a mente dele não funcionava como as nossas"[23]. Isto mostra o seu pensamento científico defeituoso, débil e circular. O mesmo autor afirmou antes que cérebros menores eram de macacos, e pelo aumento do volume cerebral se tornaram humanos e inteligentes. Como o *Neandertal* contradiz a regra, acredita que era um estúpido porque o cérebro era maior...

Um ano depois, aquelas mesmas fotos surgiram na imprensa brasileira. Em julho de 2006, foi publicado um artigo no jornal "O

RESUMO DE 1956 A 2006

Nos últimos 50 anos foram encontrados 19 prováveis "elos" intermediários (a média melhorou, passando a 1 fóssil descoberto a cada 2,6 anos) para chegar até o homem atual, demonstrando um esforço gigantesco, pois em todo o século anterior haviam sido descobertos apenas 17 fósseis candidatos a "elos".

Nesse período, o caminho percorrido foi o inverso do ocorrido na primeira fase. A ênfase foi transformar fósseis de macacos em possíveis "elos" intermediários dos seres humanos.

Surgiram vários possíveis "elos" transicionais do gênero *Homo*, como o *Homo rudolfensis*, *ergaster*, *antecessor*, *georgicus* e, finalmente, em 2003, o *idaltu*, aparentemente fortalecendo esse ramo evolutivo.

A partir da década de 90, começaram a surgir evidências preocupantes. O *Neandertal* desmentiu Darwin, Huxley e Boule. O *Homo habilis*, o elo principal, entrou em crise, pois ao encontrarem um fóssil mais completo, foi constatado que o fóssil anterior era de um macaco arbóreo.

Além disso, confundiram machos e fêmeas de mesma espécie de fósseis de macacos. Com isto, os *Australopithecus*, um dos "elos" transicionais para o gênero *Homo*, entraram em crise.

Na base do ramo apareceram o *Kenyapithecus* (possível fóssil de orangotango), o *Ardipithecus* a partir de alguns dentes e fragmentos de ossos, o *Sahelanthropus* (fóssil de gorila), e o *Orrorin*, a partir de uma mandíbula e ossos esparsos. Observe a fragilidade dessas evidências fósseis. De qualquer modo, agora desde a base ou tronco, passando pelos elos intermediários, a "árvore" estava delineada.

Um fato grave ocorreu nesse período. Foram silenciosamente descartados 7 elos da base: *Oreopithecus*, *Dryopithecus*, *Ramapithecus*, *Kenyapithecus*, *Proconsul*, *Parapithecus* e o *Gigantopithecus*, todos eles macacos fósseis e não "elos" humanos.

Após 150 anos, onde estão os milhares de "elos" intermediários de Darwin?

Estado de São Paulo", de autoria de Nicholas Wade, do NYT, com o título: "Cientistas vão sequenciar o DNA dos Neandertais".[24] No mês seguinte, a mesma foto saiu no jornal "Folha de São Paulo", com o título: "Humanidade pode ser 5% Neandertal, sugere DNA".[25]

Em novembro de 2006, a equipe de Svante Pääbo, do "Instituto Max-Planck" (Alemanha) indicou que o Neandertal possui 99,5% de seu DNA idêntico ao do homem moderno, e que teria 30.000 anos.[26] Entretanto, essa idade deveria ser mais recente, para ser possível a análise do DNA.

Fósseis do *Australopithecus anamensis* foram encontrados em meados da década de 90 no Quênia, constando, porém de apenas uma mandíbula e poucos ossos. Mas em 2006, foram novamente descobertos fósseis na Etiópia datados de 4,2 MAR. Isso permitia ter uma sequência evolutiva do *Australopithecus* em um só local. Constatou-se, então, que ele era um macaco fóssil e não um elo intermediário.

Em setembro de 2006 foi encontrado em Hadar, na Etiópia, em Selam, o crânio de um *Australopithecus* infante, que foi confundido com um bebê humano, com "braços longos, capazes de subir em árvores, e dedos curvos". O crânio, sem crista sagital, teria o volume de apenas 330 cm^3. Macaco pleno, mas imaginado humano! Observem o pensamento defeituoso e a falta de percepção, repetidos neste achado de Selam.

De 2007 a 2011

Atualizamos os dados a partir de 2007, e durante os cinco anos seguintes novamente fomos surpreendidos com novas evidências que aumentaram os problemas da proposta evolutiva.

Em março de 2007, foi noticiado que o *Homo rudolfensis* tinha, na realidade, um cérebro muito pequeno, e o crânio parecido com o do *Australopithecus*, que é um macaco fóssil, e não pode ser classificado como humano[27]. No mês de agosto do mesmo ano, com base em dois fósseis encontrados juntos no Quênia, foi reforçada a informação de 1999 que afirmava que o *Homo habilis* não está na linha evolutiva que leva à humanidade. Um dos fósseis era do *Homo habilis* e o outro do *Homo erectus*. Portanto, o *H. habilis* não teria originado o *H. erectus*.

O *Homo erectus* também entrou em crise, pois foi encontrado um surpreendente crânio diminuto, corroborando a ideia de "forte dimorfismo sexual", conforme a revista *Nature*.[28] A revista "Ciência Hoje" chamou a atenção para que o exemplar encontrado do *Homo erectus* era um "espécime muito pequeno – o menor encontrado até agora e, por isso, os pesquisadores põem em dúvida se essa espécie faz mesmo parte da pré-linhagem humana."[29]

No mês de março do ano de 2008, o *Orrorin tugenensis* foi motivo de muita discussão e polêmica, pois não seria um hominídeo bípede, mas somente um fóssil de macaco[30]. Além disso, como mencionamos, a evidência encontrada eram apenas poucos ossos e fragmentados, o que, por si só, demonstrava a fragilidade da proposta.

No mesmo mês, o *Homo antecessor* que teria originado o *Neandertal* e o homem moderno atual, foi questionado, porque a única evidência disponível era apenas uma mandíbula incompleta, e seria uma temeridade sugerir que fosse o tal ancestral.

Pior ainda foi o *Homo georgicus* que, ao ser melhor analisado, parecia realmente ser um intermediário entre o *Homo habilis* e o *Homo erectus*, os quais, como já vimos são apenas macacos, e todos devem ser excluídos do gênero *Homo*[31].

Outro fóssil encontrado nesse ano, foi o do *Australopithecus sediba*, por Lee Berger e Paul Dirks. Foram descobertos dois crânios. Posteriormente encontraram mais ossos. Uma análise cuidadosa mostrou que o cérebro era pequeno, os braços longos e que ele era arborícola. Além disso, como teria 2 milhões de anos, seria tardio demais. É, portanto, um macaco fóssil. Com isso, a crise dos *Australopithecus* como "elos" transicionais se acentua. São macacos fósseis e não elos!

Chegamos então a 2009, ano das comemorações dos 200 anos do nascimento de Darwin, e aos 150 anos do lançamento de seu livro "Origem das Espécies" em 1859. No mês de junho, um fóssil humano recentemente descoberto, o *Homo floresiensis* entrou em crise, pois constatou-se, após estudos mais cuidadosos, que suas características lembram um chimpanzé[32].

Entre outubro e novembro do mesmo ano, após 15 anos de intensos estudos, com grande destaque na imprensa, e como homenagem ao ano de Darwin, foram publicados nada menos que 11 artigos na revista *Science*, com grande repercussão na imprensa brasileira. Foi então apresentado o "Fóssil que revela a origem do homem" (*Estado*), "O mais antigo esqueleto de ancestral Humano" (*Folha*), e "Ardi, nossa avó" (*Ciência Hoje*).[33] A razão desta grande divulgação, é exatamente porque na base da árvore evolutiva estaria o *Ardipithecus ramidus*.

Entretanto, a evidência apresentada em 1994 era muito frágil, pois tinham encontrado apenas alguns dentes e fragmentos ósseos de um braço. Quando escrevemos o artigo anterior a este, destacamos que a "evidência era frágil e duvidosa"[34]. Depois de 15 anos veio a confirmação de que esse fóssil não revela a origem do homem, não é ancestral humano e jamais a "avó" de qualquer ser humano, ou do chimpanzé. Suas mãos e pés são arbóreos, para uma região de floresta densa. Enviamos algumas cartas para ajudar as pessoas a entender o significado desse fóssil. Para desespero dos evolucionistas, a "verdade científica" de Darwin/Huxley de que nossos ancestrais eram macacos, estava sendo desmentida exatamente no ano comemorativo de Darwin! Enviamos para a revista *Ciência Hoje*, a carta que foi publicada em março de 2010, com o título "Confusão Mental", transcrita a seguir:

A nota "Ardi, nossa avó' é esclarecedora de como estamos perdidos nessa história imaginária da evolução humana. O artigo desmente o título. Não é nossa avó, nem prima; é macaca ... desmente outra ideia imaginária, de que, andando no solo, nos tornamos bípedes...

Que fragilidade ... Diante dessa confusão mental, como ficam os cientistas? Sejamos honestos: isso produz ensino enganoso e confusão entre os estudantes. O modelo evolucionista está em crise. Pobres professores de biologia!"[35]

Logo no início de 2010, surge uma importante informação sobre os *Neandertais*, e novo golpe em Darwin. Eles também eram pintores de cavernas no Reino Unido. "Os achados livram de uma vez todos os Neandertais daquela visão estereotipada de completos estúpidos." Como observamos, Darwin e os evolucionistas é que transformaram este artista do passado em bestial, simiesco e estúpido[36].

No mês de março, foi encontrado na Groenlândia um fóssil

RESUMO DE 2007 A 2011

Nos últimos 5 anos a situação deste ramo ou árvore filogenética evolutiva humana entrou velozmente em crise aguda. As evidências foram arrazadoras. Todos os 9 prováveis elos transicionais do gênero *Homo* foram descartados: *heidelbergensis*, *antecessor*, *floresiensis*, *erectus* (Pequim e Java), *ergaster*, *habilis*, *rudolfensis*, *georgicus*. Anteriormente, dois outros haviam sido eliminados (*dawsoniensis* e *hesperopithecus*). Com isto desapareceram todos os "elos" transicionais do *Homo*.

O ramo de transição da base para o gênero *Homo*, com os 6 *Australopithecus* (prováveis elos transicionais) acentuaram a crise do período anterior. Todos eles são *prováveis* fósseis de macacos e não "elos" de ligação. A consequência é que devem ser descartados.

Os três *Paranthropus* saíram definitivamente da cadeia evolutiva humana. Lembramos que 7 elos da base já tinham sido descartados, e agora, o que restou dela está sendo abertamente contestado. Os dois *Ardipithecus* são macacos fósseis arbóreos, o *Orrorin*, baseado em fragmentos ósseos está sendo colocado em dúvida, e o *Sahelanthropus* é um macaco fóssil. Não sobrou nenhum "elo" na base do ramo *Hominídae*.

O que sobrou dos possíveis 34 elos desta árvore ou ramo evolutivo foram apenas três fósseis realmente ancestrais do Homem anatomicamente moderno: *Neandertal*, *Cro-Magnon* e *Idaltu*. Todos eles com capacidade craniana igual ou superior aos seres humanos atuais, desmentindo novamente a visão evolutiva.

humano que teria 4.000 anos, batizado de *Inuk*, encontrado no *permafrost* em 1986. A partir de tufos de cabelo, sequenciaram o seu DNA[37].

Em junho de 2010, surgem novas informações sobre os *Neandertais*. Cerca de 4% do material genético dos europeus e asiáticos são do *Neandertal*. Os homens modernos têm 99,84% de semelhança genética com os mesmos; tinham os genes da fala, e seu cérebro era 10% maior do que os nossos[38].

Em setembro de 2011, o *Australopithecus sediba* volta à cena, "para preencher um vazio na árvore evolutiva humana", como "provável antepassado humano"[39]. Mas a espécie seria tardia demais. Como notamos, seu cérebro é muito pequeno, sua estatura é baixa e é arborícola, ou seja, continua sendo um macaco fóssil.

Com base em vários livros atuais, (Zimmer, Stringer, Hickman, Audesirk, Gould, Carrol, Tudge, Dawkins, Cremo, D'Amaro),[40] apresentamos o quadro dessa cadeia evolutiva construído nos últimos 50 anos, e aceita pela maioria dos antropólogos evolucionistas. Acrescentamos, ainda, as propostas de autores anteriores a este período (Lewin, Thomas, Brainwood, Beçak/Frota Pessoa, Mussolini, Moore, Nestourk, Vallois, Harrison), e o que foi descoberto desde os cem anos anteriores.

A árvore sugerida para o surgimento dos seres humanos através do processo evolutivo foi basicamente a proposta por Zimmer. Ela procura resumir os passos dos elos intermediários entre a base, ou o tronco, passando pelos ramos até o extremo superior, onde estaria o *Homo sapiens sapiens*, anatomicamente moderno, com seu crânio com 1.450 cm^3 em média. É muito importante assinalar que o argumento mais destacado neste processo, é o contínuo crescimento do volume cerebral a partir do *Sahelanthropus*, com seus 350 cm^3, até o *Homem Anatomicamente Moderno* ou HAM.

Este ramo da árvore evolutiva, Zimmer chama de "Árvore Evolucionária *Hominidae*". Na base desse ramo ou árvore estariam os possíveis primeiros hominídeos (*Ardipithecus*, *Orrorin* e *Sahelanthropus*). Em seguida, os elos transicionais para o *Homo* (os *Australopithecus*) e os "quase homens" (ou *Paranthropus*), os quais foram deslocados da sequência evolutiva humana.

Chegamos, então, aos possíveis elos transicionais do gênero *Homo* (*heidelbergensis*, *antecessor*, *floresiensis*, *erectus*, *ergaster*, *habilis*, *rudolfensis*, *georgicus*), e então o gênero *Homo* realmente humano (*neandertal*, *cro-magnon* e *idaltu*). No extremo superior o *Homo sapiens sapiens*.

Para facilitar ao leitor, fizemos um resumo de toda esta exposição sobre a ancestralidade humana proposta pelo Evolucionismo, e as evidências científicas atuais a respeito de cada um dos representantes sugeridos.

A suposição de Darwin, de que seriam encontrados "incontáveis" elos intermediários falhou, abalando seriamente o ramo *Hominidae*. Mas como foi esse o segmento mais estudado até agora em relação a todos os demais fósseis da gigantesca "Árvore da Vida", também esta entrou em crise. Observe as consequências:

- Como no ramo *Hominidae* foram encontrados apenas 34 elos, não existem os incontáveis elos propostos, pois 29 são fósseis de macacos, 1 é uma observação mal feita, e o outro é a maior fraude da biologia;
- Os três restantes do gênero *Homo* são todos da **mesma** espécie;
- Portanto a "Árvore Evolucionária *Hominidae*" proposta por Zimmer e outros autores evolucionistas é falsa;
- As espécies fósseis que não foram extintas se relacionam geneticamente com as respectivas espécies atuais, mantendo o mesmo padrão estrutural desde o seu surgimento, sendo seus ancestrais;
- Não há elos transicionais fósseis, nem elos transicionais entre as espécies atuais;
- A proposta dos "incontáveis" elos de Darwin é falsa;
- A sugestão de uma única e gigantesca "Árvore da Vida" de Darwin é falsa;
- Como podemos identificar e classificar tanto espécies fósseis como atuais, há uma floresta de espécies básicas, e cada uma delas com ampla variabilidade.

Em 2011 os evolucionistas foram surpreendidos com a informação de que a "Árvore da Vida"

de Darwin é apenas uma conjectura imaginária. Para o biólogo Edward O. Wiley, "a hipótese da árvore, como todas as hipóteses científicas, é apenas uma conjectura e não um fato".[41]

O gênero *Homo* o que sobrou

Chegamos, então, àqueles que são realmente seres humanos, e aqui estaria de fato a "Árvore *Hominidae*", reduzida apenas ao gênero *Homo*, que sobrou. Não existem os 31 "elos intermediários" anteriores, pois 8 são duvidosos (23,5%), 21 são macacos fósseis (61,8%), os quais foram confundidos com elos intermediários, um é a maior fraude do século passado e o outro foi confundido com um porco fóssil.

Analisemos compactamente estes 3 representantes humanos. O que foi considerado o mais antigo foi o *Homo sapiens neanderthalensis*, imaginado como tendo 400 mil anos, cuja idade está sendo reduzida cada vez mais. Sugerimos uma análise do Carbono-14 de seus ossos não mineralizados, para podermos obter idades ainda mais recentes. Como foi possível a análise de seu DNA, então sua idade real é menor. Durante mais de um século foi ele considerado pela óptica darwinista e evolucionista como um ser simiesco, abrutalhado e estúpido, mas nas duas últimas décadas, a partir de descobertas sucessivas, isso foi desmentido. Em 2010 descobriram que também era um artista[42]. No mesmo ano foi publicado um pequeno artigo, sob a óptica odontológica. Descobriram que, possivelmente, "os Neandertais tinham maior longevidade do que nós atualmente. Por meio de estudos anatômicos em várias séries de radiografias padronizadas similares àquelas utilizadas pelos ortodontistas em todo o mundo, foi possível calcular a longevidade do Neandertal do sudoeste da França como entre 250 a 300 anos", afirma o Dr. Cuozzo[43]. Mas, a principal descoberta depois de 150 anos de estudo, foi perceber que seu cérebro é 10% maior do que o nosso, contradizendo toda proposta evolutiva segundo a qual nós descendemos de seres com cérebros pequenos (350 cm^3), os quais depois de 7 milhões de anos se tornariam do tamanho dos humanos atuais (1.450 cm^3).

O *Homo sapiens idaltu* é considerado o mais antigo fóssil humano, estimado em 160 mil anos. Alto, forte, com cérebro similar ao nosso, e não inferior. Novamente um cérebro que deveria ser menor, utilizando o critério evolucionista, pois é o mais antigo ser humano descoberto até agora.

Pouco se tem falado no famoso fóssil humano francês, o *Cro-Magnon*, com seus quase 2 metros de altura e capacidade craniana de 1.700 cm^3, e sua idade estimada em 130 mil anos, idade esta que está sendo reduzida cada vez mais. O cérebro é 15% maior do que o nosso, desmentindo novamente o conceito evolucionista.

Esses três ancestrais realmente humanos apontam para a direção correta. Nossos verdadeiros ancestrais são seres humanos superiores a nós, homens gigantes com estatura acima de 2,50 metros de altura e capacidade craniana acima de 2.000 cm^3.

Por último, temos o *Homo sapiens de Inuk*, com seus 4.000 anos, cujo DNA foi possível ser analisado. E no pólo Ártico, o *permafrost* é um dos locais onde nossos verdadeiros ancestrais, os Homens Gigantes, podem ser um dia encontrados, bem como nas montanhas elevadas![44]

A "verdade" científica de Darwin e Huxley e dos atuais evolucionistas, de que nossos ancestrais são macacos, não tem base científica nos fósseis e se demonstrou completamente falsa. Esses fósseis de macacos são os ancestrais das espécies atuais de macacos (como os chimpanzés, orangotangos, gorilas e demais espécies de antropoides do Velho e do Novo Mundo). Pode ocorrer que algumas delas tenham se extinguido, o que significa que os fósseis de cada uma dessas espécies não estão relacionados geneticamente. Assim, cada uma das espécies atuais, juntamente com os seus respectivos fósseis, é uma árvore distinta. Portanto, a proposta atual de formas ancestrais e intermediárias para chegar ao surgimento do homem moderno é falsa, está seriamente comprometida e necessita ser revista imediatamente.

Os livros de ciências e biologia devem ser atualizados, e o tema amplamente discutido, em vista da frágil evidência da evolução humana proposta e sustentada obrigatoriamente como "única" explicação sobre a origem dos

ÁRVORE EVOLUCIONÁRIA *HOMINIDAE* - NOSSOS POSSÍVEIS ANCESTRAIS					
Nº	**Idade**	**Nome**	**Cm³**	**Evidência disponível**	**Situação atual do elo**
Gênero *Homo*					
1	0,200	*Homo sapiens sapiens*	1.450	Ser Humano Anatômicamente Moderno – HAM	Gênero *Homo*
2	0,400	*Homo sapiens neanderthalensis*	1.600	Capacidade craniana 10% superior ao HAM, mas Darwin, Huxley e Boule achavam que era simiesco, estúpido	Gênero *Homo*
3	0,130	*Homo sapiens sapiens* (Cro-Magnon)	1.650	Capacidade craniana 15% superior ao HAM	Gênero *Homo*
4	0,160	*Homo sapiens idaltu*	1.450	Capacidade craniana similar ao HAM	Gênero *Homo*
5	0,004	*Homo sapiens sapiens*	1.450	Inuk – fóssil humano no permafrost. Sequenciado o DNA, mas faltam dados	Gênero *Homo*
Gênero *Homo* (possíveis elos transicionais)					
6	0,9	*Homo heidelbergensis* ou *Homo rodhesiensis*	1.200	Mandíbula e ossos incompletos	Elo duvidoso
7	1,8	*Homo antecessor*	1.000	Disponível apenas uma mandíbula incompleta	Elo duvidoso
8	0,09	*Homo floresiensis*	417	Características que lembram um chimpanzé	Macaco fóssil, não é elo
9	1,7	*Homo erectus* (Java)	880	Crânios sugerindo dimorfismo sexual – macaco	Macaco fóssil, não é elo
10	1,7	*Homo erectus* (Pequim)	880	Crânios sugerindo dimorfismo sexual – macaco	Macaco fóssil, não é elo
11	2,0	*Homo ergaster* ou *Homo erectus ergaster*	850	Duvidoso, pois assemelha-se ao *Homo erectus*	Elo duvidoso
12	2,4	*Homo habilis*	750	Grande diferença entre machos e fêmeas – macaco	Macaco fóssil, não é elo
13	2,4	*Homo rudolfensis*	700	Crânio parecido com o do *Australopithecus*	Elo duvidoso
14	1,8	*Homo georgicus*	680	Possível intermediário entre *H. habilis* e *erectus*	Macaco fóssil, não é elo
15	1,0	*Homo dawsoniensis (Eoanthropus dawsoni)*	1.400	Foi a maior fraude do século 20 - durou 42 anos	Fraude
16	6,0	*Hesperopithecus haroldcookii*	200	Dente de um porco fóssil selvagem, mas sugerido como *Homo*	Porco fóssil, não é elo
"Quase Homens" (elos descartados)					
17	2,4	*Paranthropus boisei, A. boisei,* ou *Zinjanthropus boisei*	500	Crânio com crista óssea, macaco macho	Macaco fóssil , não é elo
18	3,0	*Paranthropus robustus,* ou *Australopithecus robustus*	530	Sem crista óssea, macaco fêmea	Macaco fóssil, não é elo
19	2,7	*Paranthropus aethiopicus*	510	O mais "primitivo" *Paranthropus,* ou macaco	Macaco fóssil, não é elo
***Australopithecus* (possíveis elos transicionais)**					
20	2,8	*Australopithecus garhi*	450	Restos incompletos de ossos. Não está claro o tipo de esqueleto	Elo duvidoso
21	3,5	*Australopithecus africanus*	440	Taung - Fóssil "essencialmente idêntico" a gorilas ou chimpanzés	Macaco fóssil, não é elo

ÁRVORE EVOLUCIONÁRIA *HOMINIDAE* - NOSSOS POSSÍVEIS ANCESTRAIS					
Nº	Idade	Nome	Cm³	Evidência disponível	Situação atual do elo
***Australopithecus* (possíveis elos transicionais)**					
22	4,0	*Australopithecus afarensis*	414	Lucy – cérebro diminuto, "não é ancestral direto dos humanos"	Macaco fóssil, não é elo
23	4,0	*Australopithecus afarensis*	330	Selam – "braços longos capazes de subir em árvores, dedos curvos"	Macaco fóssil, não é elo
24	4,2	*Australopithecus anamensis*	450	Encontrada somente uma mandíbula, dados insuficientes	Elo duvidoso
25	2,0	*Australopithecus sediba*	420	Cérebro pequeno, baixa estatura, braços longos, arborícola. Espécie tardia demais para ser do gênero *Homo*	Macaco fóssil, não é elo
Possíveis Primeiros Hominídeos					
26	4,5	*Ardipithecus ramidus*	410	Dados insuficientes, não é nem ancestral humano, nem de chimpanzé	Macaco fóssil, não é elo
27	5,7	*Ardipithecus kadabba*	410	Após estudos detalhados, é da mesma espécie que o *A. ramidus*	Macaco fóssil, não é elo
28	6,0	*Orrorin tugenensis*	395	Fragmentos de ossos incompletos	Elo duvidoso
29	7,0	*Sahelanthropus tchadensis*	350	Confundido com fêmea de fóssil de gorila	Macaco fóssil, não é elo
Primeiros Hominídeos descartados					
30	9,0	*Oreopithecus*	460	Ossos parecidos com *Dryopithecus*	Macaco fóssil
31	10,0	*Dryopithecus*	600	Totalmente arbóreo	Orangotango fóssil
32	12,0	*Ramapithecus*	700	Mandíbula e ossos incompletos	Orangotango fóssil
33	12,0	*Kenyapithecus*	460	Ossos parecidos com fósseis de orangotango	Orangotango fóssil
34	20,0	*Proconsul*	900	Viviam em árvores e comiam frutos	Macaco fóssil
35	31,0	*Parapithecus*		Mandíbula e ossos incompletos	Provável fóssil de chimpanzé
36	6,0	*Gigantopithecus blacki*	750	Dentes grandes, mandíbula robusta	Parecido com gorila fóssil

ÁRVORE EVOLUCIONÁRIA *HOMINIDAE* - SITUAÇÃO DOS ELOS						
	Total	Gênero *Homo*	Elo duvidoso	Macaco fóssil, não é elo	Fraude	Porco fóssil, não é elo
Gênero *Homo*	3	3				
Gênero *Homo* possíveis elos transicionais	11		4	5	1	1
"Quase Homens" elos descartados	3			3		
Australopithecus possíveis elos transicionais	6		2	4		
Possíveis primeiros Hominídeos	4		1	3		
Primeiros Hominídeos descartados	7		1	6		
Total	34	3	8	21	1	1
Percentagem	100%	8,8%	23,5%	61,8%	2,9%	2,9%

Da "Árvore Evolucionária dos Hominídeos" de Zimmer e demais autores, foram praticamente eliminados 30 elos intermediários. Não existe mais essa árvore, pois não existem o tronco, ramos iniciais ou na extremidade. Portanto, deve ser abandonada, por falta de evidência científica adequada.

seres humanos. Durante mais de um século e meio, os estudantes de todos os níveis foram enganados por uma falsa "verdade científica". O pensamento científico imaginário de Darwin e Huxley continua cegando muitos cientistas, professores de Biologia, e a mídia. Chegou a hora de abrir os olhos para as evidências que estão gritando ao nosso redor!

Os fatos coletados durante 155 longos anos apontam para o fato de que a ideia de Darwin, Huxley, Dawkins e Diamond, de que nossos ancestrais eram macacos parecidos com chimpanzés é falsa e desprovida da evidência científica. Na verdade é hilariante e ridícula. Esta busca está se demonstrando inútil, e uma perda enorme de tempo, que não levou a lugar algum.

Temos insistido que, neste novo século, a partir da evidência de fósseis realmente humanos, com sua capacidade craniana superior à nossa, como o Neandertal (1.500 cm^3 a 1.600 cm^3) e o Cro-Magnon (1.600 cm^3 a 1.700 cm^3), e o Idaltu (1.500 a 1.600 cm^3) sejam retomadas as pesquisas sobre nossos verdadeiros ancestrais, após uma perda de 155 anos! A evidência fóssil mostra que nossos ancestrais mais próximos eram superiores a nós, e antes deles, os primeiros seres humanos eram ainda maiores e mais inteligentes e longevos. É isto que devemos procurar sem mais perda de tempo.

Uma informação essencial está no livro histórico mais importante chamado "Bíblia". Leia com atenção o relato cuidadoso, objetivo e direto nos capítulos iniciais. "Havia gigantes na terra naquele tempo".[45] Nossos verdadeiros ancestrais são seres humanos anatomicamente modernos e gigantes, bem superiores aos atuais, com altura acima de 2,50 metros e capacidade craniana ao redor de 2.000 cm^3. Agora é preciso retomar as pesquisas neste sentido, nos próximos 155 anos!

Basta de ensino enganoso!

Notas

1 Ver referência 40

2 Dawkins, Richard. "A Grande História da Evolução – na trilha de nossos ancestrais", (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)

3 Darwin, Charles. "A Origem das Espécies" (Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1994), p. 332.

4 Dobzhanski, Theodosius. "O Homem em Evolução" (São Paulo: Editora da USP- Polígono,1968), p.203

5 Henrique Lins de Barros , "Consciência e Dogma – A Origem do Homo sapiens", em Ciência Hoje, No.215, maio de 2005, p.33

6 John Cohen, "O Mito dos 1%", em Revista Criacionista Nº 77, segundo semestre de 2007, p.17

7 Dawkins, Richard. "A Grande História da Evolução – na trilha de nossos ancestrais" (São Paulo: Companhia das Letras, 2009), p. 360

8 *Ibid.*, p.356 a 360

9 Diamond, Jared. "O Terceiro Chimpanzé". (Rio de Janeiro: Editora Record, 2010)

10 Roberto Cesar de Azevedo, "150 Anos Perdidos", em Revista Criacionista, No. 75, segundo semestre de 2006, p.11 - 17

11 Lewin, Roger. "The Origin of Modern Humans". (USA: New York – Scientific American Library, 1998), p. 49.

12 Há uma extensa bibliografia sobre essa fraude. Um livro recente é o de John Grant, "Corrupted Science", subtítulo "Piltdown Man". (Malaysia: Imago Publishing, 2008), p.72. Outro artigo muito bem detalhado, com ilustrações e fotos de autoria de Gideon de Oliveira é "Considerações sobre o Homem da Aurora - *Eoanthropus dawsoni*", em Revista Universitário Adventista, 1974, No. 1, p. 3 - 22

13 Cremo, Michael, Richard Thompson. "A História Secreta da Raça Humana". (São Paulo: Editora Aleph, 2004), p. 323.

14 Beçak, Willy, Osvaldo Frota Pessoa. "Genética Médica". (São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1973), p.211

15 Cremo, Michael, Richard Thompson. "A História Secreta da Raça Humana". (São Paulo: Editora Aleph, 2004), p. 335 e 336

16 Junker, Reinhard e Siegfried Scherer. "Evolução – um livro texto crítico". (Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2002), p. 258

17 Tudge, Colin. "The Variety of Life". (EUA: New York, Oxford University Press, 2000), p.506

18 Cremo, Michael, Richard Thompson. "A História Secreta da Raça Humana". (São Paulo: Editora Aleph, 2004), p. 328

19 Carrol, Robert L. "Vertebrate Paleontology and Evolution". (EUA: New York, W. H. Freeman and Company,1998), p.474

20 Francisco M. Salzano, "Solução final para o enigma de Neandertal" em *Ciência Hoje*, nº 131, setembro de 1997, p.10.

21 Dawkins, Richard. "A Grande História da Evolução – na trilha de nossos ancestrais" (São Paulo: Companhia das Letras, 2009), p.127

22 Cássio Leite Vieira, "Mundo da Ciência. O Homem Moderno mais antigo", em *Ciência Hoje*, nº 196. Agosto, 2003, p. 8

23 Zimmer, Carl. 2005. "Smithsonian Intimate Guide to Human Origins". (Canadá: The Medison Press Books Limited, 1 ed, 2005), p. 124.

24 Nicholas Wade, "Cientistas vão sequenciar o DNA dos Neandertais", New York Times, artigo tra-

duzido pelo "O Estado de S Paulo", 23.7.2006, p. A_{28}

25 Reportagem local e France Presse, "Humanidade pode ser 5% Neandertal, sugere DNA", em Folha de São Paulo, 4.8.2006, p. A_{16}

26 Giovana Girardi , "Neandertais e Homens Modernos, 99,5% idênticos", em *O Estado de São Paulo*,16.11.2006, p.A16

27 Timothy Bromage, "Ancestral humano ou simplesmente macaco?" New York University, em <http//www.Criacionismo.com.br>, 28.03.2007. Acesso em 08.09.2011

28 Carlos Orsi, "Com novos fósseis, evolução é revista", em *O Estado de S. Paulo*, 9.8.2007, p.A19

29 Cássio Leite Vieira "Mundo de Ciência. Descendentes ou contemporâneos?", em *Revista Ciência Hoje*, nº 241, setembro 2007, pág. 13.

30 AP, "Hominídeo era bípede 6 milhões de anos atrás", em *O Estado de São Paulo*, 23.03.2008, p.A17

31 AP, "Europa foi ocupada há 1,3 milhões de anos", em *O Estado de São Paulo*, 27.03.2008, p.A29

32 William Junger, "Hobits – ser ou não ser", em *Nature, Revista Ciência Hoje*, nº.260, junho de 2009, p.18

33 Cássio Leite Vieira, "Ardi, nossa avó", em *Revista Ciência Hoje*, No.265, novembro de2009, p.16

34 Roberto Cesar de Azevedo, "150 Anos Perdidos", em *Revista Criacionista*, No. 75, segundo semestre de 2006, p.15

35 Roberto Cesar de Azevedo, "Confusão Mental", em *Revista Ciência Hoje*, Nº.268, março de 2010, p.78

36 Cássio Leite Vieira, "Simbolismo Neandertal", em *Revista Ciência Hoje*, Nº.267, janeiro/fevereiro de 2010, p.16

37 Cássio Leite Viera, "DNA do Homem Primitivo", em *Revista Ciência Hoje*, Nº.268, março de 2010, p.17

38 Cássio Leite Viera, "De Neandertal, (quase) todos temos um pouco", em *Revista Ciência Hoje*, Nº. 271, junho de 2010, p.14

39 Alexandre Gonçalves, "Estudo aponta que fóssil deve ter pertencido a ancestral humano", em *O Estado de São Paulo*, 09.09.11, p.A16

40 Zimmer, Carl. "Smithsonian Intimate Guide To Human Origins". (Canadá: The Madison Press Books Limited, 1ed, 2005)

Stringer, Chris e Peter Andrews. "The Complete World of Human Evolution". (USA: New York, 2005)

Hickman, Cleveland e Larry S. Roberts/Allan Larson. "Princípios Integrados de Zoologia". (Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2004)

Audesirk, Teresa e Gerald Ausdesirk / Bruce E. Byers. "Biology – Life on Earth". (EUA: Prentice Hall, 2002)

Gould, Stephen Jay. "The Book of Life".(EUA: New York, W.W. Norton & Company, 2001)

Carrol, Robert L. "Vertebrate Paleontology and Evolution". (EUA: New York, W. H. Freeman and Company,1998)

Tudge, Colin. "The Variety of Life". (EUA: New York, Oxford University Press, 2000)

Dawkins, Richard. "A Grande História da Evolução – na trilha de nossos ancestrais". (São Paulo: Companhia das Letras, 2009)

Cremo, Michael, Richard Thompson. "A História Secreta da Raça Humana". (São Paulo: Editora Aleph, 2004)

D'Amaro, Paulo. "A Evolução Humana". (São Paulo: Editoras Albatroz, Loqui e Terceiro Nome, 2006)

41 Francisco Ângelo Coutinho, Rogério Parentoni Martins e Gabriel Menezes Viana, "A Árvore da Vida", em *Revista Ciência Hoje*, Nº 283, julho de 2011, p. 78

42 Vieira, Cássio Leite Vieira, "Simbolismo Neandertal", em Revista Ciência Hoje, Nº 267, janeiro/fevereiro 2010, p.16

43 Cuozzo,Jack. "Ortodontia", capítulo do livro de John F. Ashton, "Em Seis Dias". (Brasília: Sociedade Criacionista Brasileira, 2010), p. 243 a 245

44 Azevedo, Roberto Cesar de. "A Origem Superior das Espécies". (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009). Para mais detalhes, observe o capítulo "O Homem Gigante", páginas 127 a 144

45 Moisés. "Gênesis". Capítulo 6:4

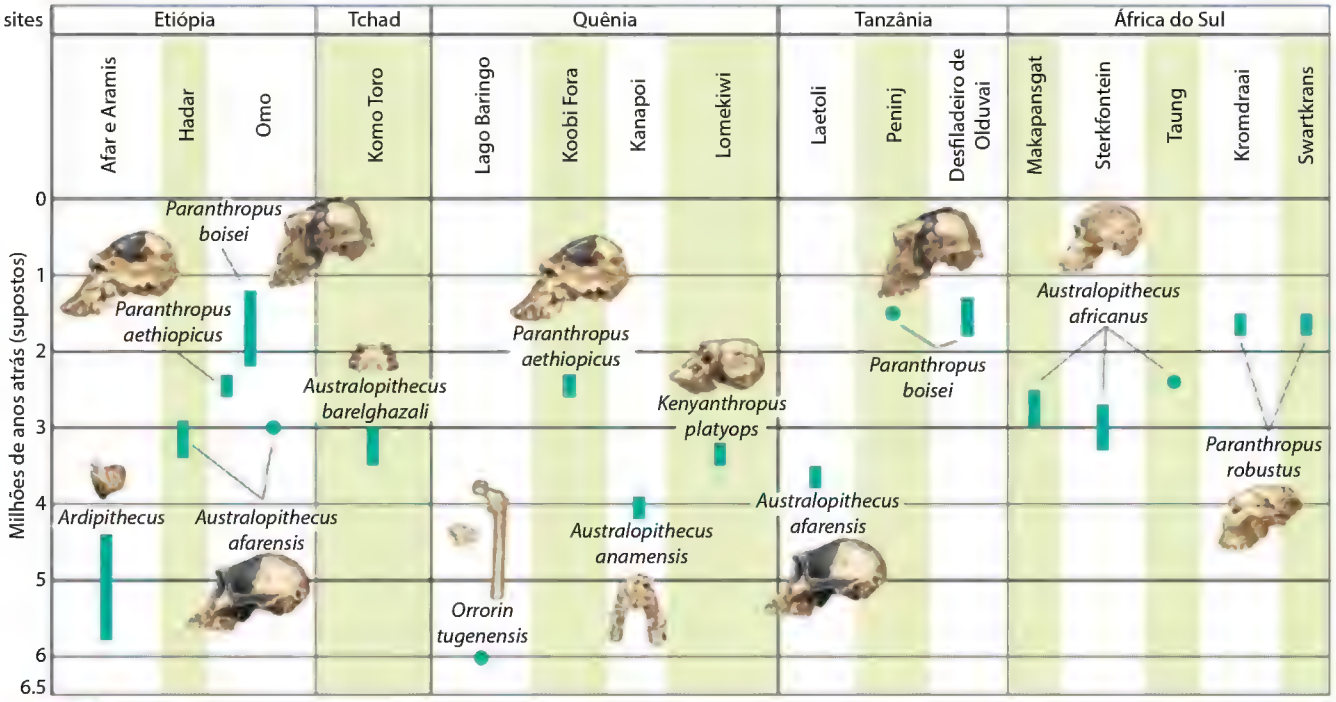
RESUMO FINAL ANCESTRAIS HUMANOS (SEGUNDO A EVOLUÇÃO) 155 ANOS PERDIDOS

50 anos de 1856 a 1906	1856	*Homo sapiens neanderthalensis* – humano, transformado em macaco por Darwin, Huxley e Boule. Este conceito falso foi só percebido em 1997, ampliado a partir de 2005, quando foi provado que era um ser humano. Em 2010 concluiu-se que eram artistas, pintores de cavernas; 4% dos genes dos europeus são de neandertais e 99,84% de seu genoma é igual ao do homem moderno
	1856	*Dryopithecus* – fóssil de macaco arbóreo semelhante ao Orangotango
	1856	*Oreopithecus* – fóssil de macaco arbóreo semelhante ao Orangotango
	1859	Darwin publica "A Origem das Espécies"
	1868	Cro-Magnon – humano moderno (crânio)
	1891	*Homo erectus* (Java) – *Pithecanthropus* –– calota craniana de macaco fóssil parecido com chimpanzé. Fêmur humano a 14m. de distância. Em 2007, encontraram crânios diminutos e dimorfismo sexual. Fóssil de macaco
	1906	

RESUMO FINAL ANCESTRAIS HUMANOS (SEGUNDO A EVOLUÇÃO) 155 ANOS PERDIDOS		
50 anos de 1906 a 1956	1906	
	1907	*Homo heidelbergensis* – a partir de mandíbula e alguns ossos
	1909	*Proconsul* – macaco fóssil arbóreo
	1910	*Parapithecus* (Fayum) – a partir de uma mandíbula. Fóssil parecido com chimpanzé
	1912	*Homo dawsoniensis* – *Eoanthropus* (Piltdown)– fraude (calota de crânio humano e mandíbula de macaco)
	1921	*Homo rodhesiensis* – semelhante ao *Homo heidelbergensis*
	1922	*Hesperopithecus haroldcookii* – a partir de um dente de um fóssil de porco (pecari)
	1925	*Australopithecus africanus* (Taung) – crânio sem crista sagital - infante de fóssil de macaco parecido com chimpanzé
	1927	*Homo erectus* (China) – *Sinanthropus*- crânios com dimorfismo sexual (macaco). Em 2007, encontraram crânios diminutos e dimorfismo sexual. Fóssil de macaco
	1932	*Ramapithecus* – fóssil de macaco arbóreo semelhante ao Orangotango
	1935	*Gigantopithecus blacki* – dentes gigantes e mandíbula gigante. Fóssil do maior primata já encontrado. Possível fóssil de gorila
	1936	*Paranthropus boisei* – crânio com crista sagital – fóssil de macaco macho
	1950	*Paranthropus robustus* – crânio sem crista sagital – fóssil de macaco fêmea
	1956	
50 anos de 1956 a 2006	1956	
	1959	*Zinjanthropus boisei* – crânio com crista sagital fóssil de macaco macho
	1960	*Homo habilis* – mãos e pés arbóreos. Desde 1999, passou a ser *Australopithecus habilis*, macaco fêmea (crânio sem crista sagital). Em 2007 - não está na linha evolutiva humana.
	1960	*Kenyapithecus* - fóssil de macaco arbóreo semelhante ao Orangotango
	1972	*Homo rudolfensis* – só uma mandíbula. Em 2007: crânio muito pequeno, fóssil de macaco
	1974	*Australopithecus afarensis* (Lucy) – crânio sem crista sagital - macaco fêmea *A. robustus* – crânio com crista sagital - macaco macho *A. africanus* – crânio sem crista sagital - macaco fêmea
	1984	*Homo ergaster* – semelhante ao *H. erectus* – fóssil de macaco
	1985	*Paranthropus aethiopicus* – fóssil de um macaco primitivo
	1994	*Ardipithecus ramidus* – só mandíbula, dentes e fragmentos ósseos – Em 2009, mãos e pés arbóreos. Fóssil de macaco arbóreo
	1995	*Australopithecus anamensis* – só uma mandíbula – fóssil de macaco
	1996	*Australopithecus garhi* – poucos ossos e incompletos – macaco fóssil
	1997	*Homo antecessor* – só uma mandíbula. Foi questionado em 2008
	2001	*Homo georgicus* – Em 2008 foi colocado como intermediário entre o *H. habilis* e *H. erectus* – fóssil de macaco
	2002	*Sahelanthropus tchadensis* – crânio sem crista sagital- fóssil de macaco fêmea, parecido com gorila
	2002	*Orrorin tugenensis* – só fragmentos de mandíbula e alguns ossos. Proposta frágil. Fóssil de macaco.
	2003	*Homo sapiens idaltu,* crânio de homem moderno mais antigo
	2004	*Homo floresiensis* – crânio com apenas 417cm^3. Em 2009 foi identificado como um fóssil de macaco parecido com chimpanzé
	2004	*Ardipithecus kadabba* – fóssil de macaco arbóreo
	2006	*Australopithecus anamensis* – só uma mandíbula e poucos ossos – fóssil de macaco
	2006	*Autralopithecus afarensis* (Selam) - sem crista sagital - fóssil infante fêmea de macaco

RESUMO FINAL ANCESTRAIS HUMANOS (SEGUNDO A EVOLUÇÃO) 155 ANOS PERDIDOS		
5 anos de 2006 a 2011	2007	*Homo rudolfensis* – cérebro muito pequeno, crânio parecido com o do *Australopithecus* – fóssil de macaco
	2007	*Homo habilis* – não está na linha evolutiva humana – fóssil de macaco
	2007	*Homo erectus* – tamanho pequeno, crânio diminuto e dimorfismo sexual – Fóssil de macaco
	2008	*Orrorin tugenensis* – Estudo mais cuidadoso revelou que não era bípede, nem ancestral humano – Fóssil de macaco
	2008	*Homo antecessor* - a única evidência era uma mandíbula incompleta – Fóssil duvidoso
	2008	*Homo georgicus* – intermediário entra o *H. habilis* e o *H. erectus*, Fóssil de macaco
	2008	*Autralopithecus sediba* – cérebro pequeno, braços longos. Fóssil de macaco
	2009	*Homo floresciensis* – as características lembram um chimpanzé – Possível fóssil de macaco
	2009	*Ardipithecus ramidus* – as evidências eram frágeis e duvidosas. Após 15 anos, a confirmação: as mãos e pés são arbóreos. Fóssil de macaco
	2010	*Homo sapiens neanderthalensis* – achados desmente a ideia de Darwin, que eram abrutalhados, simiescos e estúpidos. Eram artistas e pintores de cavernas
	2010	*Homo sapiens neanderthalensis* – europeus e asiáticos modernos têm 4% do material genético do Neandertal, e os seres humanos modernos são 99,84% geneticamente similares. Seu cérebro é 10% maior
	2010	*Homo sapiens neanderthalensis* - estudos mostram grande longevidade do Neandertal, mais de 200 anos, o triplo dos homens modernos
	2010	*Homo sapiens da Groenlândia* (Inuk), de 4.000 anos, congelado no permafrost
	2011	*Australopithecus sediba* – espécie tardia demais, o cérebro é pequeno, braços longos. Fóssil de macaco

ALGUNS FÓSSEIS DE CRÂNEOS HUMANOS



EM BUSCA DAS ORIGENS
Evolução ou Criação?

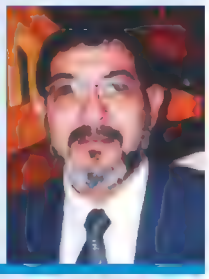
Este livro, amplamente ilustrado, é um estudo profundo que abrange áreas como Geologia, Paleontologia e Biologia.

Maiores informações:
Sociedade Criacionista Brasileira
Telefones: (61)3468-3892
Sites: www.criacionismo.org.br e www.scb.org.br
E-mail: scb@scb.org.br

ÉTICA

A ciência é a busca pela verdade, e os cientistas devem seguir as evidências aonde elas forem dar. Muitas vezes, as evidências encontradas contrariam as teorias científicas no contexto de justificação teórica. Apresentar essas descobertas contrariando paradigmas consensuais é uma tarefa extremamente difícil e custosa para muitos cientistas. Muito mais custosa quando suas subjetividades religiosas sobre a origem do Universo e da vida se tornam conhecidas em suas falas e escritos.

A REAÇÃO DA *NOMENKLATURA* CIENTÍFICA CONTRA OS DISSIDENTES DE DARWIN



Enézio E. de Almeida Filho

Formado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas, Coordenador do NBDI – Núcleo Brasileiro de Design Inteligente (Campinas, SP), pós-darwinista via Popper, Kuhn, Feyerabend e as evidências de "design" intencional empiricamente detectadas na natureza. Doutorando em História da Ciência na PUC-SP.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é baseado nas proposições do artigo *Keeping the rhetoric orthodox: Forum control in Science* ("Mantendo a retórica ortodoxa: controle de fórum na ciência"), de Dale L. Sullivan,[1] sobre os quatro métodos de controle de fórum: revisão por pares, negação de fórum (*atos retóricos não públicos*), correção pública e ridicularização publicada (*atos retóricos públicos*).[2] Sullivan considera, e este autor concorre com ele, ser necessária a ortodoxia do discurso científico ou religioso-ideológico, mas que isso pode ser "exercício de poder político" – censura – e algumas vezes "usada de modo antiético".[3]

Naquele artigo, Sullivan considerou a questão do controle de fórum, mas não abordou a questão ética porque, segundo ele, isso implicaria ter "maior conhecimento das circunstâncias, um profundo conhecimento de filosofia da ética, e mais clareza do julgamento moral", e se restringiu ao controle de fórum como "ato retórico" em vez de "ética do controle de fórum".[4]

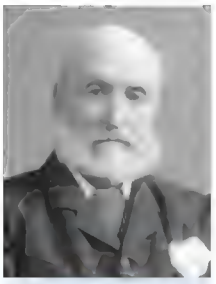
Diferentemente de Sullivan, neste artigo iremos considerar, ainda que *en passant*, alguns exemplos de controle de fórum pela *Nomenklatura* científica[5] – um antigo, do século 19 – St George Jackson Mivart, e os demais contemporâneos, do século 21 – Richard M. von Sternberg e Marcos Nogueira Eberlin, não somente como *atos retóricos*, mas como *questões éticas* contra as vozes dissidentes de Darwin que foram silenciadas, perseguidas, tiveram suas carreiras acadêmico-científicas cerceadas, destruídas, ou vilipendiadas publicamente.

Os casos aqui descritos foram baseados em *fontes primárias*, privilegiadas em História da Ciência, e em *fontes secundárias*.

Dale L. Sullivan

St. George Jackson Mivart, um anatomista teísta evolucionista contra Darwin

"A ciência não pode progredir sem a ação de duas classes distintas de pensadores: a primeira consistindo de homens de gênio criador, que elaboram hipóteses brilhantes, e que podem ser descritos como 'teorizadores' no bom sentido da palavra; a segunda, de homens possuidores da faculdade crítica, e que testam, modelam o formato, aperfeiçoam ou destroem as hipóteses propostas pela primeira classe de homens".[6]



St. George Jackson Mivart

Breve descrição biográfica de St. George Jackson Mivart

O nome de St. George Jackson Mivart (1827-1900) é relacionado com a "evolução orgânica" do século 19, mas até recentemente no Brasil pouco se sabia que ele foi aluno de anatomia de Thomas Huxley (1825-1895), e que, apesar de ter feito parte do círculo íntimo de Charles Robert Darwin (1809-1882), se envolveu com ele numa das mais importantes controvérsias científicas: o papel heurístico da seleção natural na origem das espécies.[7]

A *opus magna* de Darwin, *A Origem das espécies* (1859) foi reeditada várias vezes. Estudos historiográficos apontam que, apesar de ter convencido boa parte da comunidade científica da época, a aceitação envolvia restrições a alguns pontos da teoria darwinista, especial e principalmente a capacidade da seleção natural como mecanismo evolutivo. Segundo Ernst Mayr, Charles Lyell nunca aceitou a seleção natural, mesmo admitindo a evolução como fato; Adam Sedgwick a considerou ultrajante em termos morais e Asa Gray, foi um dos poucos darwinistas que conseguiu conciliar a seleção com a fé cristã.[8]

Quase uma década após a publicação de *A Origem das espécies*, Mivart publicou três artigos no *The Month*, uma publicação católica influente e semipopular da época, numa série intitulada *Difficulties of the theory of evolution* ("Dificuldades da teoria da evolução"), onde proclamou publicamente sua discordância com alguns aspectos da teoria da evolução então recentemente proposta por Darwin. Esses artigos serviram de fundamentação para o seu livro *Genesis of species* (Gênese das espécies), publicado em janeiro de 1871, alguns meses antes de Darwin ter publicado seu livro *The Descent of Man*.[9]

De modo diferente da teoria da evolução de Darwin através da seleção natural, que sugere um "rastreamento físico", a preocupação de Mivart era dupla. Através da análise de certas dificuldades fundamentais, ele tentou responder o que considerou ser um problema fundamental não resolvido satisfatoriamente por Darwin e Alfred Russel Wallace (1823-1913): o papel da seleção natural, o principal meio de modificação das espécies na hipótese darwiniana, que ele ousou declarar como apresentando dificuldades absolutamente insuperáveis[10], e o desenvolvimento de um *tertium quid* (uma síntese sistemática e ampla de visão da gênese das espécies) que harmonizaria completamente os ensinos científicos, filosóficos e religiosos sobre a origem e evolução das espécies.[11]

Mivart declarou o objetivo duplo do seu livro *Genesis of species*:

> *É seu objeto manter a posição de que a 'Seleção Natural' age, e na verdade deve agir, mas que ainda, a fim de que sejamos capazes de explicar a produção de conhecidos tipos de animais e plantas, ela deve ser suplementada pela ação de alguma outra lei natural ou leis naturais ainda não descobertas. Também, que as consequências que têm sido derivadas da Evolução, se exclusivamente darwiniana ou não, para o prejuízo da religião, de nenhum modo se derivam dela e, na verdade, são ilegítimas.*[12]

Breve descrição do contexto científico da controvérsia entre Mivart-Darwin e a incipiente Nomenklatura científica britânica

A ideia da evolução – transmutação de uma espécie em outra – já era aceita por muitos cientistas do século 19, mas a seleção natural, um dos mecanismos evolucionários propostos por Darwin, não teve uma aceitação geral: até seus seguidores mais próximos como Huxley, Lyell e Hooker tinham reservas filosófico-científicas sobre o papel da seleção natural na origem das espécies.

No sumário e conclusão do capítulo 2 do *Genesis of species*, Mivart declarou que não tinha intenção original de dissentir da

teoria da "Seleção Natural", desde que suas dificuldades pudessem ser superadas. Todavia, ele afirmou que a cada ano, através de profunda consideração e exame mais cuidadoso, ele concluiu que a teoria da evolução proposta por Darwin não explicava a preservação e a intensificação dos caracteres incipientes, específicos e genéricos.[13]

Provavelmente a *profunda consideração e exame mais cuidadoso* de Mivart da teoria da "Seleção Natural" ocorreu devido às revisões feitas por Darwin no *Origem das espécies* ao longo dos anos que, segundo Eiseley, comprometiam a integridade teórica de Darwin:

> *Um exame detalhado da última edição do Origem revela que, na tentativa de responder em páginas dispersas as objeções contra a sua teoria, o volume elaborado por muito tempo se tornara contraditório. [...] Sua capacidade graciosa em se comprometer tinha produzido algumas inconsistências flagrantes. Todavia, seu livro já era um clássico, e na maior parte estes desvios tinham passado despercebidos até de seus inimigos. O número de improvisações que tiveram de ser elaboradas para ajudar a seleção natural lembra as ocasiões de dificuldades em que Lamarck tentou responder com hipóteses adicionais.*[14]

Vorzimmer foi mais incisivo:

> *[...] cada leve mudança em algum princípio básico mais inferior afetaria a sua teoria como um todo, [e] os críticos ficariam livres para atirar contra a massa de contradições e incongruências contidas naquela ocasião em que toda a obra era considerada internamente consistente.*[15]

Essas contradições e incongruências no *Origem das espécies* de Darwin não passaram despercebidas de Mivart. É neste contexto textual que ocorre a controvérsia entre os dois cientistas sobre o papel da seleção natural na origem das espécies. Controvérsia esta inicialmente particular, através de correspondência, mas depois pública com os dois contendores publicando suas críticas e réplicas. Mivart escreveu e publicou seus artigos críticos usando pseudônimos e Darwin se utilizou de uma *retórica invisível* contra Mivart através de seus amigos e simpatizantes, alguns convidados por ele mesmo (Chauncey Wright), e outros que se ofereceram (Thomas Huxley).[16] Alfred Rusell Wallace, amigo de ambos, foi convidado, mas respondeu que Darwin era bastante competente para responder as críticas de Mivart.

Os questionamentos de Mivart sobre a ação da seleção natural sobre os estágios incipientes das estruturas úteis para os indivíduos – cap. 2 do *Genesis of Species* ("Gênese das espécies") – *The incompetency of "Natural Selection" to account for the incipient stages of useful structures* ("A incompetência da 'Seleção Natural' para explicar os estágios incipientes de estruturas úteis") forçaram Darwin a fazer a sexta e derradeira revisão do *Origem das espécies* (1872) escrevendo um capítulo à parte replicando as críticas de Mivart.

No livro *Darwinism: The Refutation of a Myth* ("Darwinismo: a refutação de um mito"), Sören Lovtrup, um biólogo sistematista e de desenvolvimento, evolucionista sueco, já falecido, descreve na seção 9 – *The Critics* ("Os críticos") que Mivart teve o ingresso a organizações científicas tolhido ou negado pelas manobras de bastidores de Huxley e Hooker.[17] Darwin devia saber disso, pois Huxley e Hooker faziam parte do seu círculo íntimo.

A controvérsia entre Mivart e Darwin não foi arbitrada pela comunidade científica da época, e nem havia revisão por pares como temos hoje, mesmo assim a posição teórica de Mivart de uma força natural interna desconhecida a ser descoberta, foi considerada perdedora.

Analisando pela visão de *controle de fórum* de Sullivan, o que aconteceu com Mivart foi duplo: negaram-lhe o fórum (*atos retóricos não públicos*) impedindo seu acesso às organizações científicas, e correção pública e ridicularização publicada (*atos retóricos públicos)* que Campbell acertadamente rotulou de *retórica invisível de Darwin* (artigos de Huxley e Chauncey Wright).

Richard M. von Sternberg, um biólogo evolucionista teísta contra Darwin

Breve descrição histórico-biográfica de Sternberg

Sternberg é um biólogo evolucionista interessado na relação entre os genes e as homologias morfológicas, e a natureza da "informação" genômica. Ele tem dois doutorados em biologia evolucionista – Ph.D. em Bio-

logia (Evolução Molecular) pela Universidade Internacional da Flórida e um Ph.D. em Sistemas de Ciência (Biologia Teórica) da Universidade Binghamton.

De 2001-2007, ele foi cientista do *National Center for Biotechnology Information* ("Centro Nacional de Biotecnologia da Informação"), e de 2001-2007 foi pesquisador associado no Museu Nacional de História Natural da *Smithsonian Institution*. Atualmente Sternberg é cientista pesquisador no *Biologic Institute*, apoiado financeiramente por uma bolsa de pesquisas do Centro de Ciência e Cultura do *Discovery Institute*. Ele também é Pesquisador Colaborador no Museu Nacional de História Natural em Washington, D.C.

Richard M. Von Steinberg

De 2001 a 2004, Sternberg atuou como editor do *Proceedings of the Biological Society of Washington*, e no corpo editorial do *International Journal of General Systems*. Em 1999, foi Professor Associado Visitante de Biologia na Universidade do Nordeste de Michigan, e de 1999-2001 ele foi pós-doutorando distinto no Departamento de Zoologia Invertebrada, no Museu Nacional de História Natural da *Smithsoniam Institution*. Sternberg foi recipiente de bolsas de estudos de pós-doutorado do *National Institutes of Health* ("Institutos Nacionais de Saúde") e do Museu Nacional de História Natural da *Smithsonian Institution*, e publicou artigos com revisão por pares em publicações científicas tais como *Genetics*, *Evolutionary Theory*, *Journal of Comparative Biology*, *Crustacean Research*, *Journal of Natural History*, *Journal of Morphology*, *Journal of Biological Systems*, e *Annals of the New York Academy of Sciences*.

A abordagem do estudo de biologia por Sternberg

Sternberg está convencido de que a teoria neodarwinista – a Síntese Evolutiva Moderna – é, melhor dizendo, um referencial teórico muito limitado para o entendimento do desenvolvimento, da organização, e da disparidade dos fósseis e dos táxons, pois ela formalmente diz respeito à fixação e perda de genes variantes nas populações. A genética evolucionária deixa em aberto a questão central de como um genótipo unidimensional pode especificar o fenótipo quadridimensional. A abordagem deste problema adotada por Sternberg é uma variante do "realismo estrutural", e com isso ele quer dizer que os fenômenos biológicos são manifestações de estruturas lógico-matemáticas.

A perspectiva de Sternberg é ortogonal para o debate das origens porque todas as realidades históricas são compreendidas como sendo realidades históricas de possibilidades espaço-temporais de possibilidades não temporais preexistentes. Segundo ele, dentro deste contexto é possível aceitar tudo o que é empiricamente válido na biologia evolucionária, e ao mesmo tempo não desconsiderar axiomaticamente a posição de que as estruturas, bem como as suas "reais" instanciações têm uma causa inteligente.

A posição de Sternberg afirma que o cosmos é fundamentalmente inteligível de tal modo que ele pode ser reconhecido logicamente, matematicamente, e cientificamente reconhecido como tal; e além disso, e aqui ele segue a Proclo Lício (412-485)[18] de que o Universo emana de *Nous* (mente). Neste sentido, o pensamento de Sternberg é compatível com a definição ampla de design inteligente.[19]

Breve descrição do contexto científico da controvérsia entre Sternberg e a *Nomenklatura* científica na *Smithsonian Institution*

Em 2004, Sternberg era editor da publicação científica *The Proceedings of the Biological Society of Washington*, quando autorizou que o artigo *The Origin of Biological Information and the Higher Taxonomic Categories* ("A origem da informação biológica e as categorias taxonômicas superiores") do Dr. Stephen Meyer, após passar pelo processo de revisão por pares, fosse publicado. Porque o artigo do Dr. Meyer apresentava evidência científica a favor do Design Inteligente em Biologia, ele sofreu retaliação, difamação, perseguição, e um ambiente de trabalho hostil no Museu Nacional de História Natural na *Smithsonian Institution*, tudo planejado para forçar sua saída como Pesquisador Associado.

Segundo documentação da investigação oficial, essas ações foram realizadas por funcioná-

rios públicos federais agindo em conjunto com um grupo lobista evolucionista externo, o *National Center for Science Education* ("Centro Nacional para a Educação em Ciência") que defende o ensino da teoria da evolução nas escolas públicas americanas sem que os alunos tomem conhecimento das dificuldades fundamentais da teoria no contexto de justificação teórica.

Os esforços desse grupo também se direcionaram para a demissão de Sternberg do seu cargo como cientista de equipe no *National Center for Biotechnology Information*. Duas investigações federais foram feitas, uma pelo *U.S. Office of Special Counsel* em 2005, e a outra pelos membros do sub-comitê da *U.S. House Committee on Government Reform* em 2006.

O que ficou evidente nas duas investigações é que os direitos civis de Sternberg tinham sido repetidamente violados. A *Nomenklatura* científica americana contra-atacou com a disseminação distorcida de como os fatos realmente aconteceram, que Sternberg se viu obrigado a tornar público os documentos oficiais relevantes para as pessoas realmente interessadas em querer saber a verdade do que aconteceu com ele.[20]

Pela proposição de "controle de fórum" de Sullivan, o caso de Sternberg pode ser melhor entendido como "atos retóricos não públicos", pois foi solicitada até a devolução da chave do seu escritório, e de "atos retóricos públicos", pois a versão do grupo da *Smithsonian Institution* sobre e durante o *affair* se caracterizou pela distorção dos fatos e corrigindo e ridicularizando Sternberg interna e publicamente pela sua aprovação para a publicação do artigo do Dr. Meyer a favor do Design Inteligente em Biologia.

Marcos Nogueira Eberlin, (1959 –), um bioquímico teísta contra Darwin

Breve descrição histórico-biográfica de Eberlin

Para muitos brasileiros o nome Eberlin não é muito conhecido. Contudo, no mundo acadêmico, é muito diferente: o Prof. Dr. Marcos Nogueira Eberlin é o segundo cientista brasileiro mais citado em publicações científicas. Sua trajetória educacional-acadêmica se deu com a sua graduação (1982), mestrado (1984) e doutorado (1988) em Química pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e pós-doutorado no Laboratório Aston de Espectrometria de Massas da Universidade de Purdue, USA (1989-1991).

Marcos Nogueira Eberlin

Atualmente o Dr. Eberlin é professor titular MS-6 da Universidade Estadual de Campinas, onde coordena o Laboratório Thomson de Espectrometria de Massas.[21] É membro da Academia Brasileira de Ciências (2002) [22] e comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico (2005). Recebeu o Prêmio Zeferino Vaz de Reconhecimento Acadêmico (2002) e Prêmio Scopus-Capes (2008) de excelência em publicações e formação de pessoal.

Além disso, o Dr. Eberlin é presidente (2009) da Sociedade Internacional de Espectrometria de Massas (IMSF) e vice-presidente da Sociedade Brasileira (BrMASS), e editor associado dos periódicos *Advances,* da *Royal Society of Chemistry* e *Journal of Mass Spectrometry* da Wiley. Orientou quase uma centena de mestres, doutores e pós-doutores e seu grupo de pesquisa conta hoje com cerca de 45 pesquisadores. Publicou cerca de 500 artigos científicos (2012) com mais de 6500 citações em áreas diversas da Química e Bioquímica, e Ciências dos Alimentos, Farmacêutica e dos Materiais.[23] É um dos professores de universidades públicas membro do NBDI – Núcleo Brasileiro de Design Inteligente, Campinas, São Paulo.

Breve descrição do contexto científico da controvérsia entre Eberlin e a Nomenklatura científica brasileira

Eberlin é um defensor e proponente da teoria do Design Inteligente e crítico contundente da teoria da evolução de Darwin. Em suas palestras e oficinas apresentadas nas duas edições do *Simpósio Internacional Darwinismo Hoje*, Universidade Presbiteriana Mackenzie [24] ele se declarou criacionista em algumas palestras e eventos acadêmicos Brasil afora. Por isso, Eberlin atraiu a atenção e a indignação de vários setores. Primeiro, a indignação dos ateus, agnósticos e céticos, na internet, e depois, de alguns setores oficiais e importantes da Academia.

O início das rejeições e hostilidades da *Nomenklatura* científica brasileira contra Eberlin se deu no ano de 2008. Na 60ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Unicamp (13-18 de julho de 2008) [25], onde iria apresentar uma palestra, ele agiu conforme as exigências da organização do evento, tendo submetido o título e resumo de sua palestra: "A Vida e o Universo: Um Grande Acidente ou Design Inteligente?", no dia 15 de julho de 2008. Porém, no dia 2 de julho, ele foi informado, por e-mail que "por decisão do Coordenador Geral da 60ª SBPC, estamos cancelando sua conferência".[26]

Apesar do cancelamento, Eberlin respondeu ao e-mail da SBPC reiterando que ele "falaria como um cientista preocupado em entender o Universo e a vida, sem qualquer preconceito, sem restrições, sem IDEIAS pré-concebidas de como o Universo e a vida devem *a priori* ser. A palestra será desapaixonada, e focará na importância de conhecermos todas as teorias que procuram racionalizar o Universo e a vida, e não só o paradigma predominante. Isso é ciência, é progresso, é o que se espera de uma sociedade que quer promover o progresso da ciência. Que ela examine, discuta, ouça e retenha o que é bom, o que se mostra racional, inteligente".

Ao ter sua palestra aceita pelos organizadores daquele evento, Eberlin ficou com a impressão que a SPBC estava contrariando a posição de outras organizações científicas internacionais ao acolher a teoria do Design Inteligente para a discussão acadêmica. Ele ainda argumentou: "Como cientistas devemos então examiná-la e, se dela discordamos, confrontá-la com contra-argumentos científicos. Essa é a graça da ciência", [...] e que sua palestra "teria o mérito de expor os argumentos científicos de uma teoria cientificamente defensável, de colocar os ouvintes em contato com as teses do Design Inteligente e as teses naturalistas. Eu os convidaria a refletir cientificamente sobre o tema. É assim que a ciência progride: discutindo suas teses, confrontando seus críticos."[27]

A coordenação da SBPC manteve o cancelamento justificando-se:

> *"A SBPC, como sociedade científica, respeita profundamente a diversidade cultural e religiosa", mas "assuntos que envolvam matérias de fé são valorizados, mas não tratados em nossas reuniões. A questão do ID é, no nosso entender e da atual Diretoria, matéria de cunho pessoal. Várias sociedades científicas americanas também se manifestaram no sentido do ID não ser tratado na academia. Portanto, não encaramos esse cancelamento como confronto mas apenas alinhamento operacional."*[28]

Depois dessa rejeição em bloco, Eberlin viu sua defesa da teoria do Design Inteligente ser questionada indiretamente no artigo *Evolução e religião*, do Dr. Sérgio Danilo Junho Pena, professor titular do Departamento de Bioquímica e Imunologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, membro da Academia Brasileira de Ciências, publicado no "Ciência Hoje", coluna "Deriva Genética" de 08/10/2009, onde o colunista recorreu à genômica comparada para apontar limitações e fragilidades do desenho inteligente *(sic)*.[29]

Por ter visto a teoria do Design Inteligente ser descaracterizada no artigo por Pena como sendo Criacionismo, o Dr. Marcos Eberlin, também membro da Academia Brasileira de Ciências, solicitou a Bernardo Esteves, então editor executivo do "Ciência Hoje On-Line", espaço para replicar ao artigo de Pena. Esteves, hoje repórter na revista "Piaui", onde mantém o blog "Questões de Ciência" [30] respondeu que o teor do artigo (réplica) não fazia parte da linha editorial do "CH On-Line".

Por acreditar na livre circulação de ideias, coisa rara hoje em dia no meio acadêmico brasileiro devido ao 'estrangulamento' de críticos e oponentes dos atuais paradigmas sobre a origem e evolução do Universo e da vida, o editor do *blog* "Desafiando a *Nomenklatura* científica" publicou a réplica de Eberlin, "Os argumentos da TDI emanam da Ignorância medieval e religiosa!", em 24/10/2012. [31]

Outra investida em bloco contra Eberlin veio de uma carta de um grupo de acadêmicos enviada ao presidente da Academia Brasileira de Ciências repudiando divulgação de conceitos criacionistas, e sem declinar o nome, um dos *pesquisadores de reconhecido saber em outras áreas da Ciência (sic)* era Eberlin o alvo:

"O grupo de Membros da Academia Brasileira de Ciências signatário desta correspondência, atuantes na área de Genética, manifesta a sua preocupação com a tentativa de popularização de ideias retrógradas que afrontam o método científico, fundamentadas no Criacionismo, também chamado como 'design inteligente'.

Na qualidade de militantes da área de Genética no Brasil, vários de nós tendo passado por cargos na Sociedade Brasileira de Genética ou como membros de Comitês Assessores da área nas agências de fomento, sentimo-nos afrontados pela divulgação de conceitos sem fundamentação científica por pesquisadores de reconhecido saber em outras áreas da Ciência.

Atenciosamente, (várias assinaturas)"[32]

Destaque aqui para a equiparação da teoria do Design Inteligente como *Criacionismo*, e a assinatura de Sergio (Danilo Junho) Pena, que está se especializando em perseguir Eberlin.

Mais recentemente, mesmo sem ter seu nome mencionado, Eberlin foi alvo novamente de rejeição em bloco, desta vez através de um Manifesto da SBG – Sociedade Brasileira de Genética – sobre Ciência e Criacionismo.[33] Mais uma vez os signatários deploram o avanço do Criacionismo e da teoria do Design Inteligente no Brasil. Como ficamos sabendo que Eberlin era alvo da *Nomenklatura* científica? É que antes eles foram citados em um artigo de Clarissa Vasconcellos, no "Jornal da Ciência" (órgão da SBPC) de 04/05/2012, intitulado "Geneticistas e biólogos não querem polemizar a respeito do Criacionismo". [34]

A lógica nos diz que, se esse grupo de cientistas realmente não quer polemizar com o Criacionismo e, por tabela, com o Design Inteligente, por que deu uma entrevista em maio de 2012 e logo em seguida publicou um manifesto contra o Criacionismo e o Design Inteligente em junho de 2012?

Depreende-se que todas as investidas pessoais e grupais contra Eberlin ficam caracterizadas naquilo que Sullivan disse sobre o "controle de fórum": negar o fórum ("atos retóricos não públicos") com o cancelamento de sua palestra na 60ª. Reunião Anual da SBPC justamente na universidade onde leciona e faz carreira acadêmica brilhante e com correção pública e ridicularização publicada ("atos retóricos públicos") se bem que de forma abjeta e mesquinha porque covardemente os signatários não mencionam Eberlin nessas cartas e manifestos.

Conclusão parcial

Conforme muito bem descrito por Sullivan, a questão da ortodoxia ("controle de fórum") se faz necessária para manter a integridade da ciência *qua* ciência e garantir a integridade da divulgação das pesquisas em diversas áreas científicas. Nós vimos neste artigo que o controle de fórum se dá através de variadas técnicas de exclusão dos que ousarem enunciar outro discurso teórico: "atos retóricos públicos e não públicos" como processos de autorização ou não de palestrantes, autores, textos, palestras, seminários e oficinas.

Sullivan não abordou a questão ética do controle de fórum. Isso foi aqui abordado, ainda que *en passant*, através de exemplos das experiências vividas por Mivart, Sternberg e Eberlin em que o comportamento das *Nomenklaturas* científicas do século 19 e 21 ficam caracterizadas como exercícios de poder político usados de formas não éticas. E o que fazem aqueles que têm suas teorias, ideias e hipóteses científicas proibidas pela comunidade científica? Eles buscam fóruns alternativos (livros, conferências como esta) e outras mídias (*blogs*) para publicar e divulgar suas ideias consideradas heréticas pelos que praticam ciência comum.

É bem possível que a crescente sofisticação e institucionalização da ciência seja inevitável, mas o controle de fórum sobre o que é ciência legítima ou não, impõe uma ortodoxia ditatorial desnecessária sobre os cientistas a ponto de impedir o avanço da ciência pela proibição da discussão de teorias e ideias científicas contrariando os paradigmas científicos consensuais. Se todos pensam igual ninguém está pensando em nada que ajude no avanço da ciência.

Que a *Nomenklatura* científica considere *cum grano salis* as palavras de Ernst Mayr sobre os discursos heterodoxos:

"Sempre que há uma controvérsia científica, os pontos de vista do grupo perdedor são

quase que invariavelmente deturpados mais tarde pelos vitoriosos... O historiador de biologia deve tentar apresentar um relato mais equilibrado. Muitas teorias, agora rejeitadas, como a teoria da herança dos caracteres adquiridos defendida por Lamarck, pareciam outrora tão consistentes com os fatos conhecidos que os autores não devem ser criticados por terem adotado tais teorias prevalecentes mesmo se eles, desde então, foram demonstrados estar errados. Quase sempre aqueles que defenderam uma teoria errônea tinham, aparentemente, razões válidas para assim fazer. Eles estavam tentando enfatizar algo que fora negligenciado pelos seus oponentes ... No meu caso, eu me inclino em dar atenção especial para os injustiçados (tanto pessoas como teorias) porque no passado eles têm sido frequentemente tratados injustamente ou pelo menos inadequadamente." **Ernst Mayr**, *The growth of biological thought, p. 12.*

BIBLIOGRAFIA

1 ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS – Marcos Nogueira Eberlin http://www.abc.org.br/resultado.php3?codigo=meberlin Acessado 16 Jul 2012.

2 ALMEIDA FILHO, Enézio E. de. *A natureza das críticas de Mivart ao papel da seleção natural de Darwin na origem das espécies: uma reconsideração histórica.* Dissertação de mestrado em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

3 BIOGRAFIAS. *Proclo Lício.* Universidade Federal de Campina Grande, PB. http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/ProclusD.html. Acessado 18 Jul 2012.

4 CAMPBELL, John Angus. "The Invisible Rhetorician: Charles Darwin's "Third Party" Strategy". *Rhetorica*, Vol. 7, No. 1, Symposium on the Rhetoric of Science (Winter, 1989).

5 DARWIN, Charles. *Origem das espécies.* Trad. da 6ª. Edição, André Campos Mesquita. São Paulo, Editora Escala, 2009.

6 CARTA de um grupo de Acadêmicos ao Presidente da Academia Brasileira de Ciências, 06/03/2012. http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=1874 Acessado 17 Jul 2012.

7 EBERLIN, Marcos Nogueira. Currículo da Plataforma Lattes. http://lattes.cnpq.br/9866858833240787 Acessado 16 Jul 2012.

8 _____ "Os argumentos da TDI emanam da Ignorância medieval e religiosa!", *Blog* "Desafiando a *Nomenklatura* científica". http://www.pos-darwinista.blogspot.com.br/2009/10/eberlin-academia-brasileira-de-ciencias.html Acessado 17 Jul 2012

9 EISELEY, Loren. *Darwin's century: evolution and the men who discovered it.* Garden City, Anchor/Doubleday, 1958.

10 ESTEVES, Bernardo. Revista Piauí, *Blog* "Questões de Ciência". http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-da-ciencia Acessado 17 Jul 2012.

11 GRUBER, Jacob W., *A conscience in conflict: the life of St. George Jackson Mivart.* New York, Columbia University Press, 1960.

12 IQM UNICAMP Prof. Dr. Marcos Nogueira Eberlin http://www.iqm.unicamp.br/departamentos/?p=443&c=128&id=91 Acessado 16 Jul 2012.

13 MAYR, Ernst. *The Growth of Biological Thought.* Cambridge, The Belknap Press of Harvard University Press, 1982.

14 MIVART, St. George Jackson. *Genesis of species.* 1st. ed. New York, D. Appleton, 1871.

15 _____ "Darwin's descent of man", *Quarterly Review* 131 (1871):48, *apud* Mario A. Di Gregorio, in *Thomas Huxley's place in natural history*, p. 124, 126.

16 PENA, Sérgio Danilo Junho. "Evolução e Religião", coluna "Deriva Genética', in "Ciência Hoje", 08/10/2009. http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/deriva-genetica/evolucao-e-religiao/ Acessado 17 Jul 2012.

17 SBPC. 60ª. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Unicamp (13-18 de julho de 2008). http://www.sbpcnet.org.br/eventos/60ra/ Acessado 17 Jul 2012.

18 SOCIEDADE BRASILEIRA DE GENÉTICA. Manifesto sobre Ciência e Criacionismo. s/d, mas publicado em junho de 2012. http://www.sbg.org.br/ManifestoCriacionismo.html Acessado em 17 Jul 2012.

19 SULLIVAN, Dale L. "Keeping the rhetoric orthodox: Forum control in Science", Spring 2000, Vol. 9, No. 2 (125-146). http://sullivanfiles.net/sullivan_keeping_rhet_ortho.pdf Acessado 14 Jul 2012.

20 UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. II Simpósio Internacional Darwinismo Hoje, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP http://www.mackenzie.br/2_darwinismo_videos.html e III Simpósio Internacional Darwinismo Hoje, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP. http://www.mackenzie.com.br/3_darwinismo_videos.html Acessados 16 Jul 2012.

21 VASCONCELLOS, Clarissa. "Geneticistas e biólogos não querem polemizar a respeito do Criacionismo". *JC E-Mail* 4490, 04/05/2010 http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=82259. Acessado em 17 Jul 2012.

22 VON STERNBERG, Richard M. Site pessoal. http://www.richardsternberg.com/index.php Acessado 18 Jul 2012.

23 _____. Smithsonian Controversy. http://www.richardsternberg.com/smithsonian.php Acessado 18 Jul 2012.

24 VORZIMMER, P. J. *Charles Darwin: the years of controversy – The Origin of species and its critics 1859-*

1882. Philadelphia, Temple University Press, 1970.

REFERÊNCIAS

1 Professor de Inglês e chefe deste departamento na Universidade Estadual de Dakota do Norte, Estados Unidos. http://www.ndsu.edu/pubweb/~dasulliv/ Acessado 15 Jul 2012.

2 Dale L. Sullivan. "Keeping the rhetoric orthodox: Forum control in Science", p. 125.

3 *Ibid*, *op. cit.*, p. 125.

4 *Ibid*, *op. cit.*, p. 126.

5 *Nomenklatura* foi um termo utilizado por Mlovan Djilas (1911-1995) no seu livro *A nova classe* (São Paulo, Círculo do Livro, 1982). Djilas foi líder comunista dissidente e escritor, nascido em Polja, Montenegro. Suas críticas ao Partido Comunista, em 1954, levaram à sua expulsão e prisão entre 1956 e 1966. Ele contestou dogmas ideológicos de uma classe dominante e privilegiada. É nesse sentido que empregamos o termo referindo-se a cientistas como uma nova classe dominante e que privilegia teorias científicas já reprovadas no contexto de justificação teórica.

6 St. George Jackson Mivart. "Darwin's descent of man", *Quarterly Review* 131 (1871):48, *apud* Mario A. Di Gregorio, in *Thomas Huxley's place in natural history*, p. 124, 126.

7 Enézio Eugênio de Almeida Filho. *A natureza das críticas de Mivart ao papel da seleção natural de Darwin na origem das espécies: uma reconsideração histórica.* Dissertação de Mestrado em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

8 Ernst Mayr. *The growth of biological thought.* Diversity, evolution and inheritance, p. 510.

9 Jacob W. Gruber. *A conscience in conflict: the life of St. George Jackson Mivart*, p. 52

10 St. George Jackson Mivart. *Genesis of species*, p. 16-17.

11 *Ibid*, p. 14-15.

12 *Ibid*, p. 17, ênfase deste autor.

13 *Ibid*, p. 74.

14 Loren Eiseley. *Darwin's century: evolution and the men who discovered it*, p. 242-243.

15 Peter J. Vorzimmer. *Charles Darwin: the years of controversy – The Origin of species and its critics 1859-1882*, p. 222.

16 John Angus Campbell. The Invisible Rhetorician: Charles Darwin's "Third Party" Strategy.

17 Sören Lövtrup. *Darwinism: The refutation of a myth.* Beckingham, Kent, Croom Helm Ltd., 1987, Section 9: The Critics, p. 204-235. Esgotado.

18 Proclo Lício foi um filósofo e matemático nascido em Constantinopla, considerado a última voz original da antiguidade pagã, ou seja, o último grande representante do platonismo e neoplatonismo pagão, pela sua capacidade de ordenamento interno das questões e encaminhamento das soluções.

19 Texto do site pessoal de Richard M. von Sternberg.

20 *Smithsonian Controversy.* Texto do website de Richard Sternberg.

21 IQM UNICAMP.

22 Academia Brasileira de Ciências – Marcos Nogueira Eberlin.

23 Marcos Nogueira Eberlin – Currículo da Plataforma Lattes.

24 II Simpósio Internacional Darwinismo Hoje, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP e III Simpósio Internacional Darwinismo Hoje, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP.

25 SBPC. Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada na Unicamp (13-18 de julho de 2008).

26 E-mail da SBPC enviado ao Dr. Marcos Nogueira Eberlin em 02 Jul 2008.

27 E-mail resposta do Dr. Marcos Nogueira Eberlin enviado à SBPC.

28 E-mail da SBPC enviado ao Dr. Marcos Nogueira Eberlin em 02 Jul 2008.

29 Sérgio Danilo Junho Pena. "Evolução e Religião", coluna Deriva Genética, in *Ciência Hoje*, de 08/10/2009.

30 Bernardo Esteves, Revista Piauí, Blog Questões de Ciência.

31 Marcos Nogueira Eberlin. "Os argumentos da TDI emanam da Ignorância medieval religiosa!", Blog Desafiando a Nomenklatura científica.

32 Carta de um grupo de Acadêmicos ao Presidente da Academia Brasileira de Ciências. 06/03/2012.

33 Sociedade Brasileira de Genética. Manifesto sobre Ciência e Criacionismo. s/d, mas publicado em junho de 2012 – Inserido como anexo a este artigo.

34 Clarissa Vasconcellos, redatora do JC E-Mail.

ANEXO (inserido pela SCB)

Insere-se a seguir, copia do Manifesto da Sociedade Brasileira de Genética, para maior esclarecimento de nossos leitores sobre a controvérsia suscitada por essa Sociedade sobre "Ciência e Criacionismo".

MANIFESTO DA SBG SOBRE CIÊNCIA E CRIACIONISMO

A Sociedade Brasileira de Genética (SBG) **vem a público** comunicar que não existe qualquer respaldo científico para ideias criacionistas que vêm sendo divulgadas em escolas, universidades e meios de comunicação. O objetivo deste comunicado é esclarecer a sociedade brasileira e evitar prejuízos no médio e longo prazo ao ensino científico e à formação dos jovens no país.

A Ciência contemporânea é a principal responsável por todo o desenvolvimento tecnológico e grande parte da revolução cultural que vive a sociedade mundial. A Biologia do século XXI começou a se fundamentar como uma Ciência experimental bem estabelecida com a publicação das

primeiras ideias sobre Evolução Biológica por Charles Darwin e Alfred Wallace, em meados do século XIX. Esta Teoria científica unifica todo o conhecimento biológico atual em suas várias disciplinas das áreas da saúde, ambiente, biotecnologia, etc. Além disso, a Teoria Evolutiva explica, com muitas evidências e dados experimentais, a origem e riqueza da biodiversidade, incluindo as espécies existentes e extintas, de nosso planeta. Como as Teorias de outras áreas da Ciência, como Física (Gravitação, Relatividade, etc) e Química (Modelo Atômico, Princípio da Incerteza, etc), a Evolução Biológica está fundamentada no método científico, investigando fenômenos que podem ser medidos e testados experimentalmente. O processo científico é contínuo, incorporando constantemente as novas descobertas e aprofundando o conhecimento humano sobre os seres vivos, a Terra e o Universo. É isso que temos visto acontecer com o estudo da Evolução Biológica nos últimos 150 anos, período no qual uma enorme quantidade de dados confirmou e aprimorou a proposta original de Darwin e Wallace.

No entanto, as perguntas e as causas sobrenaturais não fazem parte do questionamento hipotético e nem das explicações em todas as Ciências experimentais modernas. Por exemplo, a pergunta "Deus existe?" pode ser discutida por filósofos e cientistas (como pessoas com diferentes crenças, opiniões e ideologias), mas não pode ser abordada e respondida pela Ciência.

Frequentemente são divulgados fenômenos que não podem ser explicados por uma Ciência devido a limitações do conhecimento no século XXI, tal como a gravidade no nível atômico, algumas propriedades da molécula da água ou a evolução das primeiras formas de vida há mais de 3,5 bilhões de anos. Para temas como estes, algumas pessoas argumentam com variantes de uma clássica falácia: "se a Ciência não explica, é porque a causa é sobrenatural". Este argumento é utilizado por inúmeros criacionistas, incluindo os adeptos da Terra Nova, da Terra Antiga e da crença do Design Inteligente. Curiosamente, algumas dessas versões criacionistas se apresentam ao grande público como produto de "estudos científicos avançados", como se fossem parte da atividade discutida em congressos científicos em diversos países, no Brasil inclusive. Nessas versões, a Teoria Evolutiva é deturpada, como se pouco ou nenhum trabalho científico tivesse sido efetuado desde sua proposta há mais de 150 anos, demonstrando um total desconhecimento dos milhares de resultados e evidências que consolidam essa Teoria.

Alguns raros criacionistas são cientistas produtivos em suas áreas específicas de atuação, que não envolvem pesquisas na área da Evolução Biológica. Mas quando abordam o Criacionismo, falam de sua crença particular e não das pesquisas que estudam e publicam. Como perguntas e explicações criacionistas não podem ser testadas pelo método científico, estes pesquisadores estão apenas emitindo uma opinião pessoal e subjetiva, motivada geralmente por uma crença religiosa.

Com o objetivo de informar à sociedade, inúmeros cientistas, filósofos e educadores da área biológica têm apresentado várias críticas substantivas às diferentes versões criacionistas, demonstrando seus alicerces na crença e não no questionamento científico, erros elementares e significativas falhas conceituais em sua formulação, a falta de evidências, assim como deturpações dos fatos e métodos científicos. Essas críticas têm sido divulgadas no Brasil e em vários países, sendo que algumas podem ser lidas nos *sites* da internet indicados abaixo.

Reconhecendo que a divulgação destas ideias criacionistas representa uma deterioração na qualidade do ensino de Ciências, a Sociedade Brasileira de Genética (SBG) vem aqui ratificar que a Evolução Biológica por Seleção Natural é imensamente respaldada pelas evidências e experimentações nas áreas de Genética, Biologia Celular, Bioquímica, Genômica, etc. Além disto, reiteramos que, como qualquer outra Teoria científica, a Evolução Biológica tem sido remodelada com a incorporação de várias novas evidências (incluindo da área de Genética), tornando suas hipóteses e explicações mais complexas e robustas a cada ano, desde a primeira publicação de Charles Darwin em 1859.

Esta manifestação da SBG visa comunicar de forma muito clara à Sociedade Brasileira que não existe qualquer respaldo científico para ideias criacionistas (incluindo o Design Inteligente)

que têm sido divulgadas em algumas escolas, universidades e meios de comunicação. Entendemos que explicações baseadas na fé e crença religiosa, e no sobrenatural podem ser interessantes e reconfortantes para muitas pessoas, mas não fazem parte do conteúdo da pesquisa ou de disciplinas científicas nas áreas de Biologia, Química, Física etc. Ao lado do respeito à liberdade de crença religiosa, deve ser também observado o respeito à Ciência que tem enfrentado todo tipo de obscurantismo político e religioso, de modo similar às situações vividas por Galileu Galilei e o próprio Charles Darwin. Mesmo com toda a limitação do método científico e dos recursos tecnológicos em cada época, a Ciência alargou o conhecimento humano e o entendimento científico dos mais diversos fenômenos.

A SBG reitera os princípios que vem defendendo ao longo de seus 58 anos de existência e reafirma que o ensino da Ciência, em todos os níveis, deve se dedicar à sua finalidade precípua, em respeito ao ditame constitucional da qualidade da educação, sem deixar-se perverter pela pseudociência e pelo obscurantismo político ou religioso.

Alguns criacionistas também utilizam o argumento de que a Ciência brasileira é retrógrada (ou "tupiniquim", como a chamam), afirmando que o Criacionismo é "aceito" no exterior, mas a Ciência é unânime em todos os países sobre este assunto, o que pode ser verificado no final deste documento em vários textos parecidos com este, sancionados por organizações científicas e educacionais de várias partes do mundo.

Concluímos que, embora o Criacionismo possa ser abordado como explicações não científicas em disciplinas de religião e de teologia, estas versões criacionistas não podem fazer parte do conteúdo ministrado por disciplinas científicas. Entendemos que o ensino científico de boa qualidade no Brasil e em outros países depende da compreensão da metodologia científica, de suas potencialidades e de suas limitações, além da discussão de evidências e dados experimentais. No entanto, interpretações e ideias pseudocientíficas (Criacionismo, astrologia etc) prejudicam seriamente o Ensino Científico de qualidade e o desenvolvimento do país.

DOCUMENTOS OFICIAIS DIVULGADOS POR ORGANIZAÇÕES CIENTÍFICAS E EDUCATIVAS

- Resolução da Associação Americana para o Avanço das Ciências (AAAS - EUA):
  www.aaas.org/news/releases/2002/1106id2.shtml
- Texto oficial da *National Academies* dos EUA que congrega a Academia Nacional de Ciências (NAS), Academia Nacional dos Engenheiros, Instituto de Medicina e Conselho Nacional de Pesquisas:
  http://nationalacademies.org/evolution/IntelligentDesign.html
- Centro Nacional para Educação Científica (NCSE - EUA):
  http://ncse.com/creationism
- Academia Australiana de Ciências (Austrália):
  http://www.science.org.au/policy/creation.html
- Conselho de Ciências do Reino Unido:
  http://sciencecouncil.org/content/scientific-opinion-creationism-and-intelligent-design
- Centro Britânico para Educação Científica (Reino Unido) – destacando a estratégia criacionista na imprensa e escolas, tentando deturpar o ensino científico:
  http://www.bcseweb.org.uk
- Sociedade Internacional sobre Ciência e Religião (Reino Unido):
  http://www.issr.org.uk/issr-statement/the-concept-of-intelligent-design
- Ensinando Ciência – artigo da UNESCO sobre importância dos princípios e conceitos científicos na educação:
  http://www.ibe.unesco.org/fileadmin/user_upload/Publications/Educational_Practices/EdPratices_17po.pdf

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE OS PRESSUPOSTOS DO MANIFESTO DA SBG

Propositadamente foram sublinhados alguns trechos do Manifesto acima transcrito, com a intenção de tecer algumas considerações a seu respeito.

MIVART

1876: Awarded PhD by Pope Pius IX
1882: Death of CD
1883: Galton, Spencer & THH oppose membership of Athenaeum.
1884: Awarded DM by University of Louvain
1885: Reunites with THH
1888: Hooker opposes membership of Athenaeum
1890: Visiting Professor, University of Louvain
1892: Vice-President, Linnean Society
1895: Death of THH

Obs: THH = Thomas Henry Huxley

Notícias

E mais

- A REAÇÃO DA NOMENKLATURA CIENTÍFICA CONTRA BEN CARSON
- UM UNIVERSO SIMPLES
- ESTÁ NA HORA DE COMEÇAR A REVER A TEORIA DA RELATIVIDADE'
- CONFERÊNCIA ANALISA CONTINUIDADES E RUPTURAS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO
- A ESSÊNCIA ESPIRITUAL DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES
- ECOS DO VELHO TESTAMENTO
- XII SEMINÁRIO SOBRE "A FILOSOFIA DAS ORIGENS" E "I ENCUENTRO DE CREACIONISMO"
- XIII SEMINÁRIO "A FILOSOFIA DAS ORIGENS

A REAÇÃO DA NOMENKLATURA CIENTÍFICA CONTRA BEN CARSON

O Dr. Benjamin S. Carson é diretor da Divisão de Neurocirurgia Pediátrica e Co-Diretor do Centro Craniofacial do Hospital Johns Hopkins, em Baltimore, Maryland. É também professor de Neurocirurgia, Cirurgia Plástica, Oncologia e Pediatria e autor de mais de 90 publicações na área de Neurocirurgia. Recebeu 27 títulos de doutorado "honoris causa" e inúmeros prêmios cívicos e governamentais, tendo sido escolhido pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, como uma das 89 pessoas mais famosas vivas, e reconhecido pela CNN como um dos 20 mais destacados médicos e cientistas.

Sua influência chegou até à Casa Branca e ao Capitólio, mas seu centro de atividades ainda é o Hospital Johns Hopkins, onde trabalha numa das mais difíceis áreas da medicina - Cirurgia Cerebral. Seu sucesso na realização de "milagres" é atestado por muitos, mas em sua calma e modesta maneira, confere todo crédito a Deus.

O Dr. Carson é muito requisitado como orador motivacional e tem tido muitas oportunidades de testificar de sua fé em Deus e suas convicções adventistas. Interessante biografia do Dr. Ben Carson, o menino pobre de Detroit, foi publicada em Português em livro editado pela Casa Publicadora Brasileira cujo título é o seu próprio nome.

Provindo de um ambiente desprivilegiado em sua infância, o Dr. Carson subiu da condição de "simplório" da classe até sua prestigiosa e atual posição, com o "apoio de sua mãe e a graça de Deus". Nem tudo foi um mar de rosas. Com 14 anos de idade ele se irritava com facilidade e, certa vez, tentou esfaquear um amigo no estômago. A fivela do cinto do rapaz o salvou de morte certa, partindo

a lâmina. Esse incidente levou o Dr. Carson a reavaliar completamente sua vida e o rumo que ela tomava. Orou para que o Senhor removesse dele ódio e o ajudasse em seu sonho de tornar-se médico. Hoje ele é uma das pessoas mais simpáticas e gentis que você possa conhecer e uma garantia da competência divina de transformar-nos à Sua semelhança.

Pois bem, esse notável cientista, como outros cujas posições discordantes das que têm sido autoritariamente consideradas como verdades absolutas (particularmente pelo "establishment" que recebeu a apropriada designação de "nomenklatura" no segundo artigo deste número da Revista Criacionista), também sofreu e está sofrendo idênticas perseguições pelo fato de se declarar um criacionista convicto!

Seguem algumas considerações feitas por Valerie Strauss no "Washington Post" de 5/8/2012 sobre a controvérsia surgida com relação à sua pessoa como alguém que não crê na Evolução, por ocasião de sua presença na *Emory University* como orador convidado para a solenidade de formatura dos alunos de Medicina, Saúde Pública e Enfermagem.

Cerca de 500 professores, alunos e ex-alunos apresentaram um abaixo-assinado (cujo texto é reproduzido no final desta notícia) manifestando sua preocupação sobre o fato de que Carson, como Adventista do Sétimo Dia, crê na teoria criacionista que afirma que toda a vida sobre a Terra foi criada por Deus há cerca de 6.000 anos, rejeitando, assim, a teoria da evolução de Darwin, que constitui o princípio central que anima a biologia moderna unindo todas as áreas biológicas sob uma cobertura teórica, e que virtualmente é aceita como verdade por todos os cientistas modernos.

Ao mesmo tempo, nesse abaixo-assinado, os signatários deixaram expresso que sua intenção não era opor-se ao convite feito ao Dr. Carson para ser o orador na solenidade de formatura, mas sim expressar sua preocupação sobre os pontos de vista anticientíficos dele.

O Dr. Carson já foi convidado como orador em dezenas de solenidades de formatura, e já recebeu cerca de 50 títulos *honoris causa*, mas esta foi a primeira vez que seus pontos de vista sobre a Evolução foram trazidos à baila em uma solenidade de formatura.

O reconhecimento internacional do Dr. Carson como cirurgião infantil iniciou-se em 1987 quando foi o primeiro a separar com sucesso as cabeças de gêmeos siameses unidas pela base. No ano 2000 recebeu ele a "Medalha Presidencial da Liberdade", o mais alto prêmio concedido a cidadãos civis nos E.U.A. É reconhecido também pela sua filantropia praticada através do Fundo de Bolsas Escolares de ajuda a crianças excepcionais.

Seus pontos de vista sobre Evolução e Criação têm sido expostos publicamente, como em uma convenção nacional de Professores de Ciências, em que declarou: "Evolucionismo e Criacionismo, ambos, exigem fé, Trata-se somente de uma questão de escolha sobre onde depositar sua fé".

O abaixo-assinado afirma que o Dr. Carson fez comentários que sugeriam que as pessoas que acreditam na Evolução não têm ética, pois ele foi citado em um artigo publicado pela "Adventist Review" como tendo dito "Ao acreditar que somos produto de atos ao acaso, eliminamos a moralidade e a base do comportamento ético pois, se não existe algo como autoridade moral, pode-se fazer o que se desejar". E ainda mais "Ao se tornar tudo relativo, não há mais razão para nossos valores mais elevados".

Entretanto, o Dr, Carson declarou à revista "Inside Higher Education" que o artigo mencionado não havia publicado suas palavras completas, e que ele não julgava os evolucionistas como destituídos de ética. Esta sua declaração foi transcrita pela revista como consta a seguir:

"Teria sido bastante cortês se me perguntassem se foi ou não verdade que eu declarei que os evolucionistas não têm ética, o que jamais afirmei. Pessoas como nós,que cremos em Deus e derivamos de Sua Palavra nosso senso de certo e errado e de ética, realmente não têm qualquer dificuldade para definir de onde deriva nossa ética. Pessoas que acreditam na sobrevivência do mais apto deverão ter mais dificuldade para definir de onde deriva a sua ética. Numerosos evolucionistas são pessoas bastante éticas. "

ABAIXO ASSINADO

Segue o texto do abaixo-assinado publicado no "Emory Wheel", apresentado por 494 sugnatários, incluindo 90 docentes do "Emory College of Arts and Sciences and Oxford College", 72 docentes da "Emory Schools of Public Health, Medicine and Nursing", 55 pesquisadores efetivos e em estágio de pós-doutoramento na Universidade, 154 alunos de pós-graduação e da Faculdade de Medicina, 121 alunos de graduação e 2 ex-alunos da "Emory University".

Ao Editor de "Emory Wheel":

Estamos escrevendo para despertar a atenção da comunidade universitária da "Emory University" para a renegação da Evolução pelo orador da solenidade de formatura deste ano. O Dr. Ben Carson é um neurocirurgião de renome internacional que tem contribuído para o avanço da medicina e que tem dado apoio à educação de incontáveis crianças através de sua organização filantrópica. Essas realizações podem proporcionar grande inspiração para os graduandos da *Emory*. Porém, enquanto esses graduandos, suas famílias e a comunidade acadêmica da *Emory* estiverem ouvindo suas palavras, pedimos-lhe (ao Editor) que considere também o enorme impacto positivo da ciência em nossas vidas e como essa ciência se respalda inteiramente sobre a Evolução.

O que mais preocupa na renegação da Evolução pelo Dr. Carson é a sua identificação da aceitação da Evolução à falta de ética e de moralidade. Em uma entrevista publicada no site da "Adventist Review" ele declara "Em última análise, se aceitarmos a teoria da evolução, relegamos a ética, não temos de viver em conformidade com códigos morais, determinamos nossa própria consciência com base em nossos desejos".

O Dr. Carson insiste em não distinguir a diferença entre ciência, que é preditiva e falseável, e sistemas de crença religiosa, que por sua própria natureza não podem ser falseados. Isso é especialmente preocupante em face de seus grandes feitos na medicina o levarem a ser visto como alguém que "entende de ciência".

A aceitação da Evolução e do método científico em geral não é incompatível com a moral ou com a religião, como tão bem demonstrado por líderes cientistas, políticos e acadêmicos fortemente religiosos, o que inclui Francis Collins (Diretor do "National Institutes of Health"), o Presidente Jimmy Carter, e muitos docentes e discentes que estarão presentes na solenidade de formatura no dia 14 de maio.

O Dr. Carson argumenta que não existem evidências favoráveis à Evolução, que não existem fósseis de transição que proporcionem evidências a favor da evolução humana a partir de um ancestral comum de outros símios, que a Evolução é um processo totalmente aleatório e que a vida é demasiadamente complexa para ter-se originado mediante processos evolutivos naturais. Todas essas alegações não são corretas. As evidências a favor da Evolução são avassaladoras: fósseis de transição entre símios e humanos são descobertos cada vez mais abundantemente, e sabe-se hoje que os processos pelos quais os organismos desenvolvem novos e mais complexos planos corporais são causados por alterações relativamente simples da expressão de pequeno número de genes do desenvolvimento. Nosso conhecimento do processo evolutivo aprimorou nossa capacidade de desenvolver modelos animais para doenças, nossa capacidade de combater o espalhamento de doenças infecciosas e, destaca-se aí, o fato de que o próprio trabalho do Dr. Carson baseia-se nos avanços científicos proporcionados pela nossa compreensão da Evolução. Finalmente, muito das pesquisas realizadas nesta Universidade baseia-se no aprimoramento de nossa compreensão da Evolução.

A teoria da evolução é tão fortemente apoiada quanto a teoria da gravitação ou a teoria de que as doenças infecciosas são causadas por microorganismos. Renegar a Evolução é desprezar a importância da ciência e do pensamento crítico para a sociedade. Afirmar que quem aceita o princípio basilar da biologia e da medicina não tem ética não só encoraja a inserção de separações desnecessárias e destrutivas entre os cidadãos americanos como também entra em confronto com muitos dos ideais desta Universidade .

Redigido por:

J. de Roode (Departamento de Biologia)

A. Eisen (Departamento de Biologia)

N. Gerardo (Departamento de Biologioa)

I. Nemenman (Departamentos de Biologia e Física)

UM UNIVERSO SIMPLES

Com o título acima, foi publicado em 16 de maio de 2012 no site científico NOVA (http://www.pbs.org/wgbh/nova/physics/blog/2012/05/a-simple-universe/) a interessante notícia de autoria de Richard Panek, transcrita a seguir.

Richard Panek é autor de três livros sobre Ciência, dentre os quais o mais recente é The 4% Universe ("O Universo de 4%"), um relato sobre os bastidores da elaboração de uma nova cosmologia decorrente das descobertas da "matéria escura" e da "energia escura". Como colaborador da Fundação Guggenheim, tem escrito com regularidade para o The New York Times sobre a intersecção entre Cultura e Ciência, e também tem contribuído regularmente para o blog de Ciências The Last Word on Nothing ("A Última Palavra sobre Nada").

O Universo é simples. Quão simples? Tão simples como ilustrado na Figura 1.

"Isso é algo impressionante", relembra P. James Peebles, um dos próprios cosmólogos que colaboraram nessa predição teórica. "E aí está! O Universo é simples!".

Certa vez Einstein exprimiu a frase que se tornou famosa "O mais incompreensível sobre o Universo é que ele é compreensível!" E por que deveria ser assim? Por que algo tão vasto, tão complexo e tão antigo seria compreensível a uma espécie que levou milênios pensando que ocupava o centro de tudo? Apesar de tudo, no decorrer dos séculos os cosmólogos sempre trabalharam com a hipótese de que o Universo é simples, e pelo menos até agora parece que essa hipótese funcionou a contento.

Essa hipótese vem desde Copérnico. A representação do céu herdada por ele dos antigos estava cheia de esferas invisíveis que se movimentavam carregando a Lua, o Sol, os planetas e as estrelas. A Geometria necessária para explicar esses movimentos estava ornamentada com curvas deferentes e epiciclos – círculos, círculos dentro de círculos e círculos tangentes a círculos, todos eles elaborados pelos astrônomos no decorrer de alguns milênios, tentando compreender o movimento dos corpos celestes ao redor de uma Terra estacionária. Copérnico compreendeu que o problema nessa representação era a divisão do Universo em duas partes distintas – a terrestre e a celeste. O que aconteceria se o Universo fosse uma única grande realidade? Assim que Copérnico removeu a Terra de seu lugar privilegiado e a colocou em órbita em torno do Sol, ele conseguiu chegar a equações que prediziam com muito maior precisão os movimentos dos corpos celestes. Um século e meio depois, Isaac Newton utilizou o modelo heliocêntrico para chegar à sua Lei da Gravitação Universal (com ênfase em *Universal*). Unindo a Física do terrestre com a Física do celeste, Newton mostrou que Copérnico tinha razão. O Universo é simples!

Nos três séculos seguintes a Newton, suas ideias foram corroboradas pelas descobertas feitas sobre o comportamento de planetas e luas, com exceção da aberração observada na órbita de Mercúrio. Em 1915, Einstein resolveu esse problema mediante sua Teoria Geral da Relatividade, reconhecendo a gravidade não como uma força que atua através do espaço, mas como uma propriedade do próprio espaço. Dois anos mais tarde, Einstein publicou um artigo aprofundando as "considerações cosmológicas"

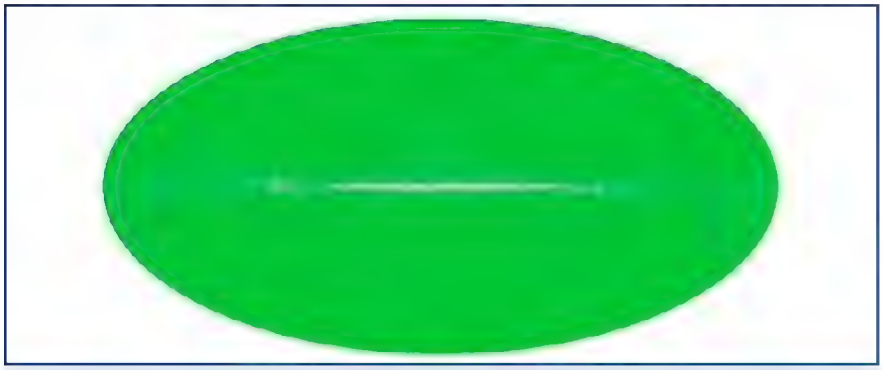


Figura 1 – Simulação do céu como percebida pelo receptor de microondas dos Laboratórios Bell. [Crédito: NASA / WMAP Science Team]

Esta é a radiação cósmica de fundo, da maneira como foi detectada por um rádio-telescópio dos Laboratórios Bell em 1964. A banda de cor branca na parte central da Figura indica o centro de nossa galáxia. O restante é o zumbido do eco do Big Bang, uniforme em todas as direções, exatamente como tinha sido predito teoricamente.

inerentes a essa nova compreensão da gravidade. O que teria a dizer essa nova lei da gravitação sobre a história e a estrutura do Universo? Para que a Matemática necessária para a nova explicação pudesse ser simples, Einstein e depois outros pesquisadores da Teoria tiveram de presumir que o Universo também fosse simples. Assim, retornaram à hipótese de Copérnico de que a Terra não ocupa uma posição privilegiada no Universo e que, portanto, em escala mais ampla, o Cosmos mantém isotropia, independentemente da direção em que seja observado. E isso era exatamente o que havia sido revelado em 1964 pela observação da radiação cósmica de fundo.

Entretanto, essa concepção do Universo era praticamente muto simples. Onde estavam as sutis flutuações de temperature que representariam as sementes das galáxias, dos aglomerados e dos superaglomerados de galáxias – tudo que iria crescer no Universo tal qual o conhecemos hoje?

Para responder essa questão, a NASA pôs-se a campo para projetar e construir um satélite artificial para detectar essas flutuações, e em 1991 e 1992 o satélite *Cosmic Background Explorer* (COBE) as descobriu – diferenças de temperatura da ordem de 1 em 100 mil.

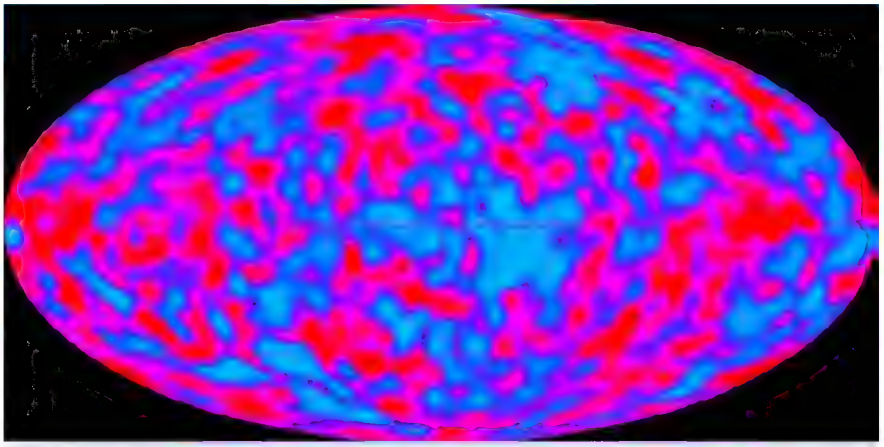


Figura 2 - O céu como percebido pelo satélite COBE
[Crédito: *NASA Legacy Archive for Microwave Background Data Analysis (LAMBDA)*]

Poucos dias depois de George Smoot ter recebido o Prêmio Nobel de Física, mantive uma entrevista com ele, um dos principais pesquisadores à frente desse projeto, em sua sala na *University of California*, em Berkley.

Embora nunca se mantivesse muito calmo, na ocasião mostrou-se bastante mais animado, e apesar de não ter dormido, visivelmente sob a ação de muita adrenalina disse em alta voz: "Cada vez mais o Universo se mostra realmente simples!"

À sua frente, concordando com um enfático movimento da cabeça, estava o físico Saul Perlmutter, do *Lawrence Berkeley National Laboratory*. Como que ecoando as palavras de Einstein, declarou ele: "É como se fôssemos capazes de entender o Universo em nosso nível".

Entretanto, o mesmo Perlmutter coloca-se entre os cientistas cujas pesquisas mais ameaçam a noção de que o Universo finalmente será compreendido. Em 1998 ele coordenava um dos dois grupos que descobriram que a expansão do Universo não está se decelerando, como muitos simploriamente poderiam esperar, mas que está se acelerando. (Em 2011 ele partilhou o Prêmio Nobel por essa descoberta).

Inicialmente, os físicos consideravam ser difícil aceitar a descoberta da "energia escura" como uma força mais poderosa do que a gravidade na escala cósmica, porém, em 2003 foram obtidos os primeiros resultados pela sonda *Wilkinson Microwave Anisotropy Probe* (WMAP), sucessora da COBE.

Estudando as configurações dessas flutuações em uma escala mais fina, os cosmólogos con-

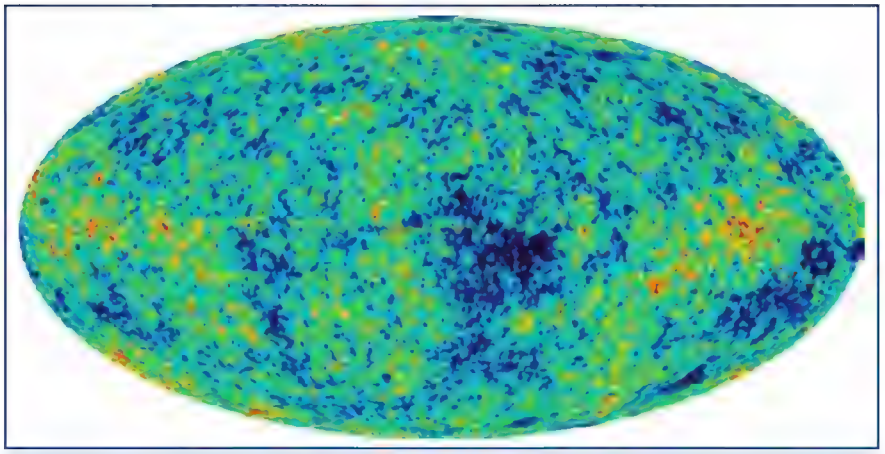


Figura 3 – O céu como percebido pla sonda WMAP. [Crédito: WMAP Science Team, NASA]

seguiram calcular a porção do Universo que toma a forma de "energia escura" – 72,8%. O que isso significa?

Antes de poderem começar a responder a essa pergunta, os físicos teóricos precisam conhecer como se comporta a energia escura no Universo. Ela varia em função do tempo e do espaço, ou ela é constante? O satélite Planck, sucessor da sonda WMAP, deverá prover valiosas informações quando os dados que coletou forem divulgados no começo do ano próximo.

Até hoje, entretanto, todos os dados coletados nos experimentos com menor precisão, apontam para o fato de que a energia escura permanece constante. Nesse caso, os pesquisadores da Teoria concordam que a reposta à pergunta "O que é a energia escura?" exigirá a unificação da Física do macrocosmo (Teoria da Relatividade) com a Teoria do microcosmo (Física Quântica), de maneira semelhante ao que Newton fez, unificando a Física do terrestre com a Física do celeste.

"Não deveríamos ficar chocados por estarmos descobrindo coisas surpreendentes", disse-me Perlmutter. "Com base tão somente em informações fragmentárias e em uma teoria interessante formulada por Einstein, temos sido capazes de formular um modelo mais simples possível para o Universo. Nada mais podemos saber, a não ser imaginarmos que ele é tão simples como possivelmente poderia ser, porque não temos quaisquer outras informações disponíveis. E então dizemos 'Vamos conseguir mais algumas informações adicionais', e essa informação adicional ajusta-se perfeitamente nesse quadro ridiculamente simples, como se fosse uma peça intencional desse mosaico.

E agora? Desconhecemos o que seja a maior parte do vasto Universo. E os físicos asseveram que jamais a conheceremos. O Universo, afinal, pode ser incompreensível, mas, supondo que possa vir a ser compreendido, pelo menos Perlmutter declara sua fé quanto ao que ele poderia se assemelhar: ao Universo de Copérnico, de Newton e de Einstein, "algo igualmente elegante e simples".

'ESTÁ NA HORA DE COMEÇAR A REVER A TEORIA DA RELATIVIDADE'

Às vésperas de completar 70 anos, um dos mais importantes físicos do Brasil é homenageado em simpósio e faz um balanço da ciência e seu futuro.

Um dos maiores físicos brasileiros da atualidade, o professor Mário Novello completa 70 anos no próximo dia 24 (de agosto de 2012). Em sua homenagem, a instituição onde trabalha, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), promoveu um simpósio especial na última semana, em que pesquisadores do Brasil e de várias partes do mundo discutiram as principais ideias e teorias que ele apresentou nos seus anos de atuação na ciência.

Em entrevista ao JC e-mail 4565, de 20 de Agosto de 2012, Novello resumiu algumas delas e comemorou a atenção cada vez maior que a Física recebe do público em geral. Dada a natureza

Mário Novello

dos assuntos expostos por ele, transcrevemos a seguir, na íntegra, a referida entrevista.

Quais foram seus focos de estudo nos últimos anos?

Eu me interessei por cinco grandes questões de conhecimento da natureza.

A primeira é se o Universo teve um começo singular há alguns bilhões de anos ou é muito mais velho, possivelmente eterno, ou seja, se teve um colapso anterior à fase atual de expansão ou não.

A segunda é se é possível produzir um buraco negro não-gravitacional em laboratório. Os buracos negros são um conceito tipicamente de gravitação, mas mostramos, eu e minha equipe, desde 2001, que certos efeitos eletrodinâmicos não-lineares podem produzir um comportamento dos fótons, os grãos de luz, típico do que têm quando na vizinhança de um buraco negro, o que significa que em certas circunstâncias seria possível fabricar um buraco negro não-gravitacional, eletromagnético, no laboratório. Isso teria consequências muito interessantes, como, por exemplo, esconder o que se quiser dentro dele, pois a matéria lá dentro não consegue emitir fótons e, assim, não seria possível ser detectada.

A terceira é a origem da massa, que ganhou tanta atenção recentemente com o anúncio da detecção do bóson de Higgs.

A quarta envolve um trabalho que fiz há algum tempo sobre a hipótese de que as interações da Física poderiam variar com a situação espaço-temporal, ou seja, que a Física que a gente descobre na Terra não é necessariamente a mesma em qualquer lugar do Universo. Aprendemos que as leis da Física foram geradas de uma maneira que não sabemos como, e cabe a nós simplesmente descobri-las, isto é, elas são o que são e não podem ser emendadas ou mudadas. Mas se por acaso houver uma dependência das interações fundamentais com a situação do Universo, poderia se começar a pensar que talvez tenha havido outras configurações e esta que hoje chamamos de leis da Física é na verdade um conjunto cuja coerência durou um certo tempo suficientemente grande para gerar o que a gente chama de Universo. É mais ou menos a mesma diferença entre Ptolomeu e Copérnico. Nós achávamos que a Terra era o centro do Universo, e agora achamos que as leis da física descobertas na Terra são as mesmas em todo Universo. Guardadas as devidas proporções, o que estamos discutindo é se isso é verdade mesmo. Isso não pode ser um dogma *a priori*, é preciso testar, e onde testamos isso é com a Cosmologia, que está produzindo uma refundação da Física como não se viu desde o século XVI.

Já a quinta é a geometria do microcosmos, que é delicada. O mundo quântico tem propriedades muito especiais. Desde os anos 20 que a gente considera que neste mundo não se deve falar em processos contínuos, mas discretos. Daí o famoso "salto quântico", que foi caracterizado de forma bem clara nas órbitas dos átomos de hidrogênio, e nos outros também, em que os elétrons não ficam em todos lugares, eles têm certas órbitas preferenciais, que são determinadas exatamente pelas equações que regem este mundo quântico. Mas nos anos 50 David Bohm (físico britânico de origem americana que também foi cidadão brasileiro e viveu no país no início dos anos 50) produziu um cenário com uma visão contínua do mundo quântico que é a única, ou pelo menos uma das poucas, que pode ser aplicada na Cosmologia. Isso porque quando se vai produzir um modelo quântico do Universo, não se pode usar a interpretação clássica da mecânica quântica, a da Escola de Copenhague, que exige que se tenha um observador externo ao sistema. Ora, como não pode haver um observador externo ao que a gente chama de Universo, não poderia haver, neste caso, uma Cosmologia quântica. Para que ela exista, é preciso sair desta interpretação e é daí que vem a ideia de Bohm e de De Broglie (Louis De Broglie, físico francês ganhador do Nobel de 1929). No nosso grupo de Cosmologia no CBPF, temos trabalhado muito nesta direção e fizemos uma mudança na estrutura métrica que envolve o microcosmo. Isso é curioso porque estamos acostumados a medidas euclidianas no cotidiano. A Relatividade Especial, no entanto, mostrou que essa geometria euclidiana pode ser alterada quando você tem objetos com velocidades extremamente elevadas. O que estamos construindo é uma terceira possibilidade que é uma geometria do tipo produzida pelo matemático e físico alemão Hermann Weyl que pode exatamente ser responsável por aquele tipo de coisas que a gente chama de efei-

tos quânticos. Neste modo de encarar, os efeitos quânticos seriam na verdade propriedades do fato de termos uma estrutura métrica no interior do microcosmo do tipo não-euclidiana, o que muda de forma fantástica várias interpretações que temos até agora.

São estas as cinco questões em que basicamente tenho me envolvido. E claro que neste meio tempo orientei mais de 50 teses de mestrado e doutorado de meus alunos.

Entre 2014, a Copa do Mundo no Brasil, e 2016, as Olimpíadas do Rio, temos os 100 anos da Teoria da Relatividade Geral de Einstein em 2015. Como o senhor e o CBPF estão se preparando para comemorar a data?

Há algum tempo venho propondo para o governo brasileiro a criação de um instituto de Cosmologia. Nos últimos 10 anos, os países do chamado Brics (sigla em inglês para Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul), com exceção do Brasil, montaram seus institutos de Cosmologia mostrando que a ciência fundamental faz parte do seu desenvolvimento, mostrando que em alguns anos esperam estar na fronteira do conhecimento, pois os centros tradicionais, como a Europa, estão em decadência. O Brasil então deveria seguir os "Brics" se quiser também participar deste movimento.

Não seria a primeira vez que o CBPF daria origem a outra instituição de excelência. O Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC); o Laboratório Nacional de Luz Síncroton, em Campinas, e o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa) vieram do CBPF. Ele é um gerador de institutos que, no entanto, não tiram um pedaço dele. Ao contrário, o CBPF engrandece cada vez mais quando faz uma coisa dessas. Devemos ter uma instituição nacional voltada para a Cosmologia.

No mês passado, tivemos o anúncio da detecção do bóson de Higgs, que ganhou atenção da mídia e do público ao redor do mundo. Como o senhor vê este crescente interesse geral em ciências de ponta como a Física?

A maior parte das questões da Física envolvem também questões fundamentais do ser humano, como de onde viemos, para onde vamos. Tanto que o Higgs, ou a expansão do Universo, o *Big Bang*, os buracos negros, questões que as pessoas não entendem bem, chamam a atenção. São questões que estão no limite do conhecimento e estão interligadas na Cosmologia. Ao longo dos meus 35 anos de trabalho, sempre lidei com estes temas que estão na fronteira do conhecimento e têm um apelo popular notável, primeiro porque não sabemos totalmente a resposta. E segundo porque a visão que elas nos dão do Universo é maravilhosa. É como se estivéssemos vivendo uma época que está passando daquela visão estreita da Terra como centro de tudo para uma imagem grandiosa do Universo. Na semana passada estive em um evento organizado pelo rabino Nilton Bonder e foi muito bom ver o interesse das pessoas em assuntos que de uma certa maneira fogem de seu dia a dia. As pessoas perguntaram basicamente duas coisas: se o Higgs pode ter alguma importância na descrição do Universo e como se vê hoje a evolução do Universo. Eram 20h30 de uma quarta-feira e as pessoas lotaram um anfiteatro mostrando um interesse fantástico na ciência.

Neste caso, o apelido marqueteiro do Higgs como "partícula de Deus" não teria influenciado esse interesse, apesar de na verdade sua busca não ter nada a ver com religião ou provar ou não a existência de Deus, mas sim decifrar as leis do Universo que está à nossa volta?

Destaquei lá que não há oposição entre ciência e religião. Religião trata de fé, enquanto a ciência é uma interpretação racional da natureza. Tem cientistas que acreditam em Deus e são religiosos, judeus, católicos, protestantes, muçulmanos, pois não há contradição. O debate não é religioso e as pessoas aceitaram isso muito bem. A questão não é como o cientista está vendo Deus, ele está produzindo um conhecimento do nosso Universo. É o que a gente pode fazer, porque o conhecimento de Deus não se pode dar através da razão, apenas de outra coisa que a gente chama de fé. São dois modos como o homem pensa o mundo e interage com a sociedade, distintos e que não são incompatíveis. Cada coisa com seu próprio Universo.

E quanto à evolução do Universo e a descoberta que sua expansão está se acelerando, o que trouxe a necessidade de encontrar explicações quase que esotéricas, como a misteriosa energia escura, que ninguém sabe o que é?

Essa é uma discussão importante, ainda mais tendo em vista

os 100 anos da Relatividade. O momento é de começar a pensar em alterar um pouco a Teoria da Relatividade Geral de Einstein, o que vai mudar nossa visão da Cosmologia. Assim como Einstein não provou que Newton estava errado, só incompleto, estamos vendo que ele também não está completo e é preciso encontrar algumas mudanças em sua teoria, principalmente na presença de campos gravitacionais muito intensos. Einstein não está errado, o que ele fez é observacionalmente correto, principalmente com os dados que ele tinha na época. Mas não explica uma série de novas observações e novos fenômenos que a gente tem que descobrir um modo de interpretar mudando a Relatividade Geral, e propostas estão sendo desenvolvidas no mundo todo. É interessante ver que 100 anos depois, o que Einstein classificou com um dos seus maiores erros, a constante cosmológica, talvez tenha que ser reintroduzida na sua teoria com outras propriedades.

A gente sabe que não sabe tudo.

OBSERVAÇÕES DA SCB SOBRE A ENTREVISTA

A propósito de um dos aspectos da entrevista acima, relativo à questão de ser ou não eterno o Universo, lembramos a nossos leitores que na Folha Criacionista nº 28 de março de 1983, publicamos interessantes considerações feitas há quase 30 anos pelo físico Prof. Dr. Waldir A. Rodrigues Jr. na notícia da qual transcrevemos a seguir alguns trechos que incluem uma apreciação da teoria elaborada por Mário Novello.

Waldir Alves Rodrigues Jr.

ALBERT EINSTEIN E A RELATIVIDADE

Pois bem, o Universo dos cosmólogos (não o Universo real, certamente) é alguma solução de algum sistema de equações, com que estes cientistas pensam descrever o mundo em que vivemos. Uma dessas descrições é baseada nas equações de Einstein, da relatividade geral. Esta teoria descreve uma equivalência entre a geometria do espaço-tempo (que representa o campo gravitacional) e a distribuição de matéria. Para aquelas distribuições de matéria, que possuem alguma chance de descrever a realidade, as equações nos informam a existência de um evento com características notáveis no passado distante, 10^{10} anos atrás. Neste evento, conhecido como o "big-bang", o Universo se reduz a um ponto matemático. No modelo do balão, tal evento corresponderia à existência de um tempo onde o raio do balão fosse nulo. É claro que se o Universo foi um ponto 10^{10} anos atrás, então nesse instante a densidade de matéria foi infinita. Como não é possível saber o que aconteceu antes do "big-bang", pois as equações da teoria não funcionam mais, diz-se que o "big-bang" é o início do Universo. Concluímos, então, que a relatividade geral fornece um Universo que não é eterno, pois teve um começo.

Se o modelo acima, obtido da relatividade geral, é correto, muitas coisas interessantes poderão vir a acontecer no futuro, mas sobre tais questões não nos ocuparemos aqui. O nosso problema é a questão: O UNIVERSO É ETERNO?

Acabamos de ver que a cosmologia relativística "standard" diz não a esta questão. Por que então os cientistas não pensam que a solução acima é uma boa solução? Existem muitas respostas a esta questão. Devo dizer que muitos não acham agradável a ideia de uma origem, o que é equivalente a uma criação, com todas as implicações metafísicas conhecidas. Pois bem, se o Universo é eterno, e portanto sempre existiu, ele não precisou ser criado.

A ETERNIDADE

A exigência da eternidade pode satisfazer a filosofia de muitos, mas não é certamente a razão essencial pela qual se procura um mundo com mais de 10^{10} anos. A razão para tanto é que existem algumas evidências de que, para a vida ter-se formado ao acaso em nosso Universo, é necessário que o mesmo tenha aproximadamente $10^{40.000}$ anos!!! Este número astronômico é muito, muito ... muito maior do que os 10^{10} previstos pela cosmologia relativística. Temos portanto um dilema: ou o Universo é muito mais velho que 10^{10} anos ou devemos estar preparados para admitir que a vida é devida a existência de uma inteligência infinita em nosso Universo - em outras palavras, que a vida foi programada.

A TEORIA DE NOVELLO

É sobre o peso do argumento acima que se pode apreciar a tentativa de invenções de teorias onde o Universo resulta eterno. Uma dessas tentativas é a do meu amigo Mario Novello. Em sua teoria, faz-se uma reformulação da eletrodinâmica e da gravitação, que é, matematicamente, descrita por equações diferentes das equações de Einstein (e de Maxwell). A teoria de Novello prediz que o Universo encontra-se atualmente em expansão, mas no passado remoto o raio do Universo não foi nunca nulo, isto é, nunca existiu um estado de densidade infinita, onde não se pode calcular nada mais. A densidade teve um máximo, no passado remoto, e antes desse evento o Universo existiu por tempo infinito.

A esperança de Novello e colaboradores era que dessa maneira o número $10^{40.000}$ anos pudesse aparecer naturalmente. De fato, 40.000 com um Universo que existe desde sempre, esse numero ($10^{40.000}$) não foi há tanto tempo assim - o problema não resolvido é que nesta época podem não ter existido as outras condições necessárias para a vida e, assim, ainda neste "modelo" temos que apelar para uma inteligência infinita no cosmos!

Antes de prosseguirmos é importante deixar claro que o modelo Novello não é o único que implica um Universo eterno. Existem outros modelos, onde o Universo *não* está em expansão, e onde se pode explicar a fuga das galáxias, que é o fenômeno empírico observado. Não detalharemos esses modelos aqui, mas um deles é equivalente, na teoria balão mais feijões, a uma situação onde o raio do balão continua constante e os feijões (o padrão de medida) diminuem com o tempo.

ENFIM, O QUE É O UNIVERSO?

A moral da discussão acima é que nenhuma teoria física explica nada. As teorias físicas descrevem o mundo que vivemos na medida em que se aceitem algumas afirmações como "verdade a priori". Estas verdades são chamadas axiomas da teoria. Esses axiomas, verifica-se sempre, não correspondem a verdades eternas sobre o mundo real. A conclusão é uma só: o Universo é aquilo que pensamos que ele é. Mais precisamente, somente aquele que conhece, isto é, que tem consciência dos fenômenos, pode inventar como representá-los. Tal implica, me parece claro, que certamente existe um princípio inteligente no Universo, e somente a invenção de teorias onde esse princípio inteligente possa ser descrito, levará a um progresso real da ciência.

Para aqueles que pensam que neste momento o autor foi acometido de loucura prematura, desejo ainda informar que uma teoria matemática com as propriedades acima já é disponível! Mas sobre tal assunto de características mais metafísicas que físicas, discorreremos em outra oportunidade.

Não deixa de ser notável a observação de que a compreensão total do Universo exige a existência de "um princípio inteligente", ou seja, só uma estrutura conceitual que aceita a existência de um Criador com planejamento, desígnio e propósito será capaz de permitir um verdadeiro progresso da ciência!

CONFERÊNCIA ANALISA CONTINUIDADES E RUPTURAS DA TEORIA DA EVOLUÇÃO

Continua acirrada a discussão a respeito da validade das hipóteses e da aplicação da teoria da evolução das espécies, no próprio âmbito dos adeptos da estrutura conceitual evolucionista! É o que se pode verificar na notícia com o título acima, veiculada por Clarissa Vasconcellos no Jor-

nal da Ciência, edição JC e-mail 4547, de 25 de Julho de 2012, *da qual transcrevemos a seguir alguns trechos de maior interesse.*

Guillermo Folguera afirma que nos últimos quinze anos houve uma aceleração na discussão sobre as modificações teóricas, incluindo o questionamento da exclusividade do gene como unidade de hereditariedade.

Ele é considerado a unidade fundamental da hereditariedade na genética clássica, mas o gene pode ganhar a companhia de outros fatores, como o comportamental e a influência epigenética na explicação da herança, de acordo com Guillermo Folguera, da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais e da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, que proferiu ontem (24 de julho de 2012) a palestra "Continuidades y Rupturas en la Teoría de la Evolución" na 64ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

"O gene foi considerado durante décadas a única unidade de hereditariedade, mas hoje quer se aliar à epigenética, aos estudos comportamentais de aprendizagem social e à linguística, esta última no caso do homem", afirma Folguera. "Não se está apenas criticando a exclusividade do gene como unidade de hereditariedade. O que ocorre há quatro décadas é que se está tirando a relevância dele em muitos aspectos no âmbito genético", detalha Folguera ao Jornal da Ciência.

Nesse sentido, entra a mudança dele como unidade de hereditariedade exclusiva, e também a 'complexa relação fenótipo-genótipo'" o que, segundo o pesquisador, "nos faz pensar a vida em diferentes níveis, onde o genético seja só um deles" e que cada vez que se tenha que descrever um fenômeno biológico seja necessário levar em conta um determinado conjunto de níveis.

Jogo de interesses

No entanto, a ideia é ainda muito discutida porque envolve distintos interesses. "Por exemplo, para onde destinar o dinheiro de pesquisas sobre o câncer? Para estudos genéticos, estudos celulares, estudos organímicos? Há grandes implicações de ordem ética, política e econômica", alega Folguera.

O pesquisador também afirma que há resistências à ideia da quebra da exclusividade também por "dificuldades epistêmicas". "Uma ideia de que o fenótipo se herda aproxima-se muito mais ao lamarckiano que darwiniano, como no caso, por exemplo, da indução ambiental, quando o ambiente gera a mudança do fenótipo. Mas os biólogos odeiam a palavra lamarckiano, por toda oposição que Darwin teve com Lamarck", relata.

As referências profissionais de Folguera citadas já dão uma ideia de sua trajetória, que une Biologia e Filosofia, disciplinas nas quais ele não só se especializou, mas estabeleceu conexões. "Aos poucos ele se tornou um biólogo filósofo e encontrou campo fértil na teoria da evolução. Longe de ser contínua, a evolução encontra percalços, discussões e rupturas", conta o professor Ennio Candotti, vice-presidente da SBPC, apresentador da palestra de Folguera.

Histórico das teorias

Durante a conferência, o pesquisador argentino analisou as continuidades e descontinuidades da teoria da evolução nas últimas cinco décadas, indagando os efeitos epistemológicos, metodológicos e ontológicos das mudanças na teoria.

Ele explicou a composição do "núcleo duro" da genética, formado pela genética clássica, genética das populações e ecologia evolutiva, consideradas disciplinas "que explicam". Paleontologia e anatomia comparada, por outra parte, apresentam dados e fenômenos para serem explicados. Folguera se focou nos conjuntos das genéticas clássica e de populações, relacionando a primeira às origens das variações genotípicas e fenotípicas e à Evo-Devo, e a segunda a mecanismos microevolutivos, paleontologia e hierarquias seletivas.

"A genética clássica e a genética de populações cumpriram, durante o século 20, com as expectativas metodológicas, epistemológicas e ontológicas de biólogos e filósofos da tradição do empirismo lógico. A genética de populações logrou cumprir as expectativas de ser uma ciência propriamente, tendo a Física como disciplina exemplo. Ela tem um funcionamento como o da Física", compara, citando texto que produziu com o brasileiro Melender de Araújo.

Após falar das bases e da diversidade de propostas nos séculos 18 e 19, e da predominância da

síntese biológica entre os anos 1930 e 1960, Folguera focou nos anos 1970, quando houve o que ele chama de "primeira onda" de críticas, expansões e alterações da síntese biológica.

A "segunda onda", de acordo com Folguera, surgiu a partir de 1995, quando começou uma aceleração nas discussões, que vem se intensificando com temas como a quebra da exclusividade do gene como unidade de hereditariedade. "Foram registradas grandes modificações na teoria da evolução na última década e isso foi se acelerando. Hoje estamos discutindo mudanças muito importantes", destaca.

Dentre as mudanças muito importantes mencionadas, ressaltam-se, sem dúvida, as que nos fazem "pensar a vida em diferentes níveis, onde o genético seja só um deles" e que cada vez que se tenha que descrever um fenômeno biológico seja necessário levar em conta um "determinado" conjunto de níveis, dentre os quais não podemos deixar de destacar a "essência espiritual" que é o assunto da notícia seguinte.

A ESSÊNCIA ESPIRITUAL DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES

Com o título acima, a Edusp lançou "Darwinismo", obra clássica de Alfred Russel Wallace, em que o biólogo inglês afirma que uma "natureza superior" pode explicar a sensibilidade humana para a matemática e as artes. Deve ser relembrado que, na época de Darwin, suas ideias foram amplamente questionadas sob vários aspectos por numerosos cientistas de renome, dentre os quais o próprio Wallace, que independentemente havia também lançado em livro suas ideias a favor da evolução das espécies.

Transcrevem-se a seguir, para aguçar a curiosidade de nossos leitores, trechos da notícia sobre o lançamento atual desse livro de Wallace, veiculada pelo "Jornal da USP" de 2 a 8 de julho de 2012, em sua seção "Ciência", página 6.

"As faculdades matemática, musical e artística do homem civilizado não são desenvolvidas pela lei da seleção natural. Elas existem num pequeno número de indivíduos privilegiados. Esses poderes mentais diferem em muito dos que são necessários ao homem, comuns a ele e aos animais inferiores, e, portanto, não podem ter surgido em consequência da lei de seleção natural."

Essas afirmações são do biólogo inglês Alfred Russel Wallace (1823-1913), precursor da ecologia e biogeografia, que após 30 anos de discussão sobre a teoria da seleção natural de Darwin, escreveu o livro *Darwinismo: uma Exposição da Teoria da Seleção Natural com algumas de suas Aplicações* (1889), em que apresenta sua revisão de alguns pontos da teoria de Darwin, considerados frágeis.

O clássico livro de Wallace acaba de ser lançado pela Editora da USP (Edusp), com tradução de Antonio de Padua Danesi. Em capa dura, a obra tem 430 páginas e traz mapas e ilustrações.

Refletindo sobre a natureza e a origem das faculdades morais e intelectuais do homem, Wallace afirma que os dons especiais para a matemática, as artes e a música apontam para a existência no homem de algo que ele não obteve de seus progenitores animais, e sim de uma natureza espiritual, capaz de evoluir sob condições favoráveis.

Evidencia-se, portanto, que, apesar de concordar parcialmente com o materialismo da doutrina evolucionista de Darwin, Wallace praticamente defende um tipo de evolução teísta, como se pode ver também no comentário a seguir.

"Acatando a hipótese dessa essência espiritual, sobreposta à natureza animal do homem, conseguimos entender muito daquilo que de outro modo seria misterioso ou ininteligível com relação a ele, principalmente a enorme influência das ideias, princípios e crenças em sua vida e comportamento. Assim é que podemos entender a constância do mártir, a solidariedade do filantropo, a devoção do patriota, o entusiasmo do artista, a busca perseverante e resoluta do cientista que tenta desvendar os segredos da natureza", explica.

O autor ressalta, ainda, que o amor à verdade, o prazer da beleza, a paixão da justiça, o estremecimento exultante com que ouvimos falar de um ato de coragem e auto-sacrifício são, no homem civilizado, a prova de uma natureza superior que não se desenvolveu em consequência da luta pela vida material.

Alfred Russel Wallace postula no livro que, para aqueles, como ele, que acreditam num mundo espiritual, o Universo é visto como um todo coerente, cujas partes estão adaptadas ao desenvolvimento de seres espirituais dotados de vida eterna e perfectibilidade. Para ele, a teoria de Darwin respalda a crença na natureza espiritual do homem, mostrando como o corpo humano evolui a partir de uma forma bruta inferior segundo a lei de seleção natural, mas nos ensina também que possuímos faculdades morais e intelectuais desenvolvidas de outra maneira, com uma origem diferente. *"E a única causa adequada dessa origem só a podemos vislumbrar no Universo invisível do espírito."*

Tratando dos primórdios da divulgação da doutrina de Darwin, segue o articulista afirmando que o livro de Wallace tem um caráter testemunhal, retratando os primórdios do Darwinismo, apresentando assuntos que passaram por transformações profundas já nos anos seguintes ao lançamento de teoria da evolução.

Para Wallace, Darwin baseou sua teoria nas evidências da variação em animais domesticados e plantas cultivadas. Quando escreveu sua teoria, foi para uma geração que não aceitou a evolução e menosprezava os que sustentavam a ideia de uma espécie proceder de outra espécie por alguma lei natural de descendência. No entanto, as objeções feitas à teoria de Darwin, segundo Wallace, aplicam-se unicamente aos meios particulares pelos quais a mudança das espécies ocorreu, e não ao fato dessa mudança. *"Os opositores procuram minimizar a mediação de seleção natural e subordiná-la a leis de variação, de uso e desuso, de inteligência e hereditariedade"*, escreve. Seu empenho no livro foi para assegurar uma base firme para a teoria nas variações de organismos no estado natural. Como ele explica, uma vez que o montante exato e o caráter preciso dessas variações são de uma importância primordial nos numerosos problemas que emergem quando se aplica a teoria para explicar fatos da natureza, *"procurei, mediante uma série de diagramas, exibir as reais variações encontradas num número suficiente de espécies"*.

Outra revisão do autor diz respeito a mudanças na disposição do assunto. *"Em vez de tratar primeiro dos pormenores de variação comparativamente difíceis e desconhecidos, começo com a luta pela vida, que é, de fato, o fenômeno basilar do qual depende a seleção natural, enquanto os fatos particulares que a ilustram são relativamente familiares e muito interessantes"*, ressalta Wallace.

A propósito, lembramos que também outro luminar da época, que se opôs a Darwin foi St. George Jackson Mivart, e sobre sua posição controversa recomendamos tanto a leitura do segundo artigo publicado neste número da Revista Criacionista, como também a dissertação de mestrado do Prof. Enézio Eugênio de Almeida Filho intitulada "A natureza das críticas de Mivart ao papel da seleção natural de Darwin na origem das espécies: Uma reconsideração histórica da controvérsia", defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2008.

A dissertação pode ser **acessada pelo** ***QrCode*** a seguir

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROF. ENÉZIO E. DE ALMEIDA FILHO

ECOS DO VELHO TESTAMENTO

O "Jornal da USP", edição da semana de 25 de junho a 1º de julho de 2012, em sua seção "Ciência", página 9, apresentou breve notícia com o título acima, de autoria de Antônio Carlos Quinto, destacando o fato de que "indígenas da Amazônia têm narrativas similares às da Bíblia", assunto esse tratado na tese de doutorado de Álvaro Fernando Rodrigues da Cunha.

Transcrevem-se, a seguir, alguns trechos da notícia, de maior interesse para nossos leitores.

A convivência com povos amazônicos, indígenas da região do Nhamundá-Mapuera e do Alto Rio Guamá, por mais de quatro anos, permitiu ao linguista e narratólogo Álvaro Fernando Rodrigues da Cunha identificar semelhanças "inesperadas" entre as narrativas dos índios e as histórias bíblicas do Velho Testamento. A partir dessa constatação, Cunha realizou cruzamentos entre as narrativas, utilizando-se de uma ferramenta que ele denominou "teoria em cruzamento para oralidade e escrituralidade".

"Estamos diante de uma nova teoria para estudos na área de ciências humanas e sociais", garante o pesquisador.

"Depois de aprender a língua daqueles povos, percebi similaridades, inclusive temporais, com 17 narrativas bíblicas. Tratando-se de povos isolados e que não possuem escrita como a *Bíblia*, é algo, no mínimo, intrigante", considera o linguista, que defendeu sua tese de doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP sobre o tema em questão.

Ele ressalta que, no período em que conviveu com os índios, entre 2002 e 2005, eles viviam praticamente isolados da civilização. "Não tenho receio em dizer que as semelhanças podem ser atribuídas a um 'elo perdido'", acredita. Segundo Cunha, as narrativas desses povos que habitam a Amazônia têm muitas coincidências com as narrativas bíblicas. "Os relatos estão apenas 'maquiados' por outras versões existentes noutras culturas", relata.

Num período do ano de 2004, Cunha conviveu com os tenetehára, que habitam o Alto Rio Guamá, no ramo ocidental da Amazônia. "Lá também foram encontradas semelhanças com as mesmas narrativas do Velho Testamento. Já entre os mawayanas, com quem vivi por cerca de seis meses, pude constatar 14 narrativas semelhantes", narra o linguista.

Outro fato relevante foi a temporalidade das narrativas "Em geral, as narrativas indígenas eram localizadas nas mesmas épocas das narrativas bíblicas", conta Cunha. Ao questionar os índios sobre onde aprenderam as histórias, todos diziam ter aprendido com seus antepassados.

Realmente, desde a época das descobertas do século XVI, exploradores e religiosos europeus que vieram para as Américas e deixaram seus relatos escritos, já haviam tornado patente essa similaridade que ora volta a ser considerada nos contatos com povos indígenas ainda isolados na Amazônia. À medida em que avança o conhecimento em todas as áreas, mais se torna patente a veracidade do relato bíblico em todos os seus aspectos, inclusive no aspecto linguístico, apontando para uma origem comum das línguas e das religiões.

Essa é a tese que vem sendo defendida também há mais de um século por Guilherme Stein Jr., como se pode constar nas suas publicações que têm sido editadas pela Sociedade Criacionista Brasileira.

Festa do Moqueado em Tribo Tenetehara

XII SEMINÁRIO SOBRE "A FILOSOFIA DAS ORIGENS" E "I ENCUENTRO DE CREACIONISMO"

A SCB teve a honra de ser convidada para realizar em Cochabamba, Bolívia, de 4 a 6 de maio deste ano, seu XII Seminário sobre a Filosofia das Origens, acoplado ao "I Encuentro de Creacionismo" patrocinado pela Universidad Adventista da Bolivia.

A programação desse Encontro duplo abrangeu os temas mencionados a seguir, abordados pelos palestrantes convidados:

Novas Perspectivas da Ciência e Novas Perspectivas no Mundo Macroscópico

Eduardo F. Lutz - Físico com Pós graduação na Universidade Friedrich-Alexander em Erlangen - Alemanha

Velhas e Novas Tendências – Confronto e Tendências

Hipólito Gadelha Remígio – Formado em Contabilidade e Direito pela Universidade de Brasília e com mestrado em Custos na mesma Universidade, Consultor de Orçamentos do Senado Federal. cursando Bacharelado em Química na UnB. Secretário da Sociedade Criacionista Brasileira.

Novas Perspectivas na História da Vida

Marcos Natal de Souza Costa - Geólogo, Doutor em Geologia pela Universidade de São Paulo. Docente do UNASP, Campus de São Paulo. Coordenador do Núcleo de Estudos das Origens do UNASP, SP.

Novas Perspectivas no Mundo Macroscópico

Marcus Vinicius da Silva Coimbra - Farmacêutico e Bioquímico, Professor Adjunto de Universidades Privadas do Distrito Federal (UNIP, UNIEURO e FACESA). Doutor em Microbiologia pela UFRJ e *Medical College of Virginia*, USA e Membro Titular da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBIO.

Novas Perspectivas na Catástrofe do Dilúvio

Nahor Neves de Souza Jr. - Geólogo, Doutor em Geologia pela USP. Docente do UNASP, Campus de Artur Nogueira. Coordenador do *Geoscience Research Institute no Brasil.*

Novas Perspectivas na Origem da Vida

Tarcisio da Silva Vieira - Bacharel em Química e Biologia, Mestrado em Química Orgânica pela Universidade de Brasília e Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins, Brasil.

Novas Perspectivas da Arqueologia do Oriente Médio

Professores Matusalém Alves de Oliveira e Washington Luís Alves de Medeiros, professores titulares da Universidade Estadual da Paraíba, fundadores do PROCA - Programa de Conscientização em Arqueologia.

As palestras foram proferidas em Português ou Espanhol, dependendo da proficiência do palestrante, tendo havido tradução simultânea quando proferida em Português.

A SCB agradece às lideranças locais pela organização primorosa do evento, que contou com a presença de cerca de 800 inscritos. Particularmente, ficam expressos aqui os agradecimentos ao Magnífico Reitor da Universidad Adventista de Bolivia, Dr. Efrain Choque, ao Decano da Facultad de Teología da Universidade, Dr. Teófilo Corrêa, e ao Dr. Paulo dos Santos, Coordenador do evento.

Programação do XII Seminário sobre a Filosofia das Origens e I Encuentro de Creacionismo TEMA: PERSPECTIVAS SOBRE AS ORIGENS COCHABAMBA - 4 a 6/05/2012			
Dia	**Hora**	**Tema**	**Palestrante**
4/5/2012 (Sexta-feira)	18h00-19h00	POR-DE-SOL e JANTAR	
	19h00-19h30	Filmes Criacionistas - Entrega de material aos participantes	SCB / Organizadores
	19h30-19h45	Abertura do Seminário	SCB / Palestrantes / Convidados Especiais / Patrocinadores
	19h45-20h00	Palestra 1: Perspectivas de planejamento, projeto e estética na natureza	Ruy Carlos de Camargo Vieira
	20h00-21h00	Palestra 2: Novas Perspectivas na Catástrofe do Dilúvio	Nahor Neves de Souza Jr.
	21h00-21h30	Discussões / Perguntas / Sorteio de brindes	SCB / Organizadores
	21h30	DESCANSO	
5/5/2012 (Sábado)	08h00-08h20	Escola Sabatina	Organizadores
	08h20-09h20	Palestra 3: Novas Perspectivas na Ciência	Eduardo F. Lütz
	09h20-09h40	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	09h40-10h40	Palestra 4: Novas Perspectivas na Origem da Vida	Tarcisio da Silva Vieira
	10h40-11h00	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	11h00-11h10	Sorteio de brindes e Intervalo	
	11h10-12h10	Culto divino: O Evolucionismo sob a ótica do grande conflito	Hipólito Gadelha Remígio
	12h10-12h30	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	12h30-14h30	ALMOÇO e DESCANSO	
	14h30-15h00	Filmes Criacionistas	SCB / Organizadores
	15h00-16h00	Palestra 6: Novas Perspectivas da Arqueologia do Oriente Médio	Matusalém Alves Oliveira e Washington Luis Alves de Menezes
	16h00-16h30	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	16h30-16h45	Sorteio de brindes e Intervalo	
	16h45-17h45	Palestra 7: Novas Perspectivas no Mundo Microscópico	Marcus Vinicius da Silva Coimbra
	17h45-18h00	Encerramento das atividades da tarde	
	18h00-19h30	JANTAR	
6/5/2012 (Domingo)	08h00-09h00	Palestra 8: Novas Perspectivas no Mundo Macroscópico	Eduardo F. Lütz
	09h00-09h20	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	09h20-10h20	Palestra 9: Novas Perspectivas no Registro Fóssil	Marcos Natal de Souza Costa
	10h20-10h40	Discussões / Perguntas	SCB / Organizadores
	10h40-10h50	Sorteio de brindes e Intervalo	
	11h10-12h30	Encerramento do Evento	SCB / Organizadores / Patrocinadores
	12h30-14h00	ALMOÇO	
	14h00-15h00	Inauguração do Mini-Centro Criacionista	SCB / Organizadores / Patrocinadores
	15h00-17h00	Mesa Redonda para Perguntas e Respostas	Todos os Palestrantes presentes
	17h00-18h00	AVALIAÇÃO DO SEMINÁRIO PELOS ORGANIZADORES / SCB E PALESTRANTES PRESENTES	

Foi este o primeiro evento da SCB realizado no exterior, e constituiu uma excelente experiência para a SCB, particularmente porque encerrou o quadragésimo ano da fundação da Sociedade com chave de ouro, incluindo um jantar de confraternização, com a apresentação do magnífico Conjunto Alvorada de música típica andina, e um bolo de aniversário!

Outro aspecto digno de nota foi a elaboração e apresentação de uma "Declaração de Consenso" cujo teor é apresentado no final desta Notícia, contendo uma manifestação de princípios criacionistas bíblicos aceitos em comum acordo pela SCB e pelos organizadores do evento.

Assinou também a Declaração o Prof. Joel Turpo, da Universidad Peruana Unión, que participou do evento com uma equipe de docentes daquela Universidade, com os quais foi mantido contato pela SCB com vistas a realizar no próximo ano um evento similar no Peru.

A convite da Universidade, os palestrantes tiveram a oportunidade de participar também de uma excursão de estudos ao Parque Nacional de Torotoro, efetuada com a companhia de alunos e professores da *Facultad de Teología*, e também da equipe de docentes da *Universidad Peruana Unión*. Numerosos aspectos arqueológicos, geológicos e paleontológicos de grande interesse puderam ser observados nessa magnífica e imponente região andina. Dentre eles, destacou-se a observação de pegadas de dinossauros em vários locais, a visita à Caverna de Umajalanta, ao *Canyon* de Torotoro e aos labirintos pétreos da Ciudad de Itas.

Palestra do Presidente da SCB

Palestra do Dr. Nahor Neves de Souza Jr.

Palestrantes na Mesa Redonda

Dr. Paulo dos Santos com sua esposa e equipe de coordenção do evento na Sessão de encerramento

Participantes, no auditório "Coliseu"

Dr. Paulo dos Santos na Sessão de Abertura

Examinando pegadas de dinossauros em Torotoro

DECLARAÇÃO DE CONSENSO

Nós, os participantes do XII Seminário "A Filosofia das Origens" e do I Encuentro de Creacionismo realizados na Universidad Adventista de Bolivia, em Vinto, Cochabamba, Bolívia, nos dias 4 a 6 de maio de 2012, depois de assistir as apresentações da temática criacionista, consignamos esta declaração de consenso, na qual, em harmonia com as crenças bíblicas sustentadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, reafirmamos o seguinte:

1. Deus é o Criador de todas as coisas e revela nas Escrituras o relato autêntico de Sua atividade criadora. O Senhor fez em seis dias "os céus e a terra" e todo ser vivo que neles habita. Gênesis 1 e 2.
2. Mesmo não dependendo de matéria para Sua obra criadora, já que "Ele disse e foi feito", Deus é o Criador de toda matéria, já que "sem Ele, nada do que foi feito se fez". Salmo 33:9, Jo 1:3.
3. Os mistérios da criação, tais como nos são apresentados e a amplitude do Criacionismo bíblico nos levam a reconhecer com humildade a grandeza dAquele "que fez a terra com Seu poder, Ele que estabeleceu o mundo com Sua sabedoria e com Sua inteligência estendeu os céus". Jeremias 10:12.
4. As evidências pétreas e os impressionantes registros fósseis em um processo rápido evidenciam uma atividade catastrófica que está em harmonia com o registro bíblico do dilúvio universal. Gênesis 7, 8.
5. O livro de Apocalipse não somente chama nossa atenção a um Deus Criador, mas afirma também que devemos adorá-lO como Criador. A forma mais adequada para adorar a Deus como Criador é adorá-lO em Seu dia, dia este que Ele separou como monumento comemorativo da criação: o Sábado. Apocalipse 14:7, Êxodo 20:8-11.

Conjunto Alvorada

Bolo de Aniversário

Comissão de Redação

Presidente:
Dr. Teófilo Correa
Secretário:
Dr. Paulo dos Santos
Representantes:
Dr. Efrain Choque (UAB)
Dr. Ruy C. C. Vieira (SCB)
Mag. Joél Turpo (UPeU)

XIII SEMINÁRIO "A FILOSOFIA DAS ORIGENS"

Dando continuidade à série de Seminários "A Filosofia das Origens", está programado para ser realizado no Rio de Janeiro o XIII Seminário, nos dias 18 e 19 de agosto próximo.

O evento será realizado no Salão Imperador do "Rio`s Presidente Hotel", situado à Rua Pedro I, 19 – Centro, Rio de Janeiro – RJ e contará com a participação dos seguintes palestrantes convidados:

Eduardo F. Lutz

Graduado em Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com Especialização em Matemática, Informática e Educação. Pós-Graduação em Física (áreas de concentração: Física-Matemática, Astrofísica, Física Nuclear).

Enézio E. de Almeida Filho

Bacharel em Letras, pela Universidade Federal do Amazonas, especializado em Inglês e Literatura Estrangeira, Mestrado e Doutorando em História da Ciência – PUC-SP. Coordenador do Núcleo Brasileiro de *Design* Inteligente.

Marcos Natal de Souza Costa

Graduado em Geologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Geologia (Área de Geologia Econômica) pela UFMG. Doutor em Geologia (Área de Geologia Econômica) pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor de Geologia e Paleontologia do UNASP, Campus São Paulo, Coordenador do Núcleo de Estudos das Origens do UNASP.

Marcus Vinicius da Silva Coimbra

Graduado em Farmácia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Mestrado em Microbiologia e Imunologia pela UFRJ e Doutorado em Microbiologia pela *Virginia Commonwealth University* – USA.

Nahor Neves de Souza Junior

Geólogo, com Doutorado em Geotecnia pela USP, professor de Geologia e Mecânica das Rochas na UNESP e USP, e de Ciência e Religião no UNASP – CII. Coordenador do *Geoscience Research Institute* no Brasil e da publicação "Ciências das Origens" em parceria com a Sociedade Criacionista Brasileira.

Tarcisio da Silva Vieira

Bacharel em Química e Biologia, pela Fundação de Ensino Superior de Rio Verde, com Mestrado em Química Orgânica pela Universidade de Brasília, Professor concursado no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins.

A programação prevista consta do quadro sequinte:

Programação			
1º DIA			
18/08/2012 (Sábado)	07h00-08h00	Recepção – filmes no auditório	SCB
	08h00-08h20	Abertura do Seminário	Palestrantes / Convidados Especiais / Patrocinadores
	08h20-09h20	Palestra: A Filosofia das Origens	Nahor Neves de Souza Jr.
	09h20-09h50	Discussões / Perguntas / Sorteio de brindes / Informações	SCB / Organizadores
	09h50-10h00	Intervalo e Sorteio	
	10h00-11h30	Palestra: Datação Radiométrica sob várias perspectivas	Tarcisio da Silva Vieira / Marcos Natal de Souza Costa/ Eduardo Lütz
	11h30-12h00	Discussões / Perguntas / Sorteio de brindes / Informações	SCB / Organizadores

Programação			
1º DIA			
18/08/2012 (Sábado)	12h00-14h00	Intervalo para o Almoço	
	14h00-14h15	Filmes Criacionistas	SCB
	14h15-15h15	Palestra: Novas Perspectivas no Mundo Microscópico	Marcus Vinicius da Silva Coimbra
	15h15-16h15	Palestra: A reação da Nomenklatura científica contra os dissidentes de Darwin	Enezio E. de Almeida Filho
	16h15-16h30	Intervalo e Sorteio	
	16h30-17h30	Palestra: As Grandes Províncias Ígneas	Nahor Neves de Souza Jr.
	17h30-18h30	Sessão de Perguntas e Respostas / Informações	Todos os Palestrantes presentes / Organizadores
	18h30-19h00	Lançamento de publicações da SCB e Homenagem Especial 40 anos	SCB / Organizadores
	19h00	Fim das Atividades do Dia	
2º DIA			
19/08/2012 (Domingo)	08h00-09h00	Palestra: Evolução do Conceito de Ciência	Eduardo F. Lütz
	09h00-10h00	Palestra: Novas Perspectivas na Origem da Vida	Tarcisio da Silva Vieira
	10h00-10h15	Intervalo e Sorteio	
	10h15-11h15	Palestra: Incompatibilidades do Registro Fóssil com o Neodarwinismo	Marcos Natal de Souza Costa
	11h15-13h00	Mesa Redonda e Perguntas e Respostas / Sorteio de Brindes	Todos os Palestrantes / SCB
	13h00-13h30	Encerramento do Seminário	SCB / Organizadores / Patrocinadores

Local da realização do XIII Seminário "A Filosofia das Origens"

INTERPRETAÇÕES ENGANOSAS DE FÓSSEIS

Em complementação ao artigo "155 Anos Perdidos", de autoria do Prof. Roberto C. Azevedo, publicado neste número da Revista Criacionista, inserimos a seguir a transcrição de um trecho do livro "O Engano do Evolucionismo", de autoria de Harun Yahya, publicado na forma de "e-book" pela SCB.

Entendemos que é de grande importância este texto, para alertar os incautos que não atentam para toda a componente artística envolvida nas reconstruções de seres fósseis, que passam a ser consideradas como "verdades científicas"!

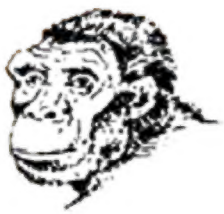
Antes de entrar em detalhes sobre o mito da evolução humana, precisamos fazer menção ao método de propaganda que tem convencido o público em geral quanto à ideia de que no passado existiram criaturas simiescas semi-humanas. Esse método de propaganda utiliza "reconstruções" feitas a partir de restos fósseis. Reconstruções podem ser feitas na forma de desenhos, ou modelos, do ser que viveu no passado, com base em ossos – às vezes um único osso, ou até só um fragmento – que foram desenterrados. O "homem-macaco" que vemos nos jornais, revistas ou filmes é somente uma reconstrução.

Como os fósseis usualmente encontram-se incompletos e desordenados, qualquer conjectura baseada neles é totalmente especulativa. De fato, as reconstruções (desenhos ou modelos) feitas pelos evolucionistas com base em restos fósseis são preparadas de forma especulativa exatamente visando validar a tese evolucionista. Darwin R. Pilbeam, antropólogo de Harvard, ressalta esse fato dizendo que "pelo menos na paleoantropologia, os dados ainda são tão esparsos que a teoria influencia drasticamente as interpretações. **No passado as teorias refletiram claramente nossas ideologias em voga, e não os dados reais**". [1] Como as pessoas são altamente afetadas pela informação visual, essas reconstruções servem bem ao propósito dos evolucionistas, que é convencer o povo que essas criaturas reconstruídas realmente existiram no passado.

Neste ponto temos que destacar um particular: as reconstruções feitas com base em ossos remanescentes podem revelar somente as características muito gerais dos seres, já que os reais detalhes distintivos são tecidos moles que rapidamente se deterioram. Assim, com a interpretação especulativa dos tecidos moles, os desenhos ou modelos

Três Reconstruções Diferentes Baseadas no Mesmo Crânio

Sunday Times
5 de abril de 1964



Desenho feito por Maurice Wilson

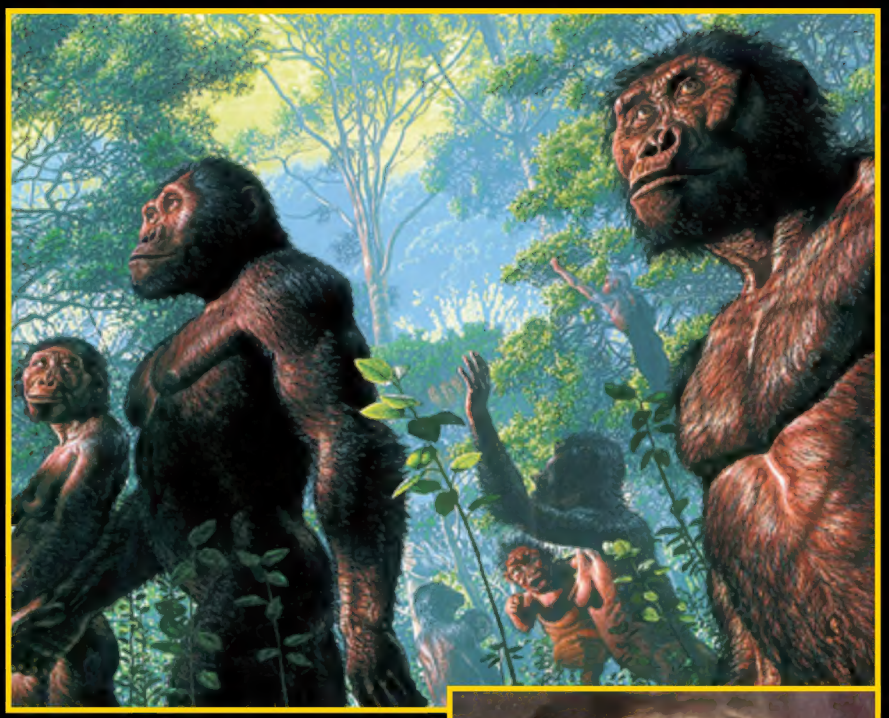
Reconstrução feita por N. Parker
***National Geographic*, Setembro de 1960**

da reconstrução ficam inteiramente dependentes da imaginação da pessoa que os faz. Earnst A. Hooten, da Universidade Harvard, explica desta maneira a situação:

"Tentar restaurar as partes moles é uma tarefa ainda mais aleatória. Os lábios, os olhos, as orelhas, e a ponta do nariz não deixam vestígios nas partes ósseas. ***Com a mesma facilidade pode-se modelar sobre um crânio neandertalóide as características de um chimpanzé ou a silhueta de um filósofo. As alegadas restaurações de tipos de seres humanos antigos têm muito pouco valor científico, se tiverem algum****, e servem somente para iludir o público. ... Portanto, não depositem confiança nas reconstruções".*[2]

Na realidade, os evolucionistas inventam essas "histórias absurdas" que chegam até a atribuir diferentes rostos para o mesmo crânio. Por exemplo, os três diferentes desenhos de reconstrução feita para o fóssil conhecido como ***Australopithecus robustus*** (**Zinjanthropus apresentados na página anterior**) são famosas ilustrações desse tipo de invenção.

A interpretação preconceituosa de fósseis ou a fabricação de muitas reconstruções imaginárias, pode ser indicativa de quão frequentemente os evolucionistas têm recorrido a artifícios. Contudo, esses que consideramos parecem ser inocentes quando comparados com as falsificações deliberadas que têm sido perpetradas no decorrer da história da Teoria da Evolução.



Em desenhos e reconstruções, os evolucionistas deliberadamente dão forma a características que realmente não deixam qualquer vestígio nos fósseis, como por exemplo a estrutura do nariz e dos lábios, a forma do cabelo e das sobrancelhas, e dos pelos do corpo, só para apoiar a Teoria da Evolução. E também preparam desenhos detalhados descrevendo essas criaturas imaginárias caminhando com sua família, caçando, ou em outras atitudes da vida comum. Entretanto, esses desenhos são ficções provenientes da imaginação, e não têm fundamento no registro fóssil.

REFERÊNCIAS

1. David R. Pilbeam, "Rearranging Our Family Tree", *Nature*, June, 1978, p. 40.
2. Earnest A. Hooton, *Up From The Ape*, New York: McMillan, 1931, 332.

ISSN 2526-3948

À Procura da Evolução Humana 150 anos perdidos

50 anos	1856	*Neandertal* – humano – transformado em macaco, após Darwin (crânio)
	1859	Darwin publica "A Origem das Espécies"
	1868	*Cro-Magnon* – humano moderno (crânio)
	1891	Homem de Java – *Pithecanthropus* – macaco (calota)
	1906	
50 anos	1907	
	1912	*Piltdown* – *Eoanthropus* – fraude (crânio)
	1922	Homem de Nebraska - *Hesperopithecus* (dente) – porco – pecari (crânio de porco)
	1925	Taung, *Australopithecus* – infante de macaco (crânio sem crista sagital)
	1927	Homem da China – *Sinanthropus* (humano?)
	1936	Paranthropus – macaco macho (crânio com crista sagital)
	1956	
50 anos	1957	
	1959	*Zinjanthropus* – macaco macho (crânio com crista sagital)
	1960	*Homo habilis* – desde 1999, *Australopithecus habilis*, macaco fêmea (crânio sem crista sagital)
	1974	Lucy – *Australopithecus afarensis* – macaco fêmea (crânio sem crista sagital) *Australopithecus robustus* – macaco macho (crânio com crista sagital) *Australopithecus africanus* – macaco fêmea (crânio sem crista sagital)
	1994	*Ardipithecus ramidus* – macaco (só mandíbulas e dentes)
	1995	*Australopithecus anamensis* - Quênia
	2002	*Sahelanthropus tchadensis* – macaco fêmea (crânio sem crista sagital)
	2004	*Homo floresciensis* 1m, crânio 417 cm^3
	2006	*Australopithecus anamensis* datado em 4,2 MAR